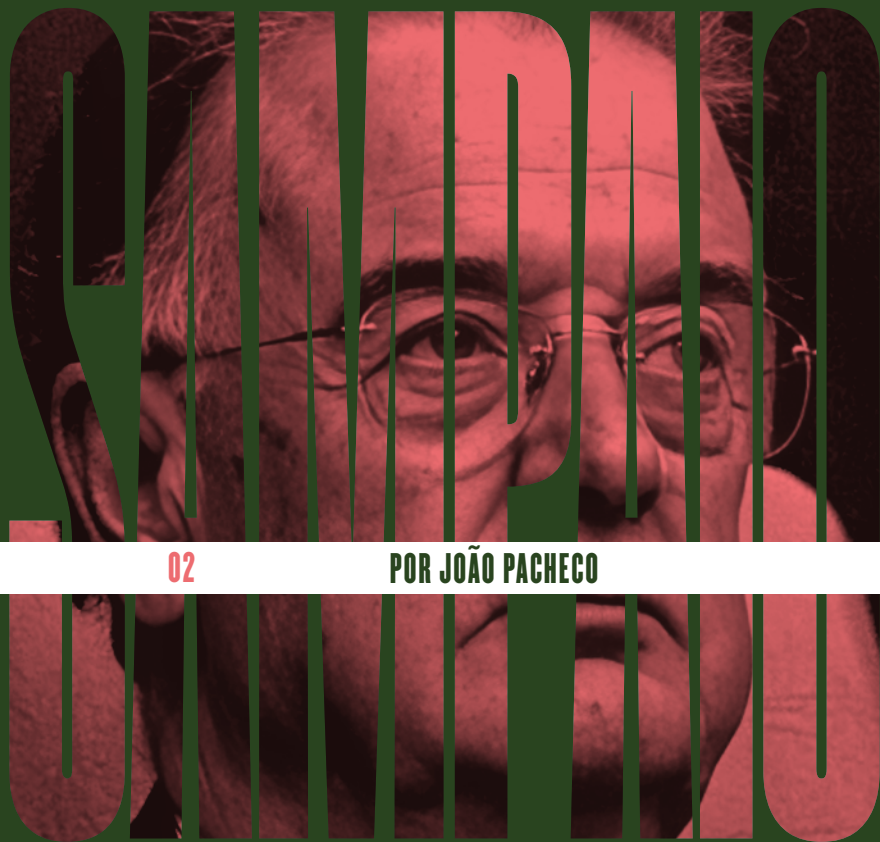


JORGE



02

POR JOÃO PACHECO

SAMPAIO

RETRATOS POLÍTICOS III

BREVES BIOGRAFIAS DE POLÍTICOS PORTUGUESES

SÁBADO

JORGE

SAMPAIO

SAMPAIO

POR JOÃO PACHECO

SÁBADO

Coordenação editorial

João Pombeiro

Revisão

João Alexandre

Capa e paginação

PixelReply.pt

Fotografia de capa

Adriano Miranda/Fotobanco.pt

RETRATOS POLÍTICOS III

Breves Biografias de Políticos Portugueses

é uma série editada pela Reverso em exclusivo para a revista SÁBADO.

© Reverso, 2026 | Medialivre, 2026

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

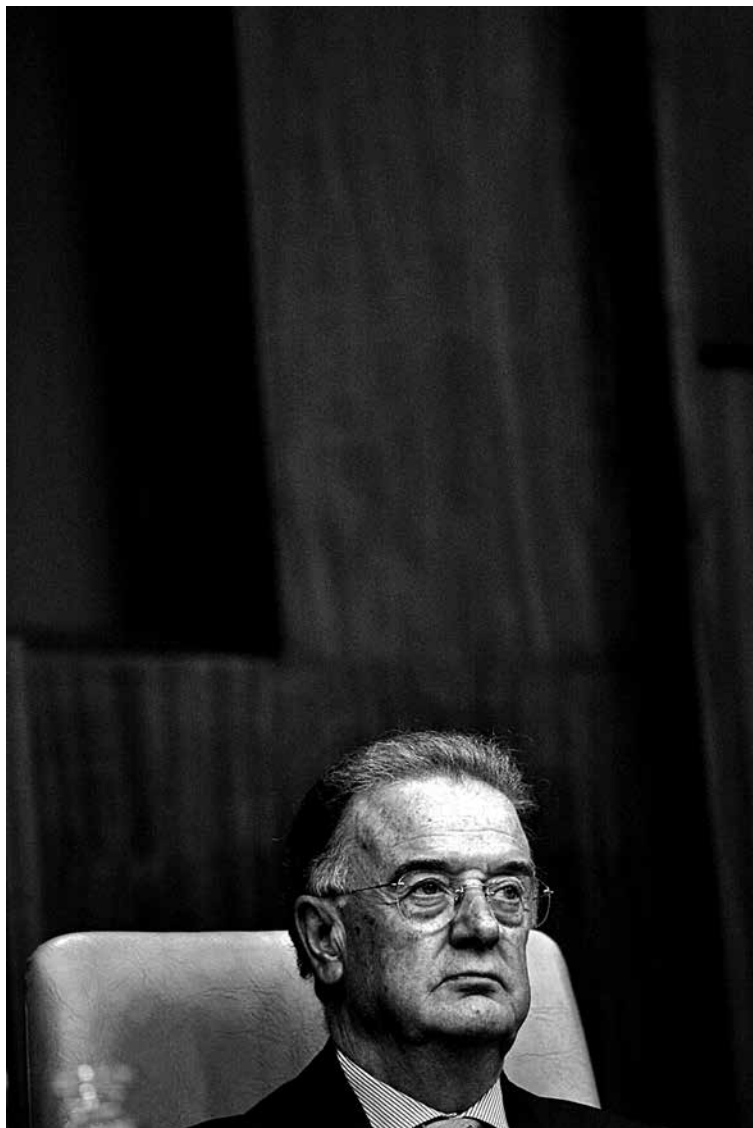
Depósito legal: 560214/26

ISBN: 978-989-9080-40-9

Impresso em março de 2026 na Norprint.



WWW.REVERSOEDITORA.PT



Jorge Sampaio, Presidente da República, na abertura do ano letivo do Instituto da Defesa Nacional, 29 de novembro de 2004.

**TODOS SÃO
NECESSÁRIOS**

ÍNDICE

11	ANTES DA PÁGINA TRINTA
15	HÁ LEI E ORDEM NUM CEMITÉRIO
29	SANTA LIBERDADE
51	NO CÉU CINZENTO
63	VINTE E CINCO DE ABRIL SEMPRE
75	A JOGAR PELO PS
95	POR LISBOA
113	PRESIDENTE SAMPAIO
119	AGRADECIMENTOS E FONTES PRINCIPAIS

1939-1956

ANTES DA PÁGINA TRINTA

Um dia, Jorge será fotografado em pose de maestro. Antes de ter nascido primeiro o filho Jorge e depois o filho Daniel, Fernanda Bensaúde Branco Sampaio já sabia que um bom romance tem de nos agarrar antes da página trinta. Caso contrário, mais vale procurarmos outras leituras.

Além de ser uma grande escritora de cartas, Fernanda era frequentadora habitual de páginas de romances, sobretudo em inglês e em português. Ao longo da vida, repetirá aos filhos esta regra pessoal, sobre o benefício da dúvida que se deve dar às primeiras trinta páginas de cada romance. Attingida essa fronteira, decide-se que vale a pena continuarmos a leitura. Ou então, apercebemo-nos do contrário: «Não é bom, não me agarrou, pego noutro.». Estes princípios de leitora são lembrados em 2026 pelo filho mais novo de Fernanda, Daniel Sampaio.

Em setembro de 1939 | Entre os autores favoritos de Fernanda estão Albert Camus, D.H. Lawrence ou John Steinbeck. E também Ernest Hemingway, que anda agora a escrever o livro *Por Quem os Sinos Dobram*, em setembro de 1939.

Quando este mês se encaminhar mais para o fim, o escritor chegará de noite a um alojamento turístico, no estado norte-americano do Idaho. Hemingway virá acompanhado

pela escritora e correspondente de guerra Martha Gellhorn. A bordo do descapotável preto, com John e Martha viajam também a máquina de escrever e o manuscrito do novo livro de Hemingway. E material de pesca e de caça. E muito livros.

O menino chama-se Jorge | Em Lisboa, a ditadura portuguesa não escolherá um dos lados, na guerra iniciada há dias pelo ditador alemão Adolf Hitler, com a invasão da Polónia. Começou a Segunda Guerra Mundial e parte da Polónia será também invadida por forças da União Soviética, liderada pelo ditador Estaline. Para já, a ditadura portuguesa de António de Oliveira Salazar persegue quem anda a açambarcar bens, em particular alimentos. Essa perseguição legal é divulgada nos jornais, onde só podem ser publicadas notícias que passem pelo crivo da censura prévia oficial. A Segunda Guerra Mundial começou no início deste mês. Mas Fernanda não está aqui hoje para ler romances nem notícias de jornal sobre a guerra, tenham ou não sido alvo de censura. Fernanda é a mãe do bebé ruivo que nasce agora, a 18 de setembro de 1939.

É um menino, chama-se Jorge Fernando Branco de Sampaio. Aos 22 anos, Jorge passará um par de noites como preso político na Prisão de Caxias, décadas antes de ser eleito Presidente da República portuguesa. Mas para já, tudo isso pertence ao futuro.

O ramo pobre dos Bensaúde | Para o nascimento do primeiro filho, a mãe de Jorge Sampaio escolheu a Maternidade Abraão Bensaúde. Fica na Rua da Beneficência, em Lisboa. É um sítio procurado por mães solteiras e por mães pobres. E também por mães perseguidas pela ditadura.

Nenhuma dessas circunstâncias difíceis trouxe aqui a mãe deste bebé. Fernanda é casada com o médico Arnaldo Sam-

paio, nascido na aldeia minhota de Gémeos, numa família de lavradores. Terá havido motivos familiares para o casal escolher este local de parto. Esta é uma maternidade fundada com dinheiro da família de Fernanda. A mãe do bebé é filha de Fernando Branco e de Sarah Bensaúde, e bisneta pelo lado materno de Esther Amiel e de Abraão Bensaúde, que terá sido o primeiro da família a chegar a Portugal, ao desembarcar em 1819 no arquipélago dos Açores.

O comerciante de tecidos Abraão Bensaúde nascera em 1790 em Marrocos, na cidade de Rabat. Há-Sib'Oni era o apelido original desta família de judeus sefarditas, que saíra de Espanha em 1492, quando os judeus foram expulsos do reino.

Mais de três séculos depois, a família fez fortuna nos Açores. Já em Portugal continental, Fernanda Bensaúde Branco Sampaio haveria de dizer aos dois filhos que este é o ramo pobre dos Bensaúde. Com «ramo pobre», Fernanda estaria a dizer «ramo remediado». Era assim que se autodefiniam muitos portugueses que faziam parte da classe média e que viviam em condições muito melhores do que a maior parte da população.

Como vem nos filmes | Agora que Jorge Sampaio nasceu, passaram 31 anos desde o regicídio de 1908. A Monarquia terminou em Portugal há quase 28 anos. Acabado o período turbulento da I República, desde 1926 que o país vive sob uma ditadura (golpe militar de 28 de maio). Em Portugal, o ditador é agora o ex-seminarista e antigo professor de Economia António Oliveira Salazar. O regime inspirou-se de início no fascismo italiano do ditador Benito Mussolini. E tem também afinidades com a ditadura alemã, racista e de extrema-direita, liderada por Adolf Hitler. O agora avô ma-

terno e futuro padrinho de batismo do bebé é Fernando Augusto Branco, militar na Marinha. O casamento com Sarah Bensaúde dera problemas ao casal, por Fernando ser católico e Sarah judia. «Apaixonou-se por um oficial de Marinha, como vem nos filmes. Ela estava à janela, ele passava fardado. E ela apaixonou-se. Mas foi muito criticada na família judia, por casar com um católico», conta agora Daniel Sampaio.

A máscara mortuária de Salazar | Vinte e oito anos antes do nascimento do menino Jorge, o agora avô materno Fernando fizera parte em 1913 da tripulação que trouxe de Itália para Portugal o primeiro submarino português, o Espadarte. A seguir à I Guerra Mundial (1914-1918), Fernando Augusto Branco fora enviado como adido naval para a Embaixada de Portugal em Londres, quando o embaixador português era Manuel Teixeira Gomes, que viria a ser Presidente da República. Essa estadia da família no Reino Unido haveria de marcar a educação das duas filhas de Fernando e Sarah, que ficariam ligadas à anglofonia e à cultura britânica.

Já de regresso a Lisboa, o agora avô Fernando Branco participara no golpe de 28 de maio de 1926. E fora a seguir ministro dos Negócios Estrangeiros, entre janeiro de 1930 e junho de 1932, no governo do general Domingos de Oliveira, de que fazia parte o então ministro das Finanças e futuro ditador António de Oliveira Salazar.

No registo civil, a madrinha e o padrinho de Jorge são os cunhados do pai e da mãe do menino, a pintora Regina Duarte Santos e o escultor António Duarte. Décadas depois, a máscara mortuária de Salazar e os moldes da mão direita haveriam de ser criações do tio António Duarte.

Jorge Sampaio foi batizado a 26 de novembro de 1939 na igreja de São Sebastião da Pedreira, em Lisboa. A madrinha

foi a tia Regina e o padrinho foi o avô paterno.

Papelaria Progresso | De início, o pai de Jorge montou um consultório de clínica geral em Sintra, onde a família vivia. A mãe dominava cinco línguas e dava explicações de Inglês em casa.

«As minhas primeiras recordações do Jorge têm o cenário magnífico da casa de Sintra onde vivia, do jardim de cima e da quinta onde havia de tudo, até alcachofras que a avó [Sarah] mandara semear. Era nesse jardim que florescia na luz intensa do verão a bela coleção de begónias tuberosas.» Este relato está no livro de depoimentos *Era uma Vez Jorge Sampaio – Histórias e Imagens*, de 2022, escrito por Filipe Duarte Santos, filho da tia Regina e do tio António e primo direito de Jorge Sampaio. Sobre o avô Fernando Augusto Branco, Filipe escreve que Fernando era «filho de Clovie Margarida Lemaine, de origem francesa, e de Marcellino Augusto Branco, nascido em Alfama, um comerciante de sucesso que fundou a Papelaria Progresso na Rua do Ouro, adquiriu duas magníficas moradias em Lisboa, na Avenida Duque de Ávila e na Rua do Salitre, e um palacete em Sintra na Rua Dr. Alfredo da Costa».

Café Elite | Seriam de Sintra as primeiras memórias de Jorge Sampaio. Eram as fitas adesivas nos vidros das janelas de casa, para o caso de Portugal vir a ser bombardeado pela Luftwaffe de Hitler. «Nos comboios da Linha de Sintra havia, nesse tempo, lugares quase marcados, com uma divisão nítida. De um lado os pró-Aliados e do outro os pró-Eixo», havia de contar Jorge Sampaio numa entrevista a Maria João Seixas, publicada em junho de 2004 no jornal *Público*.

Quando Jorge nasceu, o pai era médico de clínica geral, com consultório em Sintra. Esse contexto social haveria de

marcar Arnaldo Sampaio, conta agora o irmão de Jorge, Daniel Sampaio. «Houve uma altura em que teve muita clínica. Andava de um lado para o outro a ver doentes, tinha muitos que não podiam pagar. Pagavam em ovos, em perus no Natal. Nós tínhamos um jardim e uma pequena quinta, chegámos a ter quinze perus que eram oferecidos vivos na altura do Natal. E tínhamos ovos e produtos hortícolas, porque ele muitas vezes não podia cobrar dinheiro. Acho que essa experiência de contacto com a população muito pobre lhe despertou o interesse pela Saúde Pública, que era uma coisa sobre a qual não se falava muito.»

Em Sintra, de vez em quando Arnaldo Sampaio ia até ao Café Elite «falar de nada», como dizia à família. Os nomes das pessoas com quem o doutor Sampaio falava no Elite eram apontados por informadores ao serviço da polícia política da ditadura, que em 1945 passaria a chamar-se Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE).

«**O Cenoura**» | Ainda durante a Segunda Guerra Mundial, Jorge é inscrito no colégio inglês Queen Elizabeth's School, a 9 de outubro de 1944, poucos dias depois de fazer cinco anos. A escola fora fundada em Lisboa nove anos antes e funciona desde 1940 na Rua da Quintinha.

Agora que está na escola, a casa da família em Sintra fica longe para o quotidiano da criança. Jorge passa viver em casa da avó materna Sarah Bensaúde, que ficara viúva há quatro anos, em 1940. A casa da avó Sarah é em Campo de Ourique, na Rua Almeida e Sousa. No mesmo pequeno andar alugado, além da avó Sarah mora a criada conhecida como Assunção, apesar de se chamar Ascensão. Por haver pouco espaço, Jorge dorme num sofá-cama instalado na sala de jantar, onde também come e estuda.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Queen Elizabeth's School conta entre os alunos com muitos filhos de refugiados. A seguir à guerra, a fundadora de escola Denise Lester será condecorada pelo Rei Jorge VI de Inglaterra, por serviços prestados ao Reino Unido.

No colégio, Jorge é conhecido como «o Cenoura», por ter o cabelo ruivo. De início, a educadora de Jorge Sampaio é Maria Rey Monteiro, filha do ator e encenador Robles Monteiro e da atriz Amélia Rey Colaço. A agora educadora Maria Rey Monteiro terá a estreia no Teatro Nacional dois anos mais tarde, na peça de Sófocles *Antígona*, com adaptação de Júlio Dantas. Para já, na sala de aula de Maria Rey Monteiro, Jorge partilha a carteira com Miguel Monjardino, que virá a ser médico.

Uma única vez, Jorge é castigado com uma bengalada por Miss Lester, a diretora. Ao saber disso, o pai vai ao colégio. E diz que não autoriza castigos corporais ao filho, a quem o próprio pai não bate, ao contrário do que é comum em muitas famílias portuguesas.

Um hambúrguer e um gelado | A vida da família mudará muito a partir do outono de 1947. Durante um ano, Jorge viverá na cidade norte-americana de Baltimore, com o pai e a mãe. O irmão Daniel tem um ano quando Jorge parte com os pais. Daniel fica em Lisboa, entregue aos cuidados da avó Sarah. Jorge fará oito anos nesse dia da partida para os Estados Unidos. O pai de Jorge e Daniel é agora chefe dos serviços de bacteriologia sanitária do Instituto Ricardo Jorge, em Lisboa. Nos Estados Unidos irá fazer um mestrado em Saúde Pública.

Em Baltimore, Jorge dorme de novo num sofá-cama instalado na sala, porque a casa tem apenas um quarto. É inscrito na escola pública, onde será o único aluno estrangeiro da tur-

ma. Tem aulas de boxe, de natação e de piano. A música em geral e a música clássica em particular serão uma paixão para este rapaz português, pela vida fora. Jorge costuma almoçar sozinho junto à escola, por regra um hambúrguer e um gelado com cobertura de chocolate. É nos Estados Unidos que vê pela primeira vez televisão. Em Portugal, ainda falta uma década para o início das emissões regulares da RTP.

O grande animador das festas | O regresso de Jorge a Portugal acontece antes do final do mestrado do pai, que continua em Baltimore com a mãe. O rapaz viaja sozinho de avião, para chegar a Lisboa semanas antes do exame da 3.^a classe. Vai viver nessa altura para casa da tia Regina Branco e do tio António Duarte, que moram na mesma rua que a avó Sarah, no bairro lisboeta de Campo de Ourique. «Foram tempos divertidos de grande camaradagem, animados pelas pistolas vistosas, pelos fulminantes e pelo equipamento de basquetebol trazidos por um Jorge americanizado», escreve o primo Filipe Duarte Santos no livro de depoimentos publicado em 2022. «Nesses tempos o auge do ano eram os festejos de Natal na quinta de Sintra. O Jorge era o grande animador das festas, com a sua facilidade em representar, fazer imitações, contar anedotas e tocar piano. O peru confeccionado pela Asunção sob a direção da avó era um momento importante. Ao fim da ceia havia os *Christmas crackers*, de tradição londrina, a anunciar a ansiada distribuição dos presentes».

A partir do exame da 3.^a classe, Jorge começa a cruzar-se com outro estudante que também vai todos os anos fazer os exames a escolas públicas. Chama-se Jorge Santos e será presença constante nesses momentos. Depois entrarão os dois para a Faculdade de Direito de Lisboa, daqui uma meia-dúzia de anos. E serão amigos pela vida fora.

O Chevrolet | No regresso do pai e da mãe dos Estados Unidos, Arnaldo Sampaio trará um carro norte-americano, que fica retido na alfândega, apesar de o novo proprietário ter tratado de tudo no Consulado português, antes da viagem. Para poder usar o Chevrolet em Portugal, Arnaldo irá até ao gabinete do ministro das Finanças Costa Leite, mais conhecido como Lumbrales. Os filhos do ministro tinham sido tratados pelo doutor Sampaio no verão, em Sintra. Tudo se resolve, com o pai de Jorge e Daniel a poder depois conduzir o Chevrolet até à casa de Sintra.

Lá em casa, será comum ouvir-se Jorge a falar com a mãe em inglês. Arnaldo assinará as revistas *Newsweek* e *Time* e haverá sempre em casa jornais portugueses, como o *Diário de Lisboa*. Quando o tempo está viável, um grupo de família e amigos costuma ir à Praia das Maçãs, de elétrico, com farnéis para passar por lá o dia. As férias da Páscoa e as férias grandes são no Minho, com a família paterna.

Estender a mão e não olhar | O Minho terá uma influência familiar forte, através do pai Arnaldo Sampaio. Havia produção de vinho verde na família, conta Daniel Sampaio. «O vinho vinha de comboio e era recolhido pelo caseiro de Sintra, que o engarrafava numa parte da casa. Nem eu nem o Jorge gostávamos muito daquele vinho. Éramos já adultos e não gostávamos muito de vinho verde tinto. O meu pai, sistematicamente ao domingo, comia bacalhau. Só ele é que comia o bacalhau, porque nós não gostávamos. A minha mãe é que cozinhava ao domingo, porque ao domingo não tínhamos empregada. Cozinhava só para ele o bacalhau, com couves e ovo cozido. Domingo ao almoço nós comíamos outra coisa, a minha mãe e nós os dois. E ele comia o bacalhau feito propositadamente para ele, acompanhado pelo vinho.»

A ligação entre Arnaldo e Fernanda chegava a um ponto de militância, conta Daniel Sampaio, por exemplo em situações posteriores, em que as iniciativas de Arnaldo Sampaio como diretor-geral de Saúde podiam desagradar a algumas pessoas. «A minha mãe cumprimentava as pessoas todas. Mas, às pessoas que diziam mal do marido, estendia a mão e virava a cara. E o meu pai dizia:

– Ó Fernanda, não achas melhor não cumprimentar as pessoas?

– É muito pior estender a mão e não olhar. Assim é que a pessoa sente mesmo que eu estou contra ela.»

«**Dossier de Lutas e Incompreensões**» | De algumas situações dignas de registo, Arnaldo Sampaio ia colecionando um «*Dossier de Lutas e Incompreensões*», que está dado como desaparecido. «Era uma pasta de plástico onde metia os documentos», conta o filho Daniel. «Depois passou para uma pasta tipo "francês", uma pasta de cartão em que uma parte entra dentro de outra parte. Só partilhava com a minha mãe. Falava disso, mas a minha mãe é que organizava. A minha mãe era uma pessoa muito organizada. Ele falava disso e ela depois punha dentro desse dossiê. O meu pai sempre foi um lutador, foi absolutamente pioneiro. Porque na altura, estamos a falar de 1947, não era fácil uma pessoa sair e ir para os Estados Unidos e trabalhar na Universidade de Johns Hopkins. Esteve lá um ano e não havia subsídios nem apoios. Foram com dificuldades. A minha mãe aí foi muito importante, porque falava muito bem inglês e ajudou muito o meu pai. Mesmo a estudar, estudava com ele. E depois foram a Inglaterra, quando eu tinha seis anos. Em 1952, seis meses. A minha mãe organizava muito a vida do meu pai, o meu pai não era nada arrumado. E, muitas vezes, ele dizia: "Va-

mos fazer uma hora de organizações". Para pôr as coisas em ordem. O "*Dossier de Lutas e Incompreensões*" eram coisas que ele queria guardar. Coisas que ele dizia que não tinham compreendido bem.»

Exame de aptidão com 11 valores | No outono de 1949, Jorge começa as aulas no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa. A família inscrevera-o no Colégio Militar, mas Jorge chumbara no exame de admissão. O chumbo terá acontecido por motivos políticos, por o médico Arnaldo Sampaio ser visto pelo regime como opositorista.

Durante os anos de liceu, Jorge volta a viver em Campo de Ourique, com a avó Sarah. E a parte final do liceu será feita no Liceu Passos Manuel, porque quem quiser ir para Direito não pode ficar no Liceu Pedro Nunes até ao fim.

Em julho de 1955, Jorge faz o exame de aptidão com 11 valores e entra para o curso de Direito, em Lisboa. Passará agora a dormir em Sintra em casa dos pais, deixando a casa da avó Sarah para o irmão Daniel, que passará a estudar em Lisboa, no Liceu Pedro Nunes.

Para Jorge e para outros 250 alunos do primeiro ano de Direito, as aulas do ano letivo de 1956/1957 estão quase a começar.

Daqui a quatro décadas, Jorge Sampaio será retratado pelo fotógrafo Eduardo Gageiro, meses antes de ser eleito Presidente da República pela primeira vez. Nessa fotografia, Sampaio aparecerá feliz na pose de maestro, virado para a máquina fotográfica de Gageiro, como se ali estivesse uma orquestra invisível aos nossos olhos. Isso será já em julho de 1995. Agora, neste outono de 1956 em que entra para a faculdade, como irá mudar a vida de Jorge?

1956-1961

HÁ LEI E ORDEM NUM CEMITÉRIO

Entre a casa em Sintra e a Faculdade em Lisboa, Jorge costuma mover-se de comboio. É uma hora para lá e uma hora para cá, fora os dias em que dá para apanhar boleia do pai. Arnaldo Sampaio deixara de exercer como médico em 1956, abandonando o consultório em Sintra para se dedicar em exclusivo ao cargo de Inspetor Superior de Saúde, em Lisboa. E o novo posto de trabalho no Instituto Superior de Higiene fica no Campo dos Mártires da Pátria, próximo da Faculdade de Direito.

Populares pregões matinais | Ao longo de 1956, a mãe e o pai de Jorge e de Daniel tinham passado nove meses nos Estados Unidos, onde Arnaldo Sampaio estudara sobretudo na Escola de Saúde Pública de Harvard. Nos Estados Unidos, o Presidente é Dwight D. Eisenhower. A televisão já faz parte do quotidiano de muitas famílias, que dois anos antes tinham podido acompanhar nos ecrãs caseiros os 36 dias de audições políticas lideradas por Joseph McCarthy, no auge de uma campanha inquisitorial anticomunista que ficaria conhecida como macarthismo.

Em 1956, entre as músicas mais compradas em disco e ouvidas nas rádios nos Estados Unidos, destacam-se sucessos musicais de um *sex symbol* quatro anos mais velho do que

Jorge. Chama-se Elvis Presley e canta «Don't Be Cruel» ou «Heartbreak Hotel». Mas este período norte-americano de Fernanda e Arnaldo também coincide com o grande sucesso alcançado pelo tema musical «Lisbon Antigua», sobretudo na versão de Nelson Riddle And His Orchestra. O tema parte de um «fado marcha» criado em Portugal décadas antes. Nasceu para um espetáculo de teatro de revista, onde se canta sobre «o branco véu da saudade» e sobre «populares pregões matinais que já não voltam mais».

Agora, este tema musical de origem portuguesa acaba de ganhar nova vida. O arranque para o topo está ligado a uma versão instrumental, como conta David Ferreira na Antena 1, no programa «David Ferreira a Contar...Consigo», emitido em 2018. «A canção chama-se "Lisboa Antiga" e tem as assinaturas do compositor Raul Portela e dos letristas José Galhardo e Amadeu do Vale. Deve ter sido Amália que a levou para o estrangeiro, cantando-a ao vivo, pelo menos a partir de meados dos anos cinquenta. Seja como for, parece que a canção portuguesa chegou ao México, onde foi ouvida pelo empresário de Nat King Cole, que de regresso aos Estados Unidos a recomendou ao maestro e arranjador Nelson Riddle, que a gravou tocando ele mesmo o piano.»

Em fevereiro de 1956, o disco da orquestra de Nelson Riddle chegaria a número um do *top* americano, onde haveria de ficar quatro semanas. Através deste trampolim norte-americano, a mesma música de origem portuguesa torna-se um sucesso internacional, com muitas versões a serem gravadas. E entra no filme de 1956 *Lisbon*, com Maureen O'Hara e Ray Milland, que tem também participação de Vasco Santana. O filme recebe elogios no jornal *The New York Times*. Não pela realização, pelo argumento ou pelos atores e atrizes, mas

sim pela canção «Lisbon Antigua» e pelas vistas da cidade de Lisboa.

Na grande nação americana | O regresso de Arnaldo e de Fernanda a Lisboa inclui o regresso ao convívio com os filhos Jorge e Daniel, que tinham ficado a viver e a estudar em Portugal. Por cá, o poder mantém-se nas mãos de Salazar, que dez anos antes tivera honras de capa na revista norte-americana *Time*, como «o decano dos ditadores», lado a lado com uma maçã podre e acompanhado por uma reportagem onde se denuncia a miséria e o atraso social vividos em Portugal, ligando esse retrato de conjunto às políticas do ditador.

Tinham passado agora dez anos. Ao longo de 1956, em várias notícias do *The New York Times* é dado destaque à pretensão da União Indiana de invadir Goa e outros territórios da chamada Índia Portuguesa. A 30 de junho de 1956, a cooperação militar luso-americana está na primeira página do mesmo jornal. Com atenção aos Açores e a duas bases em território continental, que Portugal põe agora ao serviço dos Estados Unidos e de outros aliados da NATO. Nas últimas linhas do artigo, é citado o ministro da Defesa Nacional Fernando Santos Costa, que por esta altura já está no governo de Salazar há duas décadas, como é salientado no artigo. «Felizmente, encontramos na grande nação americana um povo amigável e compreensivo», diz Santos Costa. «No entanto, há infelizmente – sobretudo em questões relacionadas com a defesa aérea – algumas nuvens que estão a ensombrar o horizonte. Mas não duvidamos que o céu ficará limpo em breve, logo que os nossos amigos americanos se apercebam de quem são os seus aliados mais fiéis, leais e desinteressados.»

Não merece confiança | O contexto internacional é de Guerra Fria, numa tensão permanente entre o bloco ociden-

tal, liderado pelos Estados Unidos e o bloco comunista, liderado pela União Soviética.

No final de 1956, Arnaldo Sampaio deveria ter recebido em Portugal uma carta em inglês. Fora enviada dos Estados Unidos por Ed Murray, professor de Saúde Pública em Harvard. Mas a carta do professor Murray não chegará ao destino, sendo apreendida e traduzida pela PIDE. Está publicada no primeiro volume do livro de José Pedro Castanheira *Jorge Sampaio – uma Biografia* (2012), acompanhada por um apontamento escrito pela polícia política de Salazar, onde é indicado que Arnaldo Sampaio «sob o aspeto político, não merece confiança, dadas as suas relações com indivíduos referenciados como esquerdistas». A desconfiança da PIDE em relação a Arnaldo Sampaio irá alargar-se nos próximos anos ao filho mais velho do agora Inspetor Superior de Saúde.

Jorge entra agora para a Faculdade de Direito de Lisboa, onde o arranque oficial do ano letivo acontece perto do final de outubro. Meses depois, a ditadura de Salazar formalizaria um decreto-lei que é visto como uma declaração de guerra, por muitos estudantes portugueses. Através do decreto-lei n.º 40.900, é limitada a atividade das associações de estudantes. O desagrado estudantil recebe o apoio de parte da Igreja, com um grupo de deputados a promover a discussão do decreto-lei, na Assembleia Nacional controlada pelo regime.

A fugir da polícia | Em Direito, os lugares são atribuídos por ordem alfabética. A Jorge Sampaio cabe um lugar ao lado de Jorge Santos, vindo do Liceu Francês.

Os dois Jorges já se conheciam de vista, dos exames que tinham feito ao mesmo tempo em escolas públicas, desde a 3.ª classe. Agora, os tempos são outros. Os mesmos Jorges enfrentam agora desafios próprios de adultos. E não apenas

nos estudos ou nas paixões. O que está em causa é agora a vida universitária, posta no centro da vida política da ditadura e de parte da sociedade portuguesa.

Jorge Santos acaba de entrar para Direito e passa a ser primeiro companheiro na atividade associativa e mais tarde amigo e parceiro de estudos de Sampaio. «Costumo dizer aos meus netos que para mim foi tudo aventuras», conta agora Jorge Santos. «Saí do conforto de um colégio particular a falar francês, tudo como manda a lei. Entro na Faculdade de Direito e dias depois estava a fugir da polícia. Politicamente, quer a minha família quer a família do Jorge Sampaio eram da Oposição, como então se dizia. E entramos na Faculdade e vemos uma grande agitação. Tinha sido publicado um decreto-lei que limitava fortemente a autonomia das associações académicas. Tinha provocado um levantamento a nível nacional. Entrámos num ambiente completamente diferente e passámos a interessar-nos muito pelas atividades da Associação. Ainda por cima, havia eleições [na Associação]. E a Faculdade de Direito era muito politizada.»

Um irlandês autêntico | Ao entrar para a Faculdade de Direito, José Vera Jardim conheceu Jorge Sampaio. «Era uma pessoa que dava nas vistas, um irlandês autêntico, com cabelo avermelhado. E tinha a pele com pontinhos, uma pele muito branca», recorda. «Havia duas turmas e nós fomos para a mesma turma. Lembro-me que a primeira coisa que o Jorge Sampaio fez foi ir inscrever-se na Associação [Académica da Faculdade de Direito de Lisboa]. Foi inscrever-se e disse que queria ir trabalhar para a Associação. Esse ano foi o ano em que houve a primeira crise académica em Lisboa e no país. Com o célebre decreto n.º 40.900, que no fundo praticamente acabava com as associações académicas.»

Logo no primeiro ano de Direito, Vera Jardim seria um dos estudantes a assistir nas galerias da Assembleia Nacional ao famoso debate sobre o decreto n.º 40.900, a 16 de janeiro de 1957. Dentro e fora da Assembleia, faz-se notar a presença de estudantes descontentes com este decreto-lei. A contestação estudantil haveria de resultar em violência policial, conta agora Vera Jardim. «A perseguição da polícia foi para os que chegaram tarde, eu entrei na Assembleia. Os que não entraram apanharam, caso do Jorge Sampaio. Os que estavam para entrar começaram a refilar e o Jorge Sampaio disse-me que tinha apanhado com o cassetete. O decreto voltou para trás, o n.º 40.900 acabou ali. Até porque houve vários deputados da chamada Situação que foram contra o decreto, um deles Daniel Barbosa.»

Numa espécie de sesta | A mesma sessão histórica na Assembleia Nacional é relatada no livro *A Noite mais Longa de Todas as Noites – 1926-1974*, com posfácio de Jorge Sampaio. Trata-se de um livro de memórias de Helena Pato, à época estudante recém-chegada às aulas da Faculdade de Ciências de Lisboa, na Rua da Escola Politécnica.

Nessa manhã de janeiro, Helena Pato está entre os milhares de estudantes de Lisboa, de Coimbra e do Porto que levam a São Bento caixas com abaixo-assinados, a apelar à suspensão do decreto n.º 40.900. O objetivo é entregar as 3000 assinaturas ao presidente da Assembleia Nacional. Estão presentes dirigentes de associações de estudantes universitários e também de pró-associações, ou seja, de associações de estudantes do ensino secundário.

Ao contrário de Sampaio, Helena Pato conseguirá lugar sentado nas galerias da Assembleia Nacional. «A imagem vinda lá de baixo, quando descia o meu olhar de miúda sobre

o hemiciclo, era surpreendente e espantosa: os deputados, vestidos de negro e recostados em cadeirões, pareciam semiadormecidos, refastelados, numa espécie de sesta de velhos, de que alguns acordavam, pontualmente, para aplaudirem. Tantos anos depois, ainda retenho a visão de uma enorme massa negra, emitindo um estranho ruído – misto de exclamações constantes de "apoiado!" com algo que, naquela altura, me pareceu simplesmente o ressonar dos mais caquéticos. Os discursos sucediam-se, monocórdicos, perante um presidente mumificado, curvado sobre a mesa e de olhos semicerrados: Albino dos Reis.» Quando os estudantes começam a patear o debate, é ordenada a evacuação das galerias da Assembleia Nacional.

Cá fora, azedara já a conversa entre as autoridades policiais e os estudantes que esperam, sem conseguir entrar. «Não me lembro do que gritámos, mas umas dezenas de polícias saltaram das carrinhas, de cassetete em punho, e carregaram forte sobre quem conseguiram apanhar», escreve Helena Pato. «Houve uma multidão de jovens que então se escapuliu para as escadinhas da Travessa da Arrochela, ali em frente, procurando fugir dos espancamentos que aconteciam com grande violência na descida do Palácio.»

Um tipo inteligente e ativo | A violência policial de 16 de janeiro de 1957 terá contribuído para a consciencialização de cada vez mais estudantes sobre a natureza brutal do regime de Salazar. E a nova repressão feita sobre os estudantes poderá explicar parte da mudança que se seguiria no meio universitário.

«A Faculdade de Direito é uma faculdade conservadora, classicamente conservadora. E a Direita ganhava geralmente as eleições para a Associação Académica», conta José Vera

Jardim. «Depois, houve umas eleições nesse ano [1956/1957] do [decreto] n.º 40.900 em que ganhou o [António] Serra Lopes, que era à esquerda. Houve ali uma mudança e o Jorge Sampaio trabalhava na Associação praticamente desde o primeiro dia em que entrou na Faculdade. Estava muito empenhado nos trabalhos da Associação. E como era um tipo inteligente e ativo, ganhou um relevo extraordinário nas associações académicas em geral.»

Na Faculdade de Direito de Lisboa e na generalidade do meio universitário português, ao ativismo de estudantes que militam no clandestino Partido Comunista Português junta-se agora a representatividade dos estudantes ligados ao movimento católico progressista, que está a começar a ganhar força. É esse agora o caso de José Vera Jardim, que se torna ativo dentro do movimento católico universitário.

«Muitos dos amigos e colegas [de Jorge Sampaio] inscrevem-se na JUC, Juventude Universitária Católica (ou na JUCF, a sua vertente feminina)», escreve Castanheira no primeiro volume da biografia. «É o que acontece com José Vera Jardim, José Sousa e Brito, Miguel Galvão Teles, Vítor Wengorovius, Luís Braz Teixeira. De formação católica, Sampaio participa no culto. «Até aos meus 16 ou 17 anos, ia à missa quase todos os domingos. Era, também, uma maneira de ver amigos e amigas.» Não admira, pois, que compareça a várias reuniões na sede da JUC, mesmo ao lado da faculdade, no n.º 43 do Campo dos Mártires da Pátria», escreve Castanheira.

Aulas na morgue | No dia da publicação do decreto-lei n.º 40.900, João Cravinho é eleito presidente da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico, em Lisboa. Também em Lisboa, António Serra Lopes é o presidente da Associação Académica da Faculdade de Direito. Carlos Portas

preside à Associação de Estudantes do Instituto Superior de Agronomia. E o que têm em comum Cravinho, Serra Lopes e Portas? Os três são dirigentes da JUC, o que demonstra a implantação que os católicos progressistas têm nesta altura nas faculdades portuguesas.

Entre os amigos de Jorge Sampaio, José Vera Jardim é um dos que viria a abandonar a JUC, no contexto da invasão de Goa pelas forças da União Indiana. Mas isso será já no final de 1961. Para começar, Sampaio e Vera Jardim acabaram de se conhecer e assistem às aulas de Direito entre os estudantes com nome próprio começado por «J». «Enquanto tirámos o curso, estivemos sempre na mesma turma», conta agora Vera Jardim. «Primeiro no chamado "Carro Elétrico" [no Campo dos Mártires da Pátria], num sótão que era uma coisa muito comprida, em que o professor estava a meio e falava para um lado e para o outro. E depois estivemos no segundo ano num anfiteatro da morgue, porque já não havia lugar na Faculdade. No terceiro ano, fomos para a Faculdade de Direito [na Cidade Universitária].»

Deus, Pátria e Família | Depois das aulas na morgue, caberia à geração de Sampaio ser a primeira a ter aulas no novíssimo edifício da Faculdade de Direito, na nova Cidade Universitária. Já em outubro de 1957, o novo edifício está quase pronto e é entregue ao Ministério da Educação. O projeto inicial de arquitetura é de Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), com conclusão de António Pardal Monteiro e inclui criações de artistas como José de Almada Negreiros ou António Duarte.

O escultor António Duarte é tio de Jorge Sampaio, por ser casado com a irmã da mãe de Jorge. Para a fachada lateral da entrada principal da Faculdade de Direito, António Duarte

criara uma composição com uma família. Corresponde a uma imagem dentro da linha da moral salazarista, que tem no lema «Deus, Pátria e Família» uma síntese de como se deve viver em Portugal. O chefe da família é o marido e pai dos filhos. O chefe da Pátria é Salazar. E acima de Salazar só está Deus, o Deus da Igreja católica.

Estudar em Sintra | A moral salazarista nada tem a ver com o pai nem com a mãe de Jorge e de Daniel Sampaio. Mas a família terá ficado abalada com as notas no primeiro ano de Jorge no curso de Direito. O filho mais velho de Arnaldo e Fernanda chumbara nas cadeiras de História do Direito Português e de História do Direito Romano.

No segundo ano, Jorge Sampaio passaria a estudar em grupo, em geral com Jorge Santos, José Arnaut e por vezes também com José Vera Jardim. «Ele tinha uma casa em Sintra muito bonita, daquelas casas antigas, um chalé», conta Vera Jardim. «Havia outra casa por cima de uma garagem, com um salão cá em cima. E nós íamos para aí estudar. O pai era uma pessoa que gostava muito de conversar connosco. A mãe era de tradição inglesa e falava inglês com o Jorge, em casa. Nós éramos todos de cultura francesa, nessa altura. Eu lia o *Le Monde*, os jornais franceses. Lia a *L'Express*, que era uma revista de esquerda. O Jorge Sampaio teve uma influência em mim e noutras pessoas, porque estava muito mais virado para a cultura britânica. Comecei por exemplo a ler a revista *New Statesman*, que é uma revista praticamente do Partido Trabalhista, às vezes contra o partido. E lia o jornal *The Observer*, que na altura também era um jornal de esquerda.»

Hoje não há | Seria complicado encontrar esses jornais cá em Portugal? «De um modo geral, não. Quando não havia

notícias sobre Portugal, os jornais compravam-se», conta Vera Jardim. «Quando eu tinha catorze anos, o meu pai ia comprar o *Le Monde* e, quando havia uma notícia sobre Portugal, o meu pai chegava a casa e dizia: «Olha, hoje não há». Mas era raro, porque notícias sobre Portugal também não havia muitas. Antes do 25 de Abril, havia notícias sobre a guerra de África e sobre Portugal. E quando havia, a Censura e os serviços do Estado Novo não deixavam entrar o *Monde* e outros jornais. Aliás, fiz um exame a que o Sampaio achava muita graça, com o [Joaquim] Silva Cunha, que depois veio a ser professor de Direito Ultramarino ou Colonial. Fiz o exame, o Sampaio foi assistir e o Silva Cunha disse-me: «Vocês vêm com essas teorias, desses jornais cripto-comunistas como o *Monde*. E eu respondi-lhe: «O sôr professor também lê *A Voz* e as *Novidades* [jornal ligado à Igreja Católica] e também vem com essas teorias.» Na Faculdade de Direito havia apesar de tudo uma certa liberdade de discussão com os professores, a maior parte deles conservadores.»

Em Sintra, na casa da família de Sampaio é muita a variedade de revistas e jornais estrangeiros, tanto em inglês como em francês, conta agora o irmão de Jorge, Daniel Sampaio. «Tínhamos a *Paris Match*, tínhamos muitas vezes o *Times* inglês. Tínhamos mais tarde o *The New York Times*, comprava-se nas tabacarias de Sintra. Tínhamos sobretudo muitos livros, porque os meus pais fomentavam muito a leitura e depois incentivavam-nos a dizer o que líamos.»

A abrir a sebenta com a faquinha | Para Sampaio e para os amigos e companheiros de estudos, a preparação para os exames obedece a um calendário peculiar, conta Jorge Santos. «Passámos sempre a estudar juntos. Entrámos logo nas atividades da Associação Académica e depois acabámos por

ser membros da direção da Associação, durante os últimos anos. Ele até chegou a Presidente [da Associação]. A Associação tomava-nos muito tempo. E em Direito não havia exames de frequência, só havia exames finais. O que dava como resultado que começávamos verdadeiramente a estudar nas férias da Páscoa. Eu e o José Arnaut instalávamo-nos em Sintra, em casa do Jorge Sampaio. Ainda hoje, parece que estou a ver-nos a abrir a sebenta com a faquinha. Tínhamos cama, mesa e roupa lavada. Os pais dele aliás adoravam que a gente lá estivesse. O Daniel [Sampaio] era um miúdo, não lhe dávamos muita confiança. Quando acabávamos as férias, voltávamos para as aulas. E aí a atividade da Associação Académica abrandava muito. Porque a gente... Chumbar não pode. Começávamos então a estudar. Tínhamos aulas só de manhã e à tarde íamos [estudar] ou para minha casa ou para casa do José Arnaut. Fizemos o curso assim», continua Jorge Santos. «O pai Sampaio era uma joia, um grande conversador, um contador de histórias bestial. Adorava ter-nos lá. Chegava a casa e dizia: "Vá, meninos, já chega de estudar". Íamos logo para a conversa. A mãe era uma mãezinha dos três, apapariava tudo.»

Uma gemada com vinho do Porto | Às tantas, Jorge Santos acabaria por se sentir esgotado, de tanto estudar. «Não tínhamos estudado nada até à Páscoa e depois eram horas e horas seguidas a estudar. E houve uma altura em que me fui abaixo, perdi a memória. Lia uma página e esquecia-me. E o pai Sampaio, que era médico, disse-me: "Meu amigo, para você os estudos à noite acabaram. À noite, a gente vai passear aqui por Sintra, conversa e tal. E ao pequeno-almoço é uma gemada com vinho do Porto", que é uma coisa insuportável, mas que era um fortificante.»

A partir desse momento, à noite, Jorge Sampaio e António Arnaut continuam a estudar e Jorge Santos vai passear com o pai Sampaio. «Os tipos ficavam tramados comigo. Diziam-me: "Isso tudo é ronha, não queres é fazer nenhum". O certo é que o tratamento funcionou.»

Obviamente demito-o | Por esta altura, Sampaio frequenta em Lisboa a tertúlia do Café Értiles em Campo de Ourique, na Rua Ferreira Borges, com amigos como Jorge Santos, Jorge Sá Borges, Vítor Wengorovius, José Arnaut ou José Salgueiro. E costuma ir ao cinema também em Campo de Ourique, nos cinemas Europa e Paris.

O segundo ano de Sampaio em Direito coincide com um momento político marcante para grande parte da sociedade portuguesa. Em 1958, o general Humberto Delgado enfrenta o regime, candidatando-se a umas eleições presidenciais contra o candidato de Salazar, o almirante Américo Thomaz.

Humberto Delgado passara os últimos dez anos a trabalhar fora de Portugal, no Canadá e nos Estados Unidos, onde fora adido na Embaixada de Portugal em Washington. O primeiro grande abalo da campanha é provocado logo durante a conferência de imprensa inicial no Café Chave d'Ouro, em Lisboa, em maio de 1958.

Um ano antes, tinham começado as emissões regulares de televisão da RTP. Mas os televisores são ainda uma raridade nas casas portuguesas. De qualquer modo, o regime controla tudo o que passa tanto na televisão como nos rádios, além de tudo o que é impresso nos jornais ou nos livros. Desde que voltara dos Estados Unidos em setembro do ano anterior, Humberto Delgado fora filmado pela RTP várias vezes, na condição de diretor geral da Aeronáutica Civil. Agora não poderá contar com tempos de antena na televisão.

Mesmo assim, a ditadura é incapaz de esconder o desafio de Delgado, feito à frente de muitas pessoas. No Café Chave d'Ouro, Delgado responde de forma corajosa às perguntas dos jornalistas presentes, mesmo quando se refere ao Presidente do Conselho, o ditador António de Oliveira Salazar.

Sobre Salazar, Delgado diz o que fará, caso seja eleito Presidente da República: «Obviamente demito-o». No salão de chá do Chave d'Ouro há jornalistas da imprensa portuguesa controlada pela Censura, mas também lá estão correspondentes internacionais. Atrás do candidato há bandeiras de países como Portugal, Brasil e Estados Unidos. Aquelas palavras viajam pelo mundo.

Por motivo dos acontecimentos | Em Portugal, a campanha eleitoral para as presidenciais movimenta multidões no apoio a Delgado. E essa adesão popular é uma demonstração inédita do potencial social que parece haver agora, para se fazer frente à ditadura de Salazar.

Na vizinhança, o estudante de Direito Jorge Sampaio assiste de fora ao ambiente que rodeia o comício de Delgado no Liceu Camões, em Lisboa, a 18 de maio. A resposta do regime é uma carga de cavalaria, com a polícia montada a perseguir a população de forma muito violenta.

Em casa da família de Sampaio, o vespertino *Diário de Lisboa* traz todas as tardes o aviso «Visado pela Comissão de Censura», impresso na primeira página. Na tarde daquele domingo de campanha eleitoral, o jornal fez mais duas edições suplementares para informar os leitores sobre os jogos de futebol da Taça de Portugal e do Campeonato Nacional da Segunda Divisão. Nada se publicou sobre cargas policiais feitas a cavalo, dentro de Lisboa. No dia seguinte, o jornal noticia, sem destaque, o internamento hospitalar de 17 pes-

soas, «por motivo dos acontecimentos nas imediações do Liceu Camões». Elencam-se os nomes de todos estes feridos e mencionam-se os restantes feridos que nesse dia tinham tido alta, tendo sido entregues à polícia.

Loucos traidores e fantoches | A polícia em causa é a polícia política. Na primeira página da mesma edição do jornal há um comunicado da União Nacional, o partido único da ditadura: «Os incidentes que perturbaram a ordem pública e a que serviram de pretexto as partidas e chegadas de um dos candidatos da Oposição suscitaram no País aquela salutar reação que podia esperar-se do seu bom senso. O País não quer o regresso à intranquilidade, à inquietação quotidiana, ao estado de alarme permanente. Quer que o deixem trabalhar em paz e viver a sua vida à lei de Deus.» Noutras páginas do *Lisboa* da mesma tarde, é noticiada a nomeação do inspetor-superior da PIDE, António Neves Graça e também do subdiretor da PIDE, Ruy Pessoa de Amorim, que aproveitou a cerimónia de nomeação para discursar sobre o momento atual «de tão grave crise de caráter, onde companheiros de antigas barricadas antidemagógicas se passam para o inimigo e contra o homem que defende a Nação que serve e conduz e que é penhor seguro da honra da Pátria», disse Pessoa de Amorim. «Quero que com as minhas palavras de protesto fique marcado o ato da minha posse, num momento em que, ativada por loucos traidores e fantoches, movidos por cor-déis que não se sabe ao certo quem os move, se manifestam. Protesto contra a loucura e a traição e contra todos aqueles que tentam a subversão de Portugal.»

Quanto ao novo líder da PIDE, António Neves Graça, haveria de ficar em funções apenas até fevereiro de 1960, como escreve Irene Flunser Pimentel no livro *O Essencial sobre a*

PIDE: «Apesar de ter iniciado a «internacionalização» da PIDE, o capitão António Neves Graça caiu de certa forma em desgraça, nomeadamente ao não conseguir evitar a extensa agitação social e política em torno de Humberto Delgado, levando mesmo à necessidade da intervenção do Exército, que prontamente acudiu ao regime.»

Há lei e ordem num cemitério | A campanha de Delgado vai sendo seguida com atenção pela família de Jorge Sampaio. Na casa de Sintra há acesso a muita informação. E o debate em família é estimulado pelo pai e pela mãe de Jorge e Daniel, sobretudo ao jantar. Além de assuntos do quotidiano, a política é agora um dos temas em cima da mesa.

É visível o entusiasmo de grande parte da população portuguesa. Mas o regime de Salazar refaz-se do efeito surpresa e são tomadas providências para impedir a eleição de alguém que diz querer acabar com a ditadura, preferindo substituí-la por uma democracia bipartidária. Poucos dias antes da ida às urnas em Portugal, o *The New York Times* publica um artigo onde se cita o candidato Humberto Delgado. Mostrando não ter ilusões sobre os resultados das eleições que se avizinham, Delgado diz ao jornal norte-americano que teria 80% dos votos, caso em Portugal as eleições pudessem ser livres.

O candidato da chamada Oposição adivinha que, terminado o período eleitoral, é certo que será demitido do cargo de diretor-geral da Aeronáutica Civil e poderá ser acusado de atividades subversivas contra o Estado. «Ofereceram-me asilo no estrangeiro, caso quisesse ir. Amigos ricos ofereceram-se para cuidar de mim. Mas não vou partir. Vou ficar aqui em Portugal. Na prisão ou fora da prisão – sou uma espécie de mito. Quero continuar a ser um mito – um mito anti-Salazar.» Essa vontade manifestada por Delgado confirmar-se-

-ia, ficando o «General Sem Medo» como um dos mitos da resistência à ditadura.

Logo a seguir à divulgação dos resultados, o jornal *The New York Times* publicou um artigo do jornalista Benjamin Welles, onde se defende que Salazar tanto poderia ter escolhido para candidato à Presidência da República o almirante Thomaz como o polícia de trânsito mais próximo. De qualquer modo, o poder será exercido por Salazar, o mesmo ditador que logo a seguir a ter chegado ao poder recebera elogios internacionais, por manter a ordem num país como Portugal. Passadas duas décadas, vivia-se agora por cá sob as piores condições sociais que existiam na Europa ocidental. «Há lei e ordem num cemitério, mas quando são impostas a um país na segunda metade do século XX, através da retirada de quaisquer liberdades à população, o resultado é degradante. Não é digno de elogios.»

O general em casa da prima | Para muitos portugueses da mesma geração de Sampaio e de gerações próximas, esta campanha é o primeiro grande sinal de uma realidade até agora desconhecida. Uma grande parte da população portuguesa parece estar contra a ditadura de Salazar.

Em 1959, o general Delgado haveria de partir mesmo para o exílio. Anos depois, foi assassinado em Espanha pela PIDE, próximo da fronteira portuguesa.

Mas isso só acontecerá em 1965, depois de outras atitudes de resistência contra a ditadura. Agora, em 1958, Delgado é um protagonista com visibilidade nacional e internacional. E é também uma pessoa que Jorge Sampaio já conhecera em família.

Um dia, o general viera jantar a casa da prima Mathilde Bensaúde, quando Jorge ainda não entrara para a faculdade.

A investigadora Mathilde Bensaúde doutorara-se em Biologia em Paris, fora investigadora nos Estados Unidos e conheceu Humberto Delgado quando o general era adido militar da Embaixada de Portugal, em Washington. Dois ou três anos antes da campanha eleitoral que abanava agora a sociedade portuguesa, a prima Mathilde Bensaúde apresentou o general Delgado à família em Lisboa, como contaria Sampaio em entrevista a Ana Sousa Dias, transmitida na RTP em 2004. Jorge tinha 14 ou 15 anos e lembrar-se-ia sempre daquele momento: «Entrou na sala e disse: "Delgado, general, muito prazer." E eu, pronto... "Muito prazer, senhor general".»

Começou a falar de política em casa | Daniel Sampaio tinha 12 anos em 1958, na altura da campanha eleitoral de Delgado e recorda-se dessa altura como marcante para Jorge Sampaio. «O meu irmão tinha dezanove, já estava na Faculdade. E foi aí que começou a falar de política em casa, muito incentivado pelo meu pai. O meu pai era um funcionário público, não se podia pronunciar. Mas era claramente uma pessoa contra Salazar. Lembro-me de me pedirem a opinião sobre Humberto Delgado. Ao jantar, tínhamos de falar sobre as coisas. Sabia que naquele contexto tinha de dizer bem, mas não tinha grandes argumentos sobre Humberto Delgado. Lá me desembarcei, lá disse alguma coisa. Porque isso era muito a tradição: pronunciarmo-nos. É a recordação que eu tenho do fascínio do meu irmão pela política. Começou nessa altura.»

A nível nacional, Delgado perdeu de forma clara para o candidato da ditadura, numas eleições falseadas que deram pouco mais de 75% dos votos a Américo Thomaz e 23,4% a Delgado. Um dos 15 concelhos de Portugal onde Delgado venceu foi Sintra, onde vivia Jorge Sampaio.

Do maior melindre | O estudante do 2.º ano de Direito ainda não podia votar, porque esse era um privilégio concedido aos cidadãos com mais de 21 anos, homens. E mesmo a esses, só se não fossem analfabetos, se estivessem recenseados e se tivessem consigo um boletim de voto. Os boletins tinham de ser impressos e distribuídos pelas próprias candidaturas, com todas as dificuldades que isso implicava para uma candidatura oposicionista.

Pouco mais de 20% da população com mais de 21 anos estava recenseada. Mas há um antes e um depois das Presidenciais de 1958, em particular para a minoria da população que frequenta cursos universitários e também para alguns católicos, com a tomada de posição importante do Bispo do Porto, através de uma longa carta enviada a Salazar, com críticas construtivas e corajosas. Nessa carta divulgada depois das eleições, Dom António Ferreira Gomes escreveu, por exemplo, que «na melhor das hipóteses, encontramos entre nós apenas o paternalismo patronal. Ora é já hoje mais que evidente que o mundo operário e camponês não pode ser educado pelo patronato. Não podem nem querem; e temos de lhes reconhecer razão, por mais que desejemos e apreciemos o bom sentido social dos patrões, que por essa compreensão exatamente devia começar. E nem será necessário para isso lembrar como muitas vezes essa "educação" facilmente se transforma em "ensino" e depois em "ensinadela". Patrões muito "bons" e muito "católicos", com toda a naturalidade nos falam nesta linguagem, a nós bispos, como se nós houvésemos de aprovar autênticas declarações de guerra social. Se a não podemos aprovar do lado menos responsável, havemos de a aprovar do lado mais capaz, mais obrigado e mais responsável?! Que o Estado venha educar ou "ensinar" os

trabalhadores é também do maior melindre. Não seria preciso vivermos numa época de "suspeição ideológica" para que os operários desconfiassem do favor; na situação presente é quase fatal que o operariado veja, como vê, no Estado o aliado do patronato. Mas será realmente o Estado uma sociedade "docente"? Parece que em todo o mundo não-totalitário essa noção errada desaparece, com grandes vantagens em todos os domínios, principalmente no do trabalho.»

A ousadia destas palavras haveria de sair muito cara ao Bispo do Porto. A famosa carta a Salazar acabaria por o levar a uma década de exílio, tornando-se possível o regresso a Portugal e ao Porto apenas depois da saída de Salazar do poder. Para muitos católicos progressistas, esta atitude corajosa serviu de exemplo e levou ao descontentamento crescente de pessoas como o advogado e ativista católico do Porto Francisco Sá Carneiro, que haveria de começar a marcar a política em Portugal uma década depois, a partir de 1969. A coragem do Bispo do Porto terá sido inspiradora também para muitas pessoas da geração de Jorge Sampaio, incluindo para muitos dos amigos próximos daquele que viria a ser o novo presidente da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa.

Analfabetismo e pobreza | No final de dezembro de 1959, assistiu-se em Lisboa à inauguração da rede de Metropolitano, que abriu portas ao público com estações desenhadas pelo arquiteto Francisco Keil do Amaral e com arte de Maria Keil. O novo Metro é apenas uma das muitas obras públicas importantes concluídas agora no país, nas colónias e na capital de Portugal, a chamada Metrópole.

A malha urbana de Lisboa e arredores está a crescer, com a chegada de populações rurais que vão abandonando o campo.

A economia nacional haveria de ter um momento positivo neste início de década, motivado em parte pela adesão do país à EFTA, a Associação Europeia de Comércio Livre, entre outros organismos e acordos internacionais. Aumentava agora o investimento estrangeiro em Portugal e o crescimento da economia apresentava-se em níveis históricos. Começavam também a ser importantes as remessas de divisas. Ou seja, o dinheiro em moeda estrangeira enviado para Portugal pelo contingente cada vez maior de portugueses que iam partindo para a emigração. Partiam sobretudo rapazes e homens, mas também mulheres, crianças e famílias inteiras. Fugiam da pobreza e do atraso estrutural do país, mesmo antes do início da guerra em África, nas colónias portuguesas de Angola, Moçambique e Guiné. Apesar do clima económico favorável neste início de década, a distribuição de riqueza era muito desigual entre a população portuguesa. Mesmo sem contarmos com as populações das colónias, que tinham a designação oficial de províncias ultramarinas.

Apenas um por cento da população da chamada Metrópole concluiu o ensino superior e entre as pessoas com 15 anos ou mais, a percentagem de portugueses que nunca foi à escola anda agora pelos 65%. Além da epidemia de analfabetismo e pobreza, é quase geral a falta de acesso a serviços de saúde. Acontecem em casa mais de 80% dos partos. Morrem em média quase oito crianças por cada 100 partos. Já em meados da década haveria de arrancar em 1965 um programa nacional de vacinação, em parte por iniciativa do pai de Jorge Sampaio, o médico e diretor-geral de Saúde Arnaldo Sampaio.

Essas magníficas energias juvenis | No início da década de 1960, nos cursos universitários e em particular nos cur-

sos de Direito em Coimbra e em Lisboa, muitos dos alunos fazem parte de famílias da elite económica e é comum haver ligações familiares próximas a algumas das figuras importantes do regime.

Com a criação da Cidade Universitária, a expectativa do regime será facilitar o controlo de possíveis movimentações reivindicativas estudantis, agora que as faculdades tendem a concentrar-se na mesma área da capital. A Cidade Universitária é também uma manifestação de poder e um sinal de progresso, com uma presença monumental no urbanismo desigual de Lisboa, que será mostrada com ironia pelo realizador Paulo Rocha, no filme *Os Verdes Anos* (1963), com banda sonora de Carlos Paredes e adaptação do argumento e diálogos do escritor Nuno Bragança.

Já em dezembro de 1961, durante a inauguração da Reitoria, o reitor Marcello Caetano faz um discurso de celebração dentro do que seria expectável. Mas aproveita também para esclarecer que cabe à Universidade, «pela prática da disciplina intelectual que à razão confira o devido primado, orientar essas magníficas energias juvenis, evitando que se desperdicem em lutas daninhas e encaminhando-as para as grandes tarefas construtivas em benefício da grei, que só a colaboração e a continuidade das gerações podem tornar profícuas».

Eleito por um voto | Na Cidade Universitária, a colaboração e a continuidade das gerações defendida por Marcello Caetano está agora em vias de ser abanada a sério, em grande parte pelas mudanças dos últimos meses na Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa. A Assembleia Geral da Associação é agora presidida pelo católico e democrata José Vera Jardim. Este amigo próximo de Jorge Sampaio anulou a primeira eleição vencida por Sampaio, porque a

lista derrotada apresentara queixa, alegando irregularidades. Nessa primeira votação, Sampaio fora eleito por um voto. Agora que a votação é repetida por decisão de Vera Jardim, Sampaio acaba por ser eleito presidente da Associação com uma margem que não deixa dúvidas.

Esta vitória de Sampaio em Direito tem uma dimensão pessoal, pelas qualidades que lhe são reconhecidas por muitos estudantes. Mas também está ligada a um fenómeno nacional, muito abrangente. A mesma mudança política está a acontecer em várias faculdades do país, escreve Álvaro Garrido no artigo «A Universidade e o Estado Novo: De "corporação orgânica" do regime a território de dissidência social», publicado na *Revista Crítica de Ciências Sociais* em 2008. «Se 1956 e 1958 foram momentos capitais nesta transição cultural e política, tal viragem consumou-se em maio de 1960 com a vitória de uma lista de "esquerda" proposta pelo Conselho de Repúblicas nas eleições para a Associação Académica de Coimbra. No mesmo ano em que Carlos Candal conquistou a Académica às forças da "situação", em Lisboa também Jorge Sampaio (Direito) e Eurico de Figueiredo (Medicina) viraram à esquerda as suas associações. Numa metáfora arrebatada, Manuel Alegre comparou "a vitória da lista antifascista" em Coimbra a uma "segunda Tomada da Bastilha".»

Sempre o último a falar | Em Direito, Sampaio é agora presidente da Associação Académica, no quinto ano do curso. O contexto é tudo menos fácil, conta Jorge Santos. «Havia colegas que desconfiávamos que eram informadores da PIDE. Havia de tudo, nós também sabíamos quem era do Partido Comunista, embora ninguém usasse emblema. Mas pelos comportamentos, pelas opiniões, percebia-se.» E Jorge Sampaio conseguia fazer a ponte entre os católicos progres-

sistas e os comunistas? «Sim, ele tinha um jeito. Era o presidente da Associação, assim como mais tarde veio a ser o secretário-geral da RIA, a Reunião Inter-Associações. Presidia à reunião, punha à discussão um ponto. Era sempre o último a falar. O Jorge Sampaio nunca avançava. Depois tinha grande capacidade de fazer uma síntese.»

Sampaio está sempre a tomar notas em caderninhos, que Jorge Santos recorda como cadernos de capa preta. «Tinha capacidade de sintetizar as diversas opiniões e facilmente obtinha consensos. Integrava as várias opiniões, dizia: "Tu disseste aquilo, mas isso para ti é uma questão fechada?" A gente pensava e dizia: "Realmente, posso viver sem isto. Posso transigir nessa coisa". Tinha muito jeito para composição de interesses.»

Responde agora José Vera Jardim sobre as qualidades de Sampaio enquanto líder associativo. «Era um homem muito educado, muito capaz de fazer pontes, consensos. Mas ao mesmo tempo também muito firme nas suas convicções, bastante culto. E que fazia grupos. Fez grupos toda a vida, precisamente por essas suas características. Grupos que o seguiram até à Presidência da República e até depois.»

De juba feroz e ardente | Jorge haveria de terminar a licenciatura em Direito com média de doze valores. Nesse ano de 1961 acabará por não haver viagem de finalistas. É tanta a divisão política nas turmas do 5.º ano de Direito que faria pouco sentido passarem agora férias juntos. Nem sequer conseguem concordar com o destino da viagem.

No «Livro do Curso de 1961», Jorge Sampaio aparece caricaturado com jornais estrangeiros aos pés, como o jornal *The Observer* ou o *New Statesman* e com estes versos de José Augusto Seabra, que podem agora parecer premonitórios: «Este

é o "*leader*" Sampaio, / o bi-presidente eleito, / que duas vezes deixou / o adversário desfeito... / Dirigente combativo, / orador de voz potente, / parece um jovem leão / de juba feroz e ardente. // Deixa rasto onde deitar / a "garra" associativa. / Por isso lhe arma ciladas / a "oposição" vingativa // Mas com a calma britânica / que também o celebriza, / o Sampaio, diplomata, / os ataques neutraliza. // Esta é, amigos, a história / do Sampaio, Presidente. / A outra... a outra... eu não sei / Se que a conte ele consente... / Conquistador, *gentleman*, / *globe-trotter*, desportista, / só uma coisa duvido / que venha a ser: um jurista...»

Seabra acerta em várias descrições, mas está ainda para acontecer uma parte fundamental da vida académica do agora licenciado em Direito. Jorge será o escolhido para presidir à RIA, a Reunião Inter-Associações Académicas. E o novo presidente da RIA assumirá um papel muito importante no meio universitário e no país já no ano letivo seguinte.

1961-1963

SANTA LIBERDADE

O final do curso de 1961 coincide com um ano muito difícil para a ditadura portuguesa.

Em janeiro, um comando revolucionário de que fazia parte o capitão Henrique Galvão tomara o paquete português Santa Maria, nas Caraíbas.

É anunciado que o paquete passa agora a chamar-se Santa Liberdade, e que os homens que o controlam estão a lutar em nome de uma organização de resistência liderada pelo general Humberto Delgado. Os governos dos Estados Unidos e do Brasil acabam por ser compreensivos com os rebeldes que haviam tomado o paquete. Henrique Galvão é acolhido no Brasil, onde lhe é oferecido asilo político.

Enquanto o Santa Liberdade navegava ainda em direção ao Brasil, em Portugal o Presidente da República Américo Thomaz receberá um documento da oposição, com 41 páginas. É ali pedida democracia no país, com 62 subscritores como José Mendes Cabeçadas Júnior, Artur Santos Silva, Fernando Piteira Santos, Francisco Salgado Zenha, José Magalhães Godinho, Mário Soares, Nikias Skapinakis ou Raul Rego. Mais tarde, todos os subscritores serão presos. Mas o documento em causa detalha como poderá funcionar um hipotético Portugal democrático, com atenção a áreas governativas como a

educação e com muitas mudanças no sentido de dar liberdade aos estudantes universitários.

Logo no início do Programa para a Democratização da República, é assinalado que já se torna difícil distinguir quem faz parte da oposição, num contexto em que toda a sociedade portuguesa está contra o regime.

O regime não aguenta | Em meados de fevereiro, a ditadura portuguesa pode agora fingir que respira de alívio, com o regresso a Lisboa do pacote Santa Maria. Espera-o uma multidão em festa, onde se encontra o próprio Salazar.

O ano de 1961 ainda mal começou. Continuam a chegar más notícias ao ditador português. O embaixador dos Estados Unidos em Lisboa traz a Salazar uma novidade da Casa Branca, presidida agora pelo democrata John F. Kennedy, que fora eleito em janeiro. Perante o risco do aumento da influência da União Soviética em África, Kennedy defende que Portugal terá de conceder a independência a Angola. Sete dias depois, há uma matança indiscriminada de civis no Norte de Angola, feita por milícias ligadas ao movimento independentista UPA, a União das Populações de Angola. São violados, mortos e mutilados homens, mulheres e crianças. As imagens de ruínas e de corpos destroçados serão usadas como propaganda pela ditadura portuguesa.

Décadas depois, o então Presidente da República Jorge Sampaio lembrará o início da guerra em Angola, em entrevista a Maria João Seixas (2004): «Estava no café Tatu, no Campo Grande, com o Afonso de Barros (que já morreu), o Pedro Ramos de Almeida e outros, quando a rádio noticiou os primeiros ataques em Angola e todos dissemos "isto" vai acabar próximo, o regime não aguenta.» Afinal, o regime português demonstraria disposição para aguentar um esfor-

ço de guerra crescente. Enviaria desde logo forças para Angola, com o objetivo de esmagar e vingar o que é apresentado pelo regime como terrorismo, apoiado por nações estrangeiras. Nas Nações Unidas, debate-se a questão de Angola. Os Estados Unidos votam contra a posição de Portugal.

Rapidamente e em força | A 13 de abril de 1961 há uma reunião conspirativa em Lisboa, de militares de alta patente como o Ministro da Defesa Júlio Botelho Moniz. Preparam-se para retirar Salazar do poder, pedindo à Presidência da República para afastar o ditador.

Salazar antecipa-se ao golpe palaciano em curso, que ficaria conhecido como «Abrilada». Demite os ministros da Defesa, do Exército e do Ultramar. As informações sobre esta tentativa de golpe de Estado são ocultadas da população portuguesa, com o ditador a assumir a pasta da Defesa e a anunciar que agora o principal objetivo comum deve ser defender um Portugal indivisível, do Minho a Timor. Do discurso dessa noite ficarão famosas as palavras de Salazar sobre a necessidade de Portugal reforçar a presença militar em Angola «rapidamente e em força». Será preciso «defender Angola e com ela a integridade da nação».

Na televisão, o discurso de Salazar passará às 22h30. Todos os interessados poderão procurar um televisor, porque uma gravação das mesmas palavras já fora transmitida na Emissora Nacional, às 21h.

Isento da tropa | Começara de forma oficial a guerra em Angola, a que se seguiriam mais tarde outras duas frentes de guerra nas colónias africanas, em Moçambique e na Guiné. Para muitos portugueses em idade militar, a perspetiva de vir a combater em África passa a ser uma hipótese real e provável, durante os restantes anos da ditadura.

«Eu tinha ficado isento da tropa, em 1958», contaria Jorge Sampaio a Maria João Seixas. «O médico militar, imagine-se, topou o meu problema da válvula (a que depois nunca mais ninguém ligou, até ter de fazer aquela intervenção cirúrgica de há uns anos atrás), e não tive que me confrontar com aquelas terríveis opções que dilaceraram, naqueles tempos, tantos de nós. Quando passo, ainda hoje, na Rua Artilharia Um, junto a uma garagem que há lá ao princípio, para quem vem do Rato, lembro-me de um encontro que ali tive com o Manuel Lucena e em que ele me disse que se ia embora. Foram separações dramáticas que tive a sorte de não ter de fazer e nunca fui capaz de dizer a alguém – sim ou não, sobre essa matéria. Eram decisões absolutamente pessoais e terrivelmente dolorosas – tanto as dos que iam para a guerra, como as dos que se foram embora do país.»

Entre os amigos de Sampaio que haveriam de ser enviados para a guerra colonial conta-se Joaquim Mestre, que nasceu também em 1939 e entrou para a Faculdade de Direito de Lisboa um ano depois de Jorge Sampaio. «O Jorge não fez tropa», conta agora Joaquim Mestre. «Era aquele grupo de 1939, fomos todos. E quando lá chegámos, ele foi visto e depois disse: "Os tipos consideraram que eu estava livre, porque o médico encontrou-me um sopro no coração". Coisa de que ele nunca tinha ouvido falar, nem sabia o que era. Ele estava convencido de que aquilo poderia ser uma cunha, não era. O médico detetou. E vinte anos depois, o Jorge vai a um médico em Inglaterra e o médico diz-lhe "Você tem um sopro no coração".»

Pirataria aérea | Depois do «rapidamente e em força» de Salazar, o regime terá ainda outros desaires importantes no ano de 1961. Em agosto, Portugal é expulso do Forte de São

João Baptista de Ajudá, no reino de Dahomey, agora Benim. O forte fora fundado como feitoria no século XV. A importância deste minúsculo enclave era agora apenas simbólica, mas mesmo os símbolos históricos têm toda a importância para o regime, num contexto atual de independências sucessivas de colónias de outras potências coloniais, em vários continentes e sobretudo em África. Os dois funcionários coloniais portugueses que estavam na fortaleza cumpriram as ordens recebidas. Incendiaram o Forte antes de sair, de forma a que as forças do reino de Dahomey só tivessem acesso a ruínas.

Em novembro, seis opositoristas tornam-se piratas do ar, tomando o controlo de um avião da TAP que voava de Casablanca para a capital portuguesa. É assim mudada a rota do *Super Constellation* Mouzinho de Albuquerque. Sobre Lisboa, Faro, Beja, Setúbal e Barreiro são lançados milhares de panfletos assinados por Henrique Galvão, a apelar ao boicote às eleições legislativas programadas pelo regime para daí a dias.

Este é o primeiro atentado de pirataria aérea na História de Portugal e tem como ideólogo Henrique Galvão, o mesmo capitão português que participara no sequestro do paquete Santa Maria. Agora, os operacionais que tomam posse do avião da TAP são Amândio Silva, Camilo Mortágua, Fernando Vasconcelos, João Martins, Maria Helena Vidal e Hermínio da Palma Inácio. Com uma pistola apontada, o comandante do avião José Sequeira Marcelino segue as ordens dos piratas do ar e o avião regressa a Marrocos em segurança.

A Revolta de Beja | As ordens de Salazar estão acima de qualquer possibilidade de discussão dentro do regime. Mas os últimos dias de 1961 ainda guardarão péssimas notícias para o ditador. A 4 de dezembro, a Prisão de Caxias é palco

da fuga de oito dirigentes do clandestino Partido Comunista Português. A fuga tem o lado simbólico de acontecer a bordo de um carro blindado, um *Chrysler Imperial* de 1937 que estivera ao serviço do próprio Salazar.

A fuga de presos comunistas foi grave. Mas a pior notícia vem da Índia Portuguesa. O que acontece a 18 de dezembro de 1961 terá agora o peso de pôr em causa o território do império português. Nesse dia, forças da União Indiana invadem Goa, Damão e Diu. É inútil a resistência inicial dos militares portugueses presentes naqueles territórios, porque não têm quaisquer hipóteses frente às forças muito superiores da União Indiana.

O ano ainda não acabou. Na noite da passagem de ano de 1961 para 1962 acontece o que ficaria para a História como a «Revolta de Beja». O objetivo inicial é tomar em Beja o quartel do Regimento de Infantaria 3, para depois espalhar uma revolução pelo país e derrubar Salazar. O golpe está ligado ao general Humberto Delgado, tem como comandante João Varela Gomes e resulta em feridos, em revoltosos detidos e em mortes. Um dos mortos na Revolta de Beja é o subsecretário do Exército, Jaime Filipe da Fonseca. Já Humberto Delgado consegue fugir e o golpe acaba por falhar. Para a ditadura portuguesa é mais um sinal de perigo. E essa ameaça fica à vista de todos, com a tentativa de golpe militar a ser logo noticiada.

Tinha de ajudar a mudar isto | No início de 1962, o licenciado Jorge Sampaio está a começar o estágio num escritório para vir a ser advogado. Durante o curso, Jorge dedica muito tempo e energia à atividade política. E poderia ter seguido outro rumo, logo a seguir aos cinco anos de Direito, caso tivesse optado por estudar fora, abandonando assim o associativismo estudantil. Passadas quatro décadas, Jorge ha-

veria de falar sobre essa decisão, tomada meses antes da crise de 1962. Na mesma entrevista a Maria João Seixas, Sampaio contaria que o ano de 1962 fora da maior importância para os capítulos seguintes da própria vida. «O meu pai tinha-me oferecido uma bolsa para o estrangeiro (tinha essa visão do que era importante), mas não fui. Fiquei para a greve académica. Olhando para trás, penso que a minha vida teria sido necessariamente muito diferente se tivesse ido. A minha presença ativíssima naquela greve significou, pela primeira vez e dada a força dos embates, que achei que tinha de ajudar a mudar isto. Significou que achar isso se tornara inseparável do sentido da minha vida».

Encontro Nacional de Estudantes | O sentido da vida de Jorge Sampaio está agora ligado a um braço-de-ferro, cada vez mais claro, entre o regime e o meio estudantil universitário.

Cresceu a influência das associações de estudantes ligadas à oposição democrática. Num contexto em que só é legal o partido único do regime, as associações de estudantes são espaços onde a atividade política é possível. Não são partidos, mas têm meios equiparáveis, incluindo associados, dinheiro, capacidade de divulgação de informação e pretextos para se organizarem a nível nacional, formando redes informais de associações. Têm também acesso a grandes espaços, onde podem ser feitas reuniões. Parecem ilhas de liberdade, onde o debate acontece, mesmo que os dirigentes associativos vão tendo conhecimento de que há muitas vezes agentes da PIDE presentes, que vão recolhendo informações detalhadas sobre os planos das associações e sobre a identidade dos dirigentes e dos estudantes mais ativos.

Entre 1944 e 1960, as direções da poderosa Associação Académica de Coimbra estavam ligadas à ditadura. A mu-

dança acontecera na Associação em 1960. No ano letivo de 1961/1962, a esquerda voltara a vencer as eleições para a Associação. O regime reagiu, fazendo seguir para a guerra colonial o novo presidente da Associação, José Lopes de Almeida, que nem chegou a tomar posse. O mesmo aconteceria depois ao novo presidente Jorge Aguiar, que também foi enviado para África. Foi já com o presidente da Associação Francisco Leal Paiva que se convocou um Encontro Nacional de Estudantes, a 9, 10 e 11 de março de 1962. De fora de Coimbra, vieram estudantes e dirigentes associativos do Porto e de Lisboa, incluindo o agora secretário-geral da RIA, Jorge Sampaio.

Este Encontro Nacional de Estudantes em Coimbra é visto com uma ameaça pelas autoridades, mas acaba mesmo por acontecer. A seguir, o Senado Universitário suspende 34 estudantes de Coimbra por seis meses. Já o presidente da Associação Francisco Leal Paiva e outros seis membros da direção são alvo de expulsão de todas as escolas portuguesas, pelo período de dois anos. Por já não ser estudante, Sampaio não corre o risco de sofrer esse tipo de represálias.

Jogos florais e colóquios | Um dia depois de ter acabado o Encontro Nacional de Estudantes, a direção dos Serviços de Censura faz circular um boletim confidencial sobre o Dia do Estudante, que as associações de estudantes iriam celebrar entre 23 e 25 de março, em Lisboa. A ordem é clara: «Dada a sua inconveniência política e social, quaisquer referências ao "Dia do Estudante" ou a factos com o mesmo relacionados, devem ser "cortadas", o que muito se recomenda.»

No ano anterior, o Dia do Estudante realizara-se em Lisboa sem problemas. Desta vez o regime reagirá de forma violenta.

Terá sido um erro estratégico? Para aquele fim-de-semana estavam anunciadas atividades como um jantar de confraternização e um sarau cultural, jogos florais e colóquios, manhã desportiva e um baile, mas também um plenário de imprensa. E como responderá agora o regime? «Houve uma carga policial», contaria Jorge Sampaio a Luís Filipe Costa, em entrevista transmitida na RTP em 2000. «Era um dia nacional com gente das várias academias, mas sobretudo em Lisboa, na Cidade Universitária, onde se ia discutir o que se imagina: a autonomia da Universidade, que na altura era obviamente um conceito de natureza para-política, porque a autonomia era contra o regime de algum modo.» Na mesma entrevista, Sampaio defenderia que a resposta dos estudantes em 1962 só foi possível pela organização que as associações tinham ganho desde a crise de 1956, ligada à contestação ao famoso decreto n.º 40.900. A repressão policial contra o Dia do Estudante acabaria por gerar «um grande movimento, como se chamaria mais tarde, de unidade estudantil, de unidade democrática», conta Jorge Sampaio. «Sabendo nós que havia desde católicos a comunistas, a socialistas independentes, a agnósticos, a troskistas, a tudo quanto imaginar se podia.»

Pela união de amanhã | Em 1962, o cartaz do Dia do Estudante traz palavras de ordem que viriam a revelar-se premonitórias: «A unidade de hoje pela união de amanhã».

Desde a madrugada de 23 de março, a polícia de choque está na Cidade Universitária. Os estudantes ficam agora a saber que o programa previsto não se poderá afinal realizar. Nessa manhã, o estudante de Filosofia José Medeiros Ferreira fará parte de uma delegação que vai a casa do reitor da Universidade de Lisboa, o professor Marcello Caetano. Regressam à Cidade Universitária a bordo do carro do próprio

reitor. Caetano discursa aos estudantes, a partir da varanda da Reitoria. Pede-lhes que voltem para casa. Diz que serão recebidos pelo ministro da Educação Nacional e informa que a polícia abandonará a Cidade Universitária.

O luto académico | Afinal, as forças policiais não se retiraram, optando por se esconder atrás da Reitoria. O ministro não recebe os estudantes. Milhares de estudantes vão para o Estádio Universitário. Segue-se a invasão do estádio por parte da polícia de choque.

Um dos filhos de Marcello Caetano está no Estádio Nacional, por ter vindo assistir a um jogo de rãguebi agendado para aquele dia. Miguel Caetano sabe que por detrás da tribuna do estádio há um telefone. Dali telefona para o pai, como contará no documentário *Sampaio, Salazar e Caetano: O Confronto de 1962*, de Jacinto Godinho e Carlos Oliveira, emitido na RTP em 2022.

O reitor vai até ao Estádio Universitário. Com Marcello Caetano está agora o linguista Luís Filipe Lindley Cintra. O professor da Faculdade de Letras fala então aos milhares de estudantes presentes, em nome do reitor. Como a cantina está fechada pelas autoridades, o reitor convida os estudantes a irem fazer o jantar de confraternização no Lumiar, no restaurante Castanheira de Moura, onde cabem mais de 1000 pessoas. Grande parte dos estudantes começa a dirigir-se para o Lumiar. Mas pelo caminho a polícia de choque carrega sobre os estudantes, batendo com cassetetes aos que não conseguissem fugir a tempo. Perto de 1000 estudantes acabariam por jantar nessa noite no Castanheira de Moura, em celebração, apesar de o restaurante estar cercado pela polícia de choque. Marcello Caetano fizera saber que seria a Reitoria a pagar a conta do jantar, mas o próprio reitor não está presente.

Durante o que viria a ser conhecido como a crise académica de 1962, o professor Lindley Cintra aprenderá com os estudantes um truque que chegou a ter algum sucesso, pelo menos de início, como contou numa entrevista a Maria de Lurdes Belchior, Edite Estrela e Isabel Faria, transmitida na RTP em 1991. «A polícia tinha saído das carrinhas e avançava para os estudantes. Que conheciam uma técnica que eu não conhecia, de fazer parar a polícia. Foi cantar o hino nacional. Quando cantaram "A Portuguesa", os polícias puseram-se em posição de sentido.»

Amanhã começa a greve | O Dia do Estudante fora inviabilizado, resultando em cargas policiais e numa maior unidade entre os estudantes. Na noite do dia seguinte, a RIA reúne em Económicas, junto à Rua do Quelhas e muito perto da Assembleia Nacional e da residência de Salazar.

Nos jornais daquele dia fora publicado um comunicado do Ministério da Educação Nacional, onde se apela à intervenção das famílias dos estudantes: «Chama-se a atenção dos pais e dos educadores para o dever, que no plano nacional lhes impende, de colaborar em tudo que não perverta a inteligência e o sentimento patriótico da nossa juventude.» Não são mencionadas quaisquer cargas policiais, neste comunicado oficial. O governo tomara as «estritas decisões impeditivas», segundo a narrativa do Ministério. «A propósito de uma projetada comemoração do "Dia do Estudante", elementos de ação declaradamente subversiva tentaram desviar das atividades escolares alguns estudantes universitários, liceais e até das escolas do magistério primário e colégios particulares, com o pretexto de reuniões, colóquios e convívios a efetivar em Lisboa», lê-se no comunicado. Para milhares de estudantes universitários, esta é agora uma experiência da

censura em primeira mão. Afinal, nada chegara aos jornais do que tinham visto e vivido na Cidade Universitária e no Campo Grande. Omite-se a intervenção do reitor a partir da varanda da Reitoria. E é também ocultada aos leitores a carga policial sobre os estudantes que se dirigiam ao restaurante Castanheira de Moura, a convite do reitor.

Na reunião presidida naquele domingo por Jorge Sampaio, o voto é feito por mão no ar. Já de madrugada, decide-se por unanimidade que será decretado o luto académico. Não se pode chamar-lhe greve, mas na prática será uma greve às aulas, a partir do dia seguinte. «A noite em que nós decidimos fazer a greve académica é uma noite inesquecível, porque é um salto no desconhecido», contaria Jorge Sampaio a Diana Andringa, numa entrevista emitida na RTP em 1989. «É por isso que eu em termos de comparação faço a maior homenagem sempre aos militares de Abril que decidem na noite de 24 para 25 avançar com as suas tropas. Nós não tínhamos tropas, não tínhamos tanques nem canhões. Mas a circunstância de decidirmos "amanhã começa a greve" num quadro ditatorial e repressivo é uma decisão de facto que não foi fácil. E é uma decisão inesquecível.»

A seguir à votação a favor do início da greve, a cada líder da RIA é distribuído um papelinho com um número de telefone, para usarem apenas em caso de emergência. A pedido de Jorge Sampaio, todos os dirigentes associativos decoram o número de telefone. Os papelinhos são queimados, ali mesmo.

Contra o vandalismo policial | Na segunda-feira, a greve académica começa e é um sucesso. Para que continue a ser um sucesso, passará a ser essencial o serviço de informações clandestino montado pelas associações de estudantes, com a escrita diária de um comunicado. Durante a noite, imprime-

-se o comunicado em papel de gramagem muito fina. Todas as manhãs é distribuído o novo comunicado em cada faculdade. As máquinas de impressão são rudimentares e funcionam em sítios escondidos, que a polícia política não consegue dismantelar, apesar de um dos locais de impressão chegar a ser identificado. Mas há uma segunda linha deste sistema de impressão que vai assim resistindo à ação da PIDE.

Os comunicados são produzidos e distribuídos todos os dias, durante os perto de dois meses que durará a crise académica, com um grupo de estudantes responsável pela escrita. Fazem parte Vasco Pulido Valente, Manuel de Lucena, Mário Sottomayor Cardia e Nuno Brederode Santos. Entre 26 de março e 14 de junho, serão escritos, impressos e distribuídos 47 comunicados, sempre com textos aprovados pela RIA, presidida por Sampaio. A própria RIA não pode assinar os comunicados, porque se trata de uma estrutura informal, sem enquadramento legal.

Além de serem distribuídos em Lisboa logo de manhã, à mesma hora, os comunicados seguem também para Coimbra e para o Porto, para que os estudantes universitários de todo o país possam estar informados. Na imprensa portuguesa, a existência de Censura prévia impede a publicação de comunicados das associações de estudantes. Mas a crise académica de 1962 receberá a atenção da imprensa internacional.

Logo a 27 de março, o jornal *The New York Times* traz uma notícia escrita por Benjamin Welles, onde é parafraseado o comunicado número zero das associações de estudantes, divulgado na manhã do dia anterior, onde se noticiara o início da greve estudantil em Lisboa, em protesto contra a polícia e contra o governo. Nesse comunicado apelava-se ao protesto «contra o vandalismo policial até que se realize o Dia do Es-

tudante». Logo no comunicado estudantil seguinte é denunciada a retórica do regime. «Somos apodados de comunistas no programa "Rádio Moscovo Não Fala Verdade", onde se disse: "Os estudantes são arrastados por profissionais comunistas pagos por Moscovo. As pessoas que estão em luto académico não são estudantes, não são portugueses".»

Daqui a dez anos seriam eles | A greve continua, com uma adesão esmagadora. O Ministro da Educação Nacional aceita uma nova data para a realização do Dia do Estudante. Mais tarde, o ministro será pressionado pelo próprio Salazar durante um Conselho de Ministros que acontece a 3 e 4 de abril. «Salazar seria o primeiro a pressentir o perigo para o regime que surgia das lutas estudantis que Sampaio representava», escreve o historiador Fernando Rosas no livro de depoimentos *Era uma vez Jorge Sampaio – Histórias e Imagens* (2022): «Após os primeiros embates com a polícia e as proibições, em março, o então ministro da Educação Nacional, o ultraconservador lente coimbrão Lopes de Almeida, recebe o reitor da Universidade Clássica, Marcello Caetano, e uma delegação das associações de estudantes, a quem promete autorizar as celebrações do Dia do Estudante. Salazar convoca uma reunião do Conselho de Ministros e fulmina o acobardado ministro com a pergunta fatal: "V. Ex^a autorizou ou não o Dia do Estudante?" Em pânico, o ministro mente dizendo que não autorizara. Sibilino, e sabendo que mentia, Salazar terá retorquido: "Fez bem, senão, daqui a dez anos seriam eles a sentarem-se nestas cadeiras".»

No dia seguinte, Marcello Caetano demite-se do cargo de reitor da Universidade de Lisboa, enviando uma carta ao ministro da Educação Nacional com cópia para Salazar, acompanhada por um cartão pessoal. Na carta, o reitor de-

missionário conta que acabara de saber através dos jornais da proibição da nova data do Dia do Estudante.

O braço-de-ferro continua, já sem a presença de Caetano em cena. A 8 de abril há uma manifestação silenciosa de estudantes, entre a Cidade Universitária e o Campo dos Mártires da Pátria, onde funciona o Ministério da Educação Nacional. Perante a carga policial, desta vez os estudantes atiram flores à polícia. A ideia terá partido da estudante de Medicina Isabel do Carmo e do estudante de Direito Vítor Wengorovius, um dos líderes da RIA e amigo de Sampaio.

A 16 de abril, é enviada de Coimbra uma carta para o presidente da RIA, Jorge Sampaio. Quem a escreve é o diretor do jornal estudantil *Via Latina*, António Avelãs Nunes. A carta é confiscada pela PIDE, sendo citada por José Pedro Castanheira no primeiro volume da biografia de Sampaio. Começa assim: «Os meus cumprimentos e votos de boa sorte nos destinos das associações de Lisboa, de que és rei (ou Presidente da República, se preferes) e Senhor.»

O poder não pode ser vencido | A 17 de abril, ao fim da tarde, está marcada uma reunião em São Bento, entre os representantes dos estudantes e o Ministro de Estado adjunto da Presidência do Conselho Correia de Oliveira, acompanhado pelo decano da Faculdade de Direito e antigo ministro Costa Leite, mais conhecido como Lumbrales. Ou seja, o mesmo Lumbrales que anos antes ajudara a resolver o imbróglio burocrático do *Chevrolet*, que estava retido na alfândega e fora trazido dos Estados Unidos por Arnaldo Sampaio.

Dentro da residência oficial de Salazar, com o presidente da RIA Jorge Sampaio estão também a representar os estudantes José Vasconcelos Abreu, José António Tavares da Cruz, Manuel Magalhães e Medeiros Ferreira. «Para espanto

geral, o ministro puxa de um papel e começa a ler um longo discurso», escrevem Gabriela Lourenço, Jorge Costa e Paulo Pena, no livro *Grandes Planos – Oposição Estudantil à Ditadura – 1956-1974*, publicado em 2001. «Os estudantes nem acreditam no que ouvem: "O poder não pode ser desafiado porque o poder não pode ser vencido. Quando o for, só na aparência terão os ganhadores obtido uma vitória, pois que na realidade se limitaram a derrotar o que, de facto, era já inexistente". Correia de Oliveira afirma que todas as questões agendadas são da competência da pasta da Educação, comprometendo-se apenas a diligenciar junto de Lopes de Almeida. No dia seguinte o luto continua suspenso, enquanto o *Diário de Notícias* publica na íntegra a preleção do ministro.»

O 1.º de maio | Na guerra da propaganda, o regime insiste na tese de que estas movimentações estudantis estão ligadas a uma influência comunista vinda diretamente de Moscovo. Em Portugal, o Partido Comunista Português iria organizar manifestações para 1 e 8 de maio. Discute-se em plenário de estudantes se haveria ou não participação estudantil nestas manifestações. Decide-se pela não participação. De 1 a 8 de maio, a própria greve académica é suspensa. O objetivo é contrariar a tese do regime de que o movimento estudantil estaria tomado pelo comunismo.

A 1 de maio, uma manifestação de comemoração do Dia do Trabalhador é esmagada pela polícia em Lisboa, sendo usada tinta azul para marcar os manifestantes que vão tentando fugir das cargas policiais. Já a 8 de maio há feridos e mortos em Lisboa, como resultado da repressão policial de uma nova manifestação organizada pelo Partido Comunista.

Também a 8 de maio, é suspensa a direção da Associação Académica de Coimbra e a sede no Palácio dos Grilos acaba

por ser fechada pela polícia. Numa Assembleia Magna de estudantes no Estádio de Santa Cruz, é decidida a suspensão da Queima das Fitas, uma atitude inédita. Também é suspensa a atividade da equipa de futebol da Académica, que joga na primeira divisão. O próximo jogo é contra o Beira-Mar e será adiado pela Federação Portuguesa de Futebol.

Um sinal de encorajamento | Em Lisboa, marca-se um plenário para o dia seguinte. No Estádio Universitário, é decretada a retoma do luto académico, em solidariedade com a Associação Académica de Coimbra e também se decide o início da greve aos exames. Nesse plenário, o estudante de Medicina e dirigente associativo Eurico de Figueiredo apresenta a ideia de fazerem uma greve de fome na cantina da Cidade Universitária e apresentam-se mais de 80 voluntários. Alguns desses grevistas voluntários são sorteados nas associações de estudantes, com professores de Medicina a oferecerem-se para prestar assistência médica aos grevistas.

Entre os grevistas inclui-se o estudante de Direito Nuno Brederode Santos. Está no primeiro ano de Direito e é irmão da estudante da Faculdade de Letras Maria Emília Brederode Santos, que namora agora com Jorge Sampaio. A greve de fome começa na cantina universitária e Nuno Brederode Santos junta-se aos grevistas sem dizer nada em casa, como contará numa entrevista conjunta dada com a irmã a Anabela Mota Ribeiro, publicada no *Jornal de Negócios* em 2013. «O meu pai foi lá. Havia [na cantina da Cidade Universitária] uma janela que dava para a rua – janela fechada, só o vidro –, e eu dei com o meu pai. O meu pai fez-me um sinal de encorajamento. Fiquei comovidíssimo, julguei que ele ia ralhar, que ia achar que com 16 anos não se têm estes arremedos.» Num dos plenários com milhares de estudantes na Cidade

Universitária, Jorge Sampaio está a discursar e vê o próprio pai, a assistir ao longe. Trata-se de um apoio discreto, mas comovente, por ser muito arriscado, tendo em conta que Arnaldo é dirigente na Administração Pública e poderia assim perder o trabalho, sendo essa uma forma de represália política muito usada pelo regime.

O Medo Mata | A polícia entra agora na cantina universitária. A maioria da população de Lisboa já estará a dormir. Às 18h45 de 10 de maio, a Emissora Nacional passara o programa de rádio «A Verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade)». A Rádio Renascença emitira nessa noite o «Tríduo preparatório para a peregrinação a Fátima», a partir das 21h20. Já teria acabado há horas a sessão de estreia no Politeama de *O Medo Mata*, um filme de *gangsters* realizado por Joseph Pevney. Também já teria terminado no Casino Estoril o espetáculo de Teddy Raye, que nascera dois anos antes de Sampaio.

O cantor francês é anunciado nos jornais portugueses daquele dia como «o célebre demónio do Twist». Trata-se de publicidade tolerada pela censura prévia que controla toda a imprensa portuguesa. Já o líder estudantil Jorge Sampaio é por esta altura muito mais famoso do que qualquer demónio do Twist, pelo menos entre a polícia política do regime.

Entre 1956 e 1962, mudara muito a relação entre o regime ditatorial português e as universidades. A elite do movimento estudantil é agora responsável por algumas das formas mais visíveis de oposição ao regime, com a organização e a contestação a começarem nos liceus e a atingirem a máxima expressão nas universidades de Coimbra e de Lisboa, onde há plenários de estudantes com milhares de participantes. A PIDE segue com atenção as atividades de dirigentes como

Jorge Sampaio. Esta greve de fome na cantina da Universidade de Lisboa será uma jogada arriscada, com uma resposta histórica.

Os senhores estão presos | No início da madrugada de 11 de maio de 1962, a tensão entre o regime e os estudantes mantém-se há quase dois meses. Dentro da cantina, o ambiente é de festa e de desafio. Os polícias entram com pistolas metralhadoras às três e meia da manhã daquela sexta-feira.

Antes, uma força de 300 homens cercara a cantina. Lá dentro está o líder estudantil Jorge Sampaio, acompanhado por uma multidão de mil pessoas que ocupa todo o espaço, em solidariedade com os 81 estudantes que ali fazem greve de fome desde as 17h do dia anterior.

Expirara há muito o prazo dado pelas autoridades universitárias para os estudantes saírem da cantina onde decorre a greve de fome. Deveriam ter saído antes das 19h45, mas continuam lá dentro. A multidão engrossara até ao limite do espaço da cantina, com o objetivo de impedir detenções. Talvez a polícia fosse incapaz de prender de uma vez perto de mil estudantes.

À porta da cantina, a polícia de choque estacionara dezenas de carrinhas para levar os estudantes que fossem detidos. As autoridades teriam planos para prender todos os estudantes que estivessem lá dentro. Mas quando os agentes da polícia entraram na cantina universitária, não estariam a contar com tantas pessoas. São requisitados autocarros da Carris para transportar os estudantes detidos.

O comandante das forças destacadas para fazer esta grande detenção é o capitão Horta Veiga, que se dirige aos estudantes e lhes diz que estão presos. Nessa altura, Sampaio e outras pessoas lembram a Horta Veiga que a ordem de prisão teria

de ser dada de forma individual, o que tornará o processo de detenção muito mais demorado. Não bastará prender apenas os dirigentes estudantis, porque todos os que estão presentes na cantina estão a praticar o mesmo ato de resistência às autoridades.

Uma canção da Resistência Francesa | Houve estudantes que conseguiram fugir, incluindo alguns dirigentes associativos. Jorge Santos saíra da cantina e da Cidade Universitária minutos antes da entrada da polícia. Apanhara um táxi, para levar uma estudante a casa, no Restelo. A estudante do Restelo só tinha autorização da família para estar fora de casa até à meia-noite e continuara na cantina até depois das três da manhã, em solidariedade com os grevistas da fome.

Já de manhã, os estudantes detidos serão levados em carrinhas da polícia e em autocarros da Carris. Os estudantes do sexo masculino são a maioria e vão sendo transportados para um quartel da polícia de choque em Oeiras. As estudantes seguem para uma cela no Governo Civil, em Lisboa.

Com os estudantes, seguem para Oeiras dois dos professores que estavam na cantina. «Os dois, o [professor de Economia Francisco] Pereira de Moura e eu, entrámos no último autocarro da Carris que saiu dali», contaria o professor Lindley Cintra em entrevista a Maria de Lurdes Belchior, Edite Estrela e Isabel Faria, em 1991. «Os estudantes, no autocarro onde íamos, lembraram-se de cantar "*Le Chant des Partisans*", foi outra coisa que não esqueço, nem eu nem o Pereira de Moura concerteza.»

Em português, «*Le Chant des Partisans*» poderia chamar-se «O Canto dos Resistentes» e era uma canção da Resistência Francesa, criada em 1943, pela liberdade e contra a ocupação de França pelas forças da Alemanha nazi de Adolf Hitler.

Durante a crise académica de 1962, algumas das canções escolhidas pelos estudantes vêm do cancionero republicano da Guerra Civil Espanhola e também da resistência italiana ao fascismo, durante a Segunda Guerra Mundial.

Isto pode correr tudo bem | Noutro autocarro, um dos detidos é o estudante do 5.º ano de Direito Joaquim Mestre, amigo de Sampaio. «Pelo caminho, dava-se uma situação muito esquisita», conta agora Joaquim Mestre. «Nós íamos num autocarro e as pessoas estavam na cidade, a começar a ir para os empregos. Queríamos transmitir a ideia de que estávamos presos. Mas não parecia. Era difícil, dizíamos: "Está tudo preso". Mas eles nem viam a polícia, os autocarros iam com o pessoal. E o embarque acontecia na Cidade Universitária, onde não vivia ninguém. O que se fez foi comunicar aos jornalistas. Estavam várias pessoas fora, que não foram presas e que transmitiram. De resto, aquilo estava preparado para ser muito mau. Já tinha havido aliás várias cenas de pancadaria. Mas julgo que foi o [professor Lindley] Cintra, que conseguiu falar com o comandante da polícia e que no fundo garantiu: "Isto pode correr tudo bem, se você me der possibilidade de eu ser o interlocutor". E foi isso que aconteceu. Tínhamos confiança no Cintra, como é evidente. Na crise, foi a pessoa mais importante. Foi decisivo, absolutamente fundamental. E era uma pessoa extraordinária.»

Os detidos são interrogados e a maioria vai sendo libertada. Os detidos que a PIDE identifica como dirigentes estudantis serão transportados para a Prisão de Caxias.

«Álbum de Cadastrados» | Jorge Sampaio tem 22 anos quando é fotografado no pátio da Prisão de Caxias. Talvez esteja a olhar para o infinito. Ou para alguém. Naquele dia de maio de 1962, o futuro Presidente da República traz uma

gravata escura fininha e evita olhar para a máquina fotográfica policial. Mantém um ar sério e calmo, com as mãos atrás das costas, sem mostrar medo.

A polícia política de Salazar já fotografara antes aquele líder estudantil, à socapa. Mas agora este retrato é tirado às claras, sob detenção. O retrato de Sampaio é incluído no «Álbum de Cadastrados», tal como acontece a outros 70 estudantes detidos em Caxias.

Com as informações disponíveis, a polícia política identifica aqueles 71 detidos como os organizadores da ocupação da cantina da Cidade Universitária e como tendo estado entre os promotores da revolta estudantil que se vivia nas universidades portuguesas desde 24 de março.

Saímos todos | Quase todos os detidos pertencem a uma elite social e cultural, tendo em conta que por esta altura apenas 2% da população portuguesa concluiu cursos superiores. Alguns fazem parte de famílias com ligações à esfera de poder. Entre os detidos lá está José Felismino, filho do diretor-geral da Contabilidade Pública, e Afonso de Barros, sobrinho de Marcello Caetano, o professor de Direito que se demitira do cargo de reitor da Universidade de Lisboa.

A pressão de muitas das famílias chegará ao topo do regime, como contaria Sampaio a Diana Andringa, em 1989. «Como o movimento tocava desde filhos de diretores gerais da Administração Pública portuguesa a filhos de professores, a filhos de médicos conhecidos, etc... Só estivemos em Caxias três dias. Não era possível sustentar a prisão daquelas pessoas. Porque, no fundo, o que é que se lhes fazia depois? Portanto, saímos todos.»

«Dearest George» | A 14 de maio, os últimos estudantes são libertados. Na manhã seguinte, Jorge está de regresso à

Cidade Universitária, num piquete de greve. Tal como acontecera muitas outras vezes, quatro agentes da PIDE que por ali andam a observar são identificados, neste caso em frente à Faculdade de Letras. Têm de ir embora, a seguir ao presidente da RIA os ter apontado a dedo e depois de os agentes terem percebido que meia centena de estudantes estão agora conscientes de que aqueles quatro homens são agentes da polícia política.

A 18 de maio, a RIA é declarada ilegal pelo regime, que aumenta agora o nível de repressão sobre os estudantes. Também passa a ser proibida a divulgação de quaisquer comunicados. É posto em marcha um enquadramento legal que permite a abertura de processos disciplinares e suspensões imediatas de estudantes.

A seguir à greve de fome e à invasão da cantina pela polícia, há sinais de que a adesão ao luto académico vai perdendo unanimidade. O pai de Jorge está fora de Portugal, numa reunião da Organização Mundial de Saúde, em Genebra. A 23 de maio, a mãe de Jorge Sampaio escreve uma carta em inglês, dirigida ao filho mais velho. Fernanda envia aquelas palavras manuscritas pelos correios, de Sintra para Lisboa, para a morada da avó Sarah, em Campo de Ourique.

A carta viria a ser confiscada pela PIDE meses depois, numa busca à casa de Sintra. É citada em parte por José Pedro Castanheira no primeiro volume da biografia de Sampaio. Nesta carta, Fernanda Branco de Sampaio trata o filho por «Dearest George», que poderíamos traduzir para «Queridíssimo Jorge».

Fernanda diz estar muito orgulhosa com a luta do filho, mas conta que tem sofrido demasiado e que agora os nervos já não aguentam mais. «Um filho na prisão é uma coisa hor-

rível, horrível, mesmo tendo sido como foi. Agradeço a Deus teres saído tão depressa. Eu não teria aguentado muito mais. O dia da tua libertação foi um dos mais felizes da minha vida! Por favor, querido George, sê muito, muito cuidadoso. Já sabes o que eles são e do que são capazes. Lembra-te, sempre e sempre, que eles escrevem poder com um P grande.»

Para a mãe, neste momento Jorge está a correr riscos demasiado graves: «Isto é absoluto terror e nada neste país justifica morrer por ele.»

Nome falso numa pensão | Um dia depois de Fernanda ter enviado esta carta, a PIDE prende José Bernardino, controlador do Partido Comunista nas faculdades de Lisboa, secretário-geral da RIA no ano letivo anterior. É apanhado perto de Lisboa, na companhia do dirigente do PCP José Magro.

Jorge Sampaio nunca pertencerá ao PCP, apesar de ter sido convidado umas vinte vezes. Mas em 1962 mantém ligação a várias pessoas que são militantes ou simpatizantes deste partido clandestino. Por esta altura, Sampaio e outros dirigentes associativos chegam a ir dormir a pensões, para se esconderem durante a noite.

Na Rua Braancamp, Jorge Sampaio dará um nome falso numa pensão onde passa uma ou duas noites. Décadas depois, o então Presidente da República haveria de falar na Faculdade de Direito sobre esses dias, durante uma sessão comemorativa da crise académica de 1962, com a presença da RTP. Nessa altura, Sampaio menciona o nome falso dado na tal pensão, próxima da Avenida da Liberdade e do Marquês de Pombal. O nome dado teria sido Aníbal Silva. Perante os risos da plateia de estudantes, Sampaio esclarece a história, num tom próximo do chamado humor britânico: «Foi esse

por acaso na altura o nome escolhido. Quem me havia de dizer o que aconteceu depois.» Mais risos da plateia.

Os livros que eles tiraram | Já perto do final de maio, a PIDE prende Eurico de Figueiredo. O estudante de Medicina de 23 anos é dirigente associativo e fora o primeiro a apresentar a ideia da greve de fome, durante um plenário.

O braço-de-ferro entre o regime e as associações de estudantes dura há meses. É agora mais difícil manter a greve às aulas, porque fazer greve em altura de exames poderia significar chumbar, com todas as implicações familiares, económicas e sociais associadas. Ainda por cima, em 1962 já é claro que os estudantes que chumbarem não conseguirão adiar o serviço militar obrigatório, agora com a hipótese forte de irem parar à guerra em África.

A greve é suspensa a 14 de junho, num plenário com votação difícil, em que acaba por ser aprovada a proposta da RIA, presidida por Sampaio.

Para os estudantes que tinham feito greve de fome e para alguns dos dirigentes associativos, a crise de 1962 significará a expulsão do ensino superior, durante anos. Os que vão para a tropa seguem para a Escola Prática de Cavalaria de Santarém, tendo como comandante Homero de Matos, que fora diretor da PIDE.

Perante a perspectiva de terem de participar na guerra colonial, entre 1961 e 1974 houve milhares de portugueses que optaram pelo exílio. Jorge Sampaio ficara livre da tropa. Não pode ser suspenso do ensino, porque já terminara o curso de Direito. Mas poderia ser perseguido pela PIDE, como qualquer cidadão.

No verão de 1962, a polícia política de Salazar vai à casa da família de Jorge Sampaio, em Sintra. O advogado estagiário

não está em casa. Os agentes da PIDE confiscam livros, cartas e cadernos de apontamentos daquele que fora um dos principais líderes da crise académica. «Estava o meu pai e a minha avó [Sarah]», conta agora Daniel Sampaio. «Eu não assisti, devia estar na escola, a minha mãe devia estar a dar lições. Quem atendeu os agentes da PIDE foi o meu pai e a minha avó. A minha avó era uma senhora muito bonita, muito distinta, com um ar muito sério. E a minha avó contava que o meu pai assinava todos os livros que levaram, porque ele dizia que depois eles podiam dizer que o Jorge andava a ler livros que não era verdade. Estes vão rubricados por mim, para se saber que estes foram os livros que eles tiraram cá de casa.»

A arte de compreender as pessoas | No final de setembro, Jorge Sampaio é chamado a prestar declarações na sede da PIDE em Lisboa, na Rua António Maria Cardoso. Parte do auto de declarações está transcrito no primeiro volume da biografia de Sampaio, escrita por José Pedro Castanheira. Nessas declarações, Jorge Sampaio diz que já terminou o seu papel enquanto dirigente associativo e que tenciona dedicar-se ao estágio de advocacia. Sobre a razão de ter sido eleito líder da RIA, defende que terá sido «pelas suas qualidades de isenção, imparcialidade e necessária moderação – entendendo-se por esta a arte de compreender as pessoas, e ainda ter achado que a sua experiência e o seu conhecimento dos problemas universitários poderia ser bastante útil».

Aproxima-se agora o final do ano letivo. Em outubro é eleito o novo secretário-geral da RIA, que irá suceder a Sampaio. O escolhido é José Medeiros Ferreira, que é logo preso pela PIDE. No início de dezembro, o ministro da Educação Nacional Manuel Lopes de Almeida é substituído. O novo

ministro é agora Inocêncio Galvão Teles, que fora diretor da Faculdade de Direito de Lisboa e que se demitira em solidariedade, quando Marcello Caetano deixou o cargo de reitor da Universidade de Lisboa. Para aceitar esta pasta no governo de Salazar, Inocêncio Galvão Teles terá posto a condição de que fossem libertados os estudantes que estavam presos. Entre outros, é libertado Medeiros Ferreira.

Acabou a crise académica de 1962. Mas nas faculdades portuguesas a luta estudantil continuará até ao final da ditadura. Já o advogado estagiário Jorge Sampaio passará a estar sob vigilância permanente da PIDE. Continuará a atividade cívica e política, mas fora do meio universitário. E vêm aí muitas mudanças na vida deste homem que fizera parte da liderança do movimento estudantil português, na grande crise académica que abanara a ditadura de Salazar. Aos 23 anos, a vida Jorge Sampaio será agora muito diferente.

1963-1974

NO CÉU CINZENTO

Vem aí o Ano Novo. Na despedida de 1962, em Portugal o *Diário de Lisboa* traz o editorial «Austeridade e Boas Festas», onde se critica o desperdício de dinheiros públicos. Neste caso, a crítica tem como pretexto o gasto em papel, impressões de alta qualidade e selos dos correios. É que alguns departamentos de Estado enviaram cartões de Boas Festas a cores, com «cromos artísticos» onde são reproduzidos quadros antigos. Assinala-se o bom gosto das pinturas escolhidas, mas «o País está empenhado numa luta pela sua sobrevivência, que lhe custa os olhos da cara e exige de todos nós pesados sacrifícios», escreve-se na primeira página. «Onde está a política de austeridade tão vivamente recomendada? Onde está o respeito pela bolsa do contribuinte, a quem se pedem sacrifícios para fins que não se conciliam muito bem com o de desejar um ano feliz e alegre a quem só tem razões para estar triste? Tem-se dito que o País está de luto. Todos estamos, portanto, de luto. E não se desejam boas festas a pessoas que estão de luto.»

Galinhas no jardim do palácio | A austeridade faz parte da política do regime, como tem acontecido desde o início da ditadura. Ainda por cima, Portugal está agora empenhado numa guerra colonial em África e também numa guerra

diplomática no xadrez político internacional, em particular nas Nações Unidas. Todas as páginas dos jornais portugueses passam antes pelos serviços de censura prévia, que cortam tudo o que possa ser subversivo. Por vezes, o critério dos censores de serviço é difícil de compreender. Mas qualquer editorial crítico do *Lisboa* só poderia ser impresso caso se tratasse de uma crítica aceitável pelo próprio regime.

Da maioria dos portugueses, espera-se que aceitem ser pobres, mas honrados. À volta do próprio ditador, fora construída uma imagem de homem austero e poupado, sem luxos visíveis e com mais predisposição para o luto do que para festejos. Há até uma criação de galinhas no jardim do palácio onde vive, em São Bento. E essa atitude de Salazar perante a economia caseira deve ser imitada por todos os setores do Estado e também pelas famílias portuguesas.

O grande legado foi a cultura | Na família Sampaio, é comum o pai e a mãe fazerem contas aos gastos diários, conta Daniel Sampaio. «Não havia muito dinheiro e havia bastantes regras. Não predominava o afeto, como vemos com os pais de hoje. Sobretudo a grande transformação é do pai homem. Hoje em dia, o pai homem é capaz de tomar conta de um bebé. O meu pai não era uma pessoa próxima, do ponto de vista afetivo. Era uma pessoa que transmitia muitos valores. A minha mãe era mais próxima, mas também não era uma pessoa muito afetuosa, no sentido de estar connosco ao colo. Transmitiam sobretudo valores. Valores democráticos, valores culturais. O grande legado foi a cultura, nós passávamos a vida a falar de livros. Passávamos a vida a discutir ao jantar os acontecimentos do dia-a-dia.»

O quotidiano da família afasta-se de Sintra e passa agora por Lisboa, onde Arnaldo e Fernanda acabam de comprar

três apartamentos e um sótão, num sexto andar na Rua de Campolide. Um dos apartamentos é para arrendar, outro é agora a morada de Arnaldo e Fernanda, no terceiro apartamento instalam-se Jorge e Daniel. O irmão mais velho está a fazer o estágio de advocacia e o irmão mais novo estuda agora no liceu, de onde seguirá para o curso de Medicina. «Eu tinha uma semanada», conta Daniel Sampaio, «mas os livros eram pagos à parte. Sempre me deram o dinheiro para comprar os livros que quisesse, era considerado essencial. Depois, na Faculdade de Medicina, os livros eram muito caros. O meu pai disse-me sempre: "Vai haver dinheiro para comprares os livros de Medicina que quiseres". Estudava com duas colegas e era eu que tinha mais dinheiro, era eu que comprava os livros de Medicina. Estudava no meio, com uma de cada lado. Com uma casei, a outra foi madrinha de casamento.»

Há sempre alguém que resiste | No país, muito mudara nos últimos meses. Em Coimbra, José Afonso gravara ainda em 1962 um álbum com baladas como «Menino d'oiro», distantes da resistência ao regime. Já em 1963, chega de Coimbra o novo álbum do Doutor José Afonso, que traz canções de revolta como o «Menino do Bairro Negro» ou «Os Vampiros», onde o poder económico e o poder político da ditadura são agora retratados como um bando de vampiros que «comem tudo e não deixam nada». E com versos como estes: «No céu cinzento / Sob o astro mudo / Batendo as asas / Pela noite calada / Vêm em bandos / Com pés de veludo / Chupar o sangue / Fresco da manada».

Também em 1963, Manuel Alegre escreverá os versos de «Trova do vento que passa», logo gravados na voz de Adriano Correia de Oliveira, com Rui Pato à viola e música de António Portugal. Apesar da perseguição que o regime continua

a fazer a quem tenha opiniões contrárias, aqueles versos de Alegre apontam no sentido da esperança: «Mesmo na noite mais triste / em tempo de servidão / há sempre alguém que resiste / há sempre alguém que diz não.»

Canções como estas são vistas pelo regime como subversivas e acabam por ser proibidas e perseguidas, circulando de forma clandestina.

O Tempo e o Modo | Agora que Sampaio deixou de vez a Universidade de Lisboa, faz parte de um grupo de resistência de vida breve. Chama-se Movimento de Acção Revolucionária, é mais conhecido como MAR e conta com pessoas como Manuel de Lucena, António José Saraiva ou Nuno Bragança. No MAR chega a ser defendida a luta armada como forma de combater e derrubar o regime. Mas o movimento acabaria por ficar inativo sem que se concretizem quaisquer ações espetaculares, como o objetivo de interromper uma emissão da RTP quando estivesse a ser transmitida uma mensagem de Ano Novo do Presidente da República. Ainda é contrabandeado do Reino Unido um aparelho que serve para esse tipo de interferência, mas há um problema técnico que não chega a ser resolvido.

Para Jorge Sampaio, a forma de resistência mais visível passará nos próximos anos pela advocacia, mas também pela tomada de posições públicas. Em janeiro de 1963, participa logo no primeiro número da revista *O Tempo e o Modo*, uma iniciativa de católicos progressistas onde também escrevem opositores políticos como Mário Soares, que no ano seguinte seria um dos fundadores da Ação Socialista Portuguesa, em Genebra.

Entre as atividades cívicas em que Sampaio se inclui a seguir à crise académica estão algumas iniciativas do Centro

Nacional de Cultura. Mais tarde participará também na plataforma de diálogo Pragma, ligada ao movimento católico progressista.

Mais de duas horas e meia de discurso | Em maio de 1963, Sampaio termina o estágio de advocacia. Logo a seguir, é desafiado para participar na defesa de um dos réus, num grande processo político contra 86 acusados de terem participado na Revolta de Beja, tentada na madrugada do primeiro dia de 1962. O desafio é lançado a Sampaio por Mário Soares, que tem escritório de advocacia próximo do escritório onde Sampaio trabalha. Conheciam-se desde o final da crise académica de 1962 e Sampaio aceita este desafio.

A estreia no Tribunal Plenário da ditadura acontecerá em defesa de Manuel Peralta Bação, militante do Partido Comunista e operário metalúrgico. Em julho de 1964, durante as alegações finais no Tribunal da Boa Hora, Sampaio fará mais de duas horas e meia de discurso. O resultado do processo será o que todos esperariam, acabando também condenado o réu defendido por Sampaio. Mas o advogado estreante nestas lides cumpre o papel com brilhantismo, naquilo que funciona sobretudo como ato de denúncia e de resistência.

Muitos dos processos estão baseados em torturas e em outras práticas ilegais. Os juízes e o Ministério Público sabem perfeitamente o que estão a fazer, dirá décadas depois Jorge Sampaio, em entrevista a Ana Aranha para o programa «Vítimas de Salazar», transmitido na Antena 1 em 2007: «A vida portuguesa construiu-se sobre muita dor.»

Uma figura tristíssima | No mesmo julgamento na Boa Hora, também se estreia no Tribunal Plenário o amigo Jorge Santos, que depois desse grande processo da Revolta de Beja também voltará a defender presos políticos. «Nós éramos

os meninos bonitos daquele grupo de advogados que defendia os presos políticos, o Mário Soares, o [Salgado] Zenha, o Cunha Leal, o Magalhães Godinho, com quem nós aprendemos imenso. E eles tratavam-nos nas palminhas», conta Jorge Santos.

Trata-se de teatro e de afirmação política, porque já se saberia à partida qual será a sentença. «Aqueles julgamentos eram uma fantochada, eram uma oportunidade para a gente se vingar dos "Pides". O Ministério Público apresentava sempre como testemunhas da acusação dois ou três agentes da PIDE, que a única coisa que iam dizer era que tinham assistido aos interrogatórios dos réus e que podiam afiançar que nenhuma espécie de coação tinha sido exercida sobre os réus. Tortura? Nada, nada, nada. Pronto, isto era a prova da acusação. E o Tribunal aceitava, era assim. Nessa altura, nós vingávamo-nos, porque os humilhávamos. Se um pide dizia isso, já tinha respondido ao Ministério Público. E o presidente do Tribunal dizia: "Sotô, a testemunha é sua". Muito bem, normalmente a gente dizia:

– A única coisa que o senhor vem aqui dizer é que o meu cliente não sofreu maus tratos. Mas o meu cliente não está acusado de sofrer maus tratos, não é disso que vem acusado. Vem acusado de crimes contra a segurança do Estado, de ter participado numa reunião. O senhor estava lá? Assistiu a essa reunião? Como é que o senhor pode garantir?

– Eu ouvi-o confessar.

– Mas a confissão do réu, só por si, não serve de prova. Isso está na lei. Portanto, ou o senhor admite que tem ligações com o Partido Comunista, assistiu à reunião e lembra-se perfeitamente do que é que o meu cliente disse.... Ou então é muito simples, o senhor não sabe nada. O senhor vem para

aqui fazer uma figura tristíssima.» O ambiente é de tensão. O principal papel dos advogados dos presos políticos é denunciar as torturas, os maus tratos e as condições de detenção. Quase sempre, a absolvição dos acusados será uma miragem.

O instinto maternal | O namoro de Jorge Sampaio com Maria Emília Brederode terminara com o fim da crise académica. Desde o final do estágio como advogado, Jorge namorava agora com a estudante de Medicina Karin Schmidt Dias, filha da pianista alemã Margot Schmidt e do antropólogo Jorge Dias, uma figura famosa da Antropologia em Portugal, com ligação ao regime. Karin estava no primeiro ano de Medicina quando vira o futuro namorado pela primeira vez, durante a crise de 1962. Nesse momento, Jorge discursava num plenário no Estádio Universitário. Karin ficara deslumbrada.

A propósito do sucesso de Sampaio nesta área da vida, o amigo Jorge Santos tem uma teoria. «Era uma coisa que a gente dizia: O que é que este gajo tem? Ainda hoje estou convencido e já falei nisso até com a minha mulher, que era uma das tais que também dizia "Ai, o Jorge"... Ele despertava nelas o instinto maternal, tinha um ar infelicíssimo quando as coisas corriam mal. Estou convencido que era isso. Era espantosamente bem-educado. À inglesa, pela mãe. Era muito delicado, abria a porta às meninas... Fazia aquilo tudo, não falhava. E depois punha aquele ar triste e elas tinham pena dele.»

Nova Iorque às escuras | No início de 1965, a PIDE desmantela grande parte da rede do PCP no meio universitário. No pequeno sótão da família Sampaio na Rua de Campolide chega a estar escondido Eurico Figueiredo, amigo de Jorge Sampaio. O pai de Jorge é informado e autoriza o uso do sótão, apesar do risco que essa atitude representa para a família.

Ainda em 1965, Jorge aproveitará um convite da Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa. No outono parte para dois meses de viagem, com uma bolsa de estudos concedida através do Foreign Leader Program, que os serviços diplomáticos norte-americanos canalizam para potenciais líderes políticos portugueses, da oposição não-comunista.

Nos Estados Unidos, Sampaio testemunha a luta contra o racismo e pelos direitos civis dos afroamericanos, fala sobre a ditadura portuguesa, sobre a guerra colonial em África e assiste de perto a iniciativas de protesto contra a Guerra do Vietname. Cabe ao próprio bolsheiro desenhar o programa de estudos e tem autonomia para decidir de forma livre onde quer ir. Só não é autorizado a passar pelo bairro do Harlem, porque nesse dia acontecera um grande apagão, estando a cidade de Nova Iorque às escuras.

Lua de mel no Algarve | Ao longo destes dois meses nos Estados Unidos, Jorge conhecerá figuras marcantes como o escritor Hodding Carter, em Greenville, no estado do Mississipi. Já em Nova Iorque, assiste a uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, onde vê o ministro dos Negócios Estrangeiros Alberto Franco Nogueira a defender a posição política da ditadura de Salazar, perante o colonialismo português.

Neste momento, Portugal está isolado no panorama internacional, o que dificulta ainda mais o esforço de guerra. Franco Nogueira acusa a União Soviética de estar a apoiar as guerrilhas que combatem as forças portuguesas, através de bases clandestinas que funcionam em países africanos vizinhos.

Antes de regressar dos Estados Unidos, Jorge envia ao irmão Daniel um telegrama de parabéns, a propósito de um

exame brilhante na cadeira de Anatomia, e regressará desta experiência com muito para contar.

Jorge já namorava há dois anos com Karin quando partira para os Estados Unidos. Depois de quatro anos de namoro, haveriam de casar em março de 1967, com uma cerimónia no Registo Civil, seguida de almoço no Palácio de Seteais e de lua de mel no Algarve.

Uma reunião secreta | De início, Jorge e Karin vão morar para um apartamento na Rua Elias Garcia, em Lisboa. Karin terminará o 5.º ano de Medicina, em 1968, com média final de 17,3 valores. No verão de 1968 viajam até à Alemanha, onde têm dois casamentos. No mesmo verão, o casal irá a França, onde Karin fica num quarto de hotel em Paris, sem saber onde Jorge estará ao longo dos próximos dias. Trata-se de uma reunião secreta. Por motivos de segurança, mais vale que a mulher desconheça os detalhes logísticos. Cabe a Karin comprar em Paris três pares de bilhetes de cinema por dia, para poderem ser usados pelo casal como álibi, no caso de haver problemas.

Na capital francesa, os ventos de liberdade do Maio de 1968 sopram agora na memória. O que traz Sampaio a Paris é o futuro imediato da resistência em Portugal. A reunião tem de acontecer fora do país, porque nela participarão oposicionistas portugueses que vivem nuns casos na clandestinidade e noutros casos no exílio, por exemplo em Argel ou em Moscovo.

No ponto de encontro combinado, espera-os um autocarro com as cortinas fechadas, que transportará quase todos para um sítio secreto, com a logística a ficar a cargo do Partido Comunista Francês. A reunião dura três dias, fora da capital francesa. Além de Sampaio, lá estão elementos da

oposição política portuguesa como Pedro Ramos de Almeida, Fernando Piteira Santos, Maria Eugénia Varela Gomes ou o membro da Resistência Cristã João Bénard da Costa. A principal figura será o líder exilado do Partido Comunista, Álvaro Cunhal, que chega à reunião num Citroën «boca de sapo» preto.

Nesse dia, Sampaio conhece Cunhal e fica impressionado com a vivacidade e a inteligência extraordinárias do líder comunista, como contará décadas depois em entrevista a Ana Sousa Dias. O objetivo é discutir estratégias comuns para o próximo simulacro de eleições legislativas, que segundo o calendário eleitoral haveria de ser encenado pela ditadura portuguesa no ano seguinte.

Primavera Marcelista | Ao regressar a Paris depois da reunião, Jorge tem uma grande surpresa ao pegar num exemplar do jornal diário francês *Le Monde*, comprado no Quartier Latin. Em Portugal, Salazar tivera um pequeno acidente e fora operado.

Mal a notícia corre, passa a haver muita atenção mediática aos boletins clínicos diários, onde se vai sabendo alguma coisa sobre o mau estado de saúde de Salazar. O ditador acabará por ser afastado do poder, incapacitado para o exercício de funções governativas, sem perspetiva médica de poder vir a recuperar.

Segundo o mito, Salazar terá caído de uma cadeira de lona no Forte onde veraneava, junto à Linha do Estoril. O certo é que o governo português passa a ser liderado por um novo Presidente do Conselho. Chama-se Marcello Caetano e Jorge Sampaio conhece-o muito bem dos tempos da Universidade. É o professor de Direito que se demitira do cargo de reitor durante a crise académica de 1962.

Agora, em setembro de 1968, Marcello Caetano toma posse para substituir Salazar. Chega a haver esperança de que esta mudança de protagonista venha a trazer mudanças na ditadura e uma possível abertura da sociedade, a caminho da democracia. Essa ilusão ficará conhecida como Primavera Marcelista. Em novembro de 1968, um dos gestos iniciais do novo ditador seria o regresso do opositor Mário Soares do exílio a que fora obrigado na colónia africana de São Tomé, no contexto de escândalo sexual que envolvera figuras importantes do regime. Soares fora acusado de ter ajudado a divulgar esse caso de polícia junto da imprensa estrangeira, contribuindo assim para piorar a imagem do regime português.

A sós na Faculdade | Agora, os caminhos de Caetano e Sampaio haveriam de se cruzar em breve nas novas funções do ex-reitor da Universidade de Lisboa. Antes, o contacto mais recente acontecera a propósito de um julgamento político. Ainda no ano anterior, Sampaio publicara em livro um recurso apresentado ao Supremo Tribunal Administrativo, em defesa do preso político Acácio Pinto Barata Lima. Durante a preparação dessa defesa, Sampaio pediria um parecer a Caetano, de quem fora aluno. O ex-reitor é professor catedrático de Direito Administrativo. Recebe Jorge Sampaio a sós na Faculdade. Examina o caso, mas recusa fazer um parecer.

Um belíssimo advogado | Todo o trabalho em defesa de presos políticos é feito sem pagamento. A principal atividade profissional de Jorge Sampaio como advogado é desenvolvida na área de marcas e patentes, com sucesso.

José Vera Jardim elogia a combatividade do amigo, enquanto advogado. «Era um lutador, era um tipo que dava

luta no tribunal até ao fim. Dava luta como dava nos exames, nas orais. O Jorge Sampaio pedia sempre prolongamento, para ver se a coisa corria melhor. Na Faculdade de Direito havia dois tipos de aluno. O primeiro ano marcava para o resto da faculdade. Eu tive 15, o Jorge Sampaio terá tido 11 ou coisa do género. A partir daí, tinha uma carreira diferente. Mas ele era um belíssimo advogado e era um tipo lutador. Lembro-me que um dia ele perdeu um prazo para apresentar umas testemunhas. Ora bem, sucede a um advogado. E ele não desistiu, levou as testemunhas para a sala de julgamento. A certa altura falava numa delas e dizia: "Por acaso, está ali". Portanto, ele conseguiu ouvir as testemunhas, mesmo sem ter apresentado aquilo que se chama o rol de testemunhas. Tinha muito jeito para a advocacia. Conheci muitos bons alunos que depois não foram grandes advogados. Eram bons alunos, mas não tinham as qualidades necessárias para serem bons advogados.»

Futebol e resistência política | Em meados de 1969, Jorge e Karin mudam-se para um apartamento em Benfica e passam a ser vizinhos de Jorge Santos. Da varanda de casa dá para ver o campo do Futebol Benfica, mais conhecido como «Fofó». A propósito, a ligação do sportinguista Jorge Sampaio ao futebol mantém-se forte, sendo jogador amador e adepto fervoroso, habituado a ir ao Estádio de Alvalade.

Já como advogado, dois anos antes tivera como cliente um futebolista do Benfica e da Seleção Nacional. A seguir ao Mundial de 1966, António Simões estivera quase a mudar-se para o clube argentino Boca Juniors, através do principal rival do Benfica, o Sporting. Mas nesta altura os clubes portugueses contam com leis que dificultam muito as transferências de jogadores. Depois de muita pressão sobre o joga-

dor, Simões acabaria por ficar no Benfica, com uma melhoria salarial.

Simões marcará um dos golos num dos jogos de futebol mais importantes da História de Portugal. No verão de 1969, é entre o Benfica e a Académica que se joga a final da Taça de Portugal. No Estádio Nacional, futebol e resistência política misturam-se, numa final onde se joga muito mais do que apenas um troféu.

Em Coimbra vivia-se há meses o que viria a ser conhecido como a crise académica de 1969. Em resposta a uma greve aos exames decretada pela Associação Académica de Coimbra, a cidade fora ocupada por forças policiais, num clima de guerra civil. O conflito começara porque o presidente da Associação Académica de Coimbra fora impedido de falar em nome dos estudantes, numa inauguração de um novo edifício da Universidade em que estava presente o Presidente da República Américo Thomaz. A reação repressiva do regime deixa claro que acabaram quaisquer ilusões sobre uma eventual Primavera Marcelista.

Nas meias-finais, a equipa de Coimbra vencera o Sporting. Agora, com a equipa de futebol da Académica a chegar à final da Taça, Lisboa receberá a visita de milhares de estudantes. O jogo transforma-se na maior manifestação política de sempre da ditadura. Como medida de precaução, desta vez a RTP não transmite a final da Taça de Portugal. A Académica começa a ganhar, mas o jogo acaba por ser vencido pelo Benfica por 2-1, com um golo de Eusébio a somar-se ao golo de Simões.

«**Conversa em Família**» | Em julho de 1969, o Bispo do Porto regressa do exílio, em mais um gesto de abertura do regime. Em Portugal, a ditadura mantém-se. Mas o estilo

comunicativo do novo ditador é muito diferente da reserva a que se remetia Salazar. O antigo ditador continua vivo, embora sem condições de saúde para governar. Até ao fim, há um círculo mais próximo de Salazar que mantém uma ficção cuidadosa, encenando reuniões e outras formalidades, de forma a que o antigo ditador possa acreditar que ainda continua no poder.

No topo do regime está agora Marcello Caetano. Num estilo de professor próximo dos alunos, Caetano passa a comunicar com o país através da televisão, num programa onde faz monólogos como se estivesse a dar uma aula sem direito a dúvidas. O programa chama-se «Conversa em Família» e marca um novo tipo de ditadura, paternal e com estilo pedagógico.

Além de aparecer na televisão sempre que lhe parece oportuno, Caetano também inova na forma como viaja pelo país, em contato próximo com multidões. Ao contrário de Salazar, viaja para fora de Portugal e é recebido em ambiente de festa em vários territórios do império português, em África. Apesar de ter havido algumas mudanças, ao longo dos anos de Caetano ao leme da ditadura, a guerra continuará – assim como a censura, a vigilância da polícia política, a violência policial, as torturas e as prisões políticas.

Candidato a deputado | Também em 1969 haverá eleições legislativas em Portugal, que servirão para eleger os deputados da Assembleia Nacional. Desta vez, a oposição democrática candidata-se e acabará mesmo por ir a votos.

Na oposição ao regime destaca-se a lista da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática. A CEUD está ligada à esquerda não comunista e tem candidatos como o advogado Mário Soares ou a escritora Sophia de Mello Breyner. Já a CDE ou Comissão Democrática Eleitoral está próxima do PCP e con-

ta com candidatos como Joaquim Mestre, Jorge Sampaio ou José Tengarrinha. A campanha eleitoral é agora um momento raro de alguma abertura política, com a perseguição da polícia política e da censura a serem menos duras. Mesmo assim, há episódios de violência contra candidatos da oposição. O acesso aos cadernos eleitorais e aos órgãos de comunicação social está facilitado para os candidatos das listas apresentadas pelo partido único da ditadura, a União Nacional.

Jorge Sampaio é agora candidato a deputado numa lista da CDE. É como membro da Comissão Política da CDE que encontrará agora Marcello Caetano no seu novo posto de trabalho no Palácio de São Bento. O encontro é pedido pela CDE, que se faz representar por Sampaio, Lindley Cintra e Pereira de Moura, todos bem conhecidos de Caetano, dos tempos em que fora reitor.

O motivo da audiência com o agora Presidente do Conselho é o facto de a polícia política ter confiscado quase todos os exemplares do programa político da CDE, que acabara de ser impresso. Dias depois, a PIDE devolverá mesmo à CDE o material confiscado.

Um novo grupo oposicionista | Os resultados das eleições dão a vitória às listas do regime, que elege todos os deputados e consegue uma margem esmagadora. Entre as listas da oposição fica em primeiro lugar a CDE de que faz parte Sampaio, numa pequena vitória sobre a CEUD de Soares.

A vida continua, apesar da desilusão entre muitos oposicionistas do regime. Mário Soares optará por partir para o exílio em Paris, no início de agosto de 1970. Em Portugal, o ano de 1970 fica marcado pelo início da atividade visível de vários grupos de ação armada, como a Ação Revolucionária Armada. A ARA está ligada ao Partido Comunista Português

e evita fazer vítimas, mas conseguirá pôr em prática vários atentados com muito impacto na moral e no aparelho de guerra do regime.

Com Vítor Wengorovius, Agostinho Roseta e José Dias, Jorge Sampaio fundará perto do final do ano um novo grupo oposicionista. Só viria a ter nome a seguir ao fim da ditadura e nessa altura chamar-se-á MES, Movimento de Esquerda Socialista. Para já, o grupo começa a funcionar em segredo, estabelecendo contatos dentro da oposição e recusando participar na luta armada.

O divórcio | Para Jorge Sampaio, uma das grandes mudanças dos próximos tempos nada terá a ver com as atividades da resistência política.

Um dos amigos próximos de Jorge Sampaio e de Karin Schmidt Dias é o advogado Jorge Santos, que terá recebido a notícia em primeira mão. Nessa noite de 1971, Sampaio telefonará ao amigo e vizinho depois do jantar, a perguntar se poderia ir lá a casa beber um café.

Os dois amigos mantinham rotinas em conjunto e era comum irem a casa um do outro, em Benfica. «Quando ele ainda estava casado com a Karin, ao domingo de manhã íamos fazer aqueles circuitos que há em Monsanto, com aparelhos de ginástica», conta Jorge Santos. «Todos os domingos íamos os dois sozinhos, mas isso passou-nos. Passaram os anos e começou a custar cada vez mais. Mais tarde, começámos a jogar golfe, quando o Jorge já estava casado com a Maria José [Ritta].»

O divórcio de Jorge e Karin acontece de forma pacífica e o amigo Jorge Santos é o advogado a quem o casal confia a gestão do caso na justiça. O processo inclui alguns truques legais, para contornar a lei de divórcio restritiva que existe

em Portugal. É necessário arranjar amigos que testemunhem em tribunal e finge-se que Sampaio abandonara a casa do casal, de forma a que o divórcio seja aceite pelo juiz. Depois do processo, nos anos e décadas seguintes, haverá várias provas de amizade e respeito entre Jorge e Karin. Um desses momentos estará ligado a notícias difamatórias publicadas já em democracia, durante uma campanha eleitoral, sobre o final do casamento de Karin com Jorge.

Na Capela do Rato | Em Portugal há agora problemas mais graves do que casamentos ou divórcios. Neste início de década, as frentes de guerra em África são problemáticas a todos os níveis, tanto para a sociedade como para o regime português. Os recursos económicos do país são poucos para aguentar a guerra, ainda por cima numa situação de isolamento diplomático internacional. E o aumento de feridos, mortos e estropiados vai levando as más notícias da guerra às casas de cada vez mais famílias portuguesas.

Um dos momentos de resistência mais marcante acontecerá em Lisboa no final de 1972, com uma vigília contra a guerra colonial. Começa na Capela do Rato a 30 de dezembro e deveria durar até às 13 horas do Dia Mundial da Paz de 1 de janeiro de 1973, uma segunda-feira.

Em 1972, o último dia do ano calha num domingo. E a área da Grande Lisboa é agitada pelo rebentamento de petardos, numa iniciativa do grupo de ação armada Brigadas Revolucionárias, que também lança panfletos sobre o protesto que está agora a acontecer na Capela do Rato. Na noite desse domingo, a polícia invade a Capela do Rato e prende todas as pessoas presentes. Entre os organizadores estão católicos progressistas como Nuno Teotónio Pereira ou Maria da Conceição Moita.

Em tribunal, o processo político terá a participação do advogado Jorge Sampaio, que publicaria logo a seguir o livro *O Caso da Capela do Rato no Supremo Tribunal Administrativo*, com Francisco de Sousa Tavares, Francisco Salgado Zenha, José Vasconcelos Abreu e José Vera Jardim.

O país conta agora com um novo jornal semanário, o *Expresso*. É uma iniciativa do advogado, empresário e deputado Francisco Pinto Balsemão, que se tem destacado com Francisco Sá Carneiro na chamada Ala Liberal. Este é um grupo informal de deputados independentes, eleitos em 1969 para a Assembleia Nacional, nas listas do partido único União Nacional. No *Expresso*, Sampaio irá escrever várias crónicas. Numa delas, faz-se passar por jornalista, durante umas eleições legislativas forjadas pela ditadura de Marcello Caetano. O resultado são linhas certeiras, escritas com humor.

«**Venham mais cinco**» | Depois de se ter divorciado, Sampaio namorará durante um ano com Joana Lopes, que se doutorara em Filosofia na Bélgica. Jorge conhecia Joana dos tempos da crise académica de 1962. Mesmo depois de terem deixado de ser namorados, irão os dois a Viena, com os pais de Sampaio. Da capital austríaca seguem para o Festival de música de Salzburgo.

Já no verão de 1973, Sampaio passa férias na ilha algarvia da Fuzeta com um grupo de que fazem parte pessoas como Joaquim Mestre, Adriano Correia de Oliveira, Zélia e José Afonso, que nesse outono haveria de gravar em Paris o álbum *Venham mais cinco*, onde canta palavras cheias de futuro, como «Não me obriguem a vir para a rua gritar».

Logo a seguir a estas férias na Fuzeta, Jorge Sampaio conhece Maria José Rita, em setembro de 1973. Quem os apresenta é César Oliveira e Marta de Freitas, num jantar a

quatro em Benfca. O cozinhado funciona mesmo e Jorge e Maria José começarão a namorar.

As nove sinfonias de Beethoven | Maria José Ritta faz parte de uma família do Algarve e é dois anos mais nova do que Jorge. Estudou em colégios internos religiosos. Ao fazer 21 anos, cortara relações com o pai, aproveitando o facto de ter atingido a maioridade para se mudar para Lisboa. O pai de Maria José fizera fortuna na indústria conserveira e recusara à filha mais velha a possibilidade de continuar a estudar, por considerar que esse não deveria ser o papel de uma mulher.

Maria José vive e trabalha em Lisboa desde o final de 1962. Trabalha agora na TAP, como supervisora do serviço de atendimento ao público, no Marquês de Pombal. E conduz um *Humber Super Snipe*, um carro britânico imponente.

O namoro dura menos de um ano, até ao casamento. Antes, viajam até Berlim logo no final de 1973 para assistirem a uma maratona de cinco dias de música. São as nove sinfonias de Beethoven tocadas pela orquestra Berliner Philharmoniker, dirigida pelo maestro Herbert von Karajan.

Jorge e Maria José casam-se em Lisboa no início de abril de 1974, apenas na presença do padrinho e da madrinha de casamento, Jorge Santos e Marta de Freitas. A lua de mel é feita de carro, no norte de Portugal e inclui um jogo no Estádio das Antas, onde Maria José começa a sentir-se portista, contrabalançando assim o sportinguismo do marido.

Dias depois do regresso do casal a Lisboa, o sono de Jorge e Maria José é interrompido por um telefonema para casa, às cinco da manhã do dia 25 de abril. Jorge atende o telefone e ouve a voz do amigo César Oliveira, que lhe dá a grande novidade. Está a acontecer uma revolução nas ruas de Lisboa. É preciso acordar.

1974-1978

25 DE ABRIL SEMPRE

Ainda não nasceu o dia e já Jorge Sampaio e Maria José Ritta estão acordados. A caminho do amanhecer de 25 de abril de 1974, é preciso decidir o que fazer depois do telefonema do amigo César Oliveira. Estará mesmo uma revolução nas ruas de Lisboa?

A ditadura é uma realidade duradoura em Portugal, desde maio de 1926. O anterior ditador foi afastado do poder por motivos de saúde, em 1968. O regime aguentara-se, com a função a ser agora cumprida por Marcello Caetano. Há quatro anos, Salazar morreu, sem assistir à queda da ditadura que tinha consolidado no país. E a guerra mantém-se em três frentes em África, nas colónias de Angola, Moçambique e Guiné.

Mas o que se estará a passar agora nas ruas de Lisboa? Será este mais um golpe militar falhado? E, caso tenho sucesso, será que se trata de um golpe militar de extrema-direita, liderado por um militar ultra como Kaúlza de Arriaga?

«**E Depois do Adeus**» | O que devem fazer agora? Quais serão os perigos? Enquanto Jorge e Maria José dormiam, tinham sido movidas várias peças num xadrez militar preparado em segredo. Tão em segredo que a maioria da oposição política desconhecia o que se estava a passar.

Na rádio, o primeiro sinal para o avanço das tropas revoltosas fora a emissão de uma canção de amor. A voz de Paulo de Carvalho a cantar «E Depois do Adeus» remete para desgostos amorosos e para o mais recente Festival da Canção da RTP, que costuma ser um fenómeno de popularidade. Esta canção nada contém de subversivo que pudesse deixar em estado de alerta quem quisesse defender a ditadura do Estado Novo.

Já o segundo sinal é claro, com a transmissão de uma canção de Zeca Afonso, do álbum *Cantigas de Maio*. A gravação da canção «Grândola, Vila Morena» começa com um som de passos ritmados, lembrando um grupo de pessoas a marchar. Inclui palavras como «fraternidade» e «igualdade» e transporta versos subversivos como este: «O povo é quem mais ordena».

O golpe militar apanhara Jorge Sampaio e Maria José Ritta de surpresa. Como Jorge desconhecia os preparativos e costuma estar bem informado sobre a resistência de esquerda, fica na dúvida sobre se seria um golpe militar da extrema-direita para depor Marcello Caetano e substituí-lo por outro ditador.

Sem que Sampaio soubesse, estivera envolvido nos preparativos do que se estava a passar hoje. No escritório de advocacia na Rua Duque de Palmela aparecera há pouco tempo um antigo dirigente associativo dos tempos da crise académica de 1962. O agora médico António Silva Graça vinha pedir a Sampaio que desenhasse de memória um esquema da Prisão de Caxias. Jorge tivera o desprazer de conhecer Caxias, primeiro como detido e depois como advogado de presos políticos, que visitava na prisão. O advogado não fez perguntas, o médico e militante do PCP não explicou qual seria a utilidade daquele desenho. O papel chegaria às mãos

do capitão Otelo Saraiva de Carvalho, da liderança do movimento militar que estava agora a derrubar o regime.

Um dos objetivos militares iniciais seria tomar a Prisão de Caxias, mas esse plano acabaria por falhar, não sendo considerado prioritário atacar aquela que era uma das prisões políticas mais conhecidas da ditadura.

As notícias chegavam a conta-gotas | Da casa onde acordam em Benfica, Jorge e Maria José irão para o centro de Lisboa, na manhã de 25 de abril de 1974. Maria José já não irá ao aeroporto, onde deveria dar um curso de formação. No Marquês de Pombal, será decidido que o serviço de atendimento ao público da TAP não ficará aberto.

Ao contrário de outros protagonistas políticos que haveriam de estar em pontos-chave das movimentações militares desta manhã, Jorge não vai ao Terreiro do Paço nem ao Largo do Carmo, onde se reúne o governo liderado Marcello Caetano. Nessa manhã, Jorge irá até à redação do semanário *Expresso*, junto à Avenida da Liberdade. «Sampaio, cujo escritório de advocacia era mesmo ali ao lado, resolveu, e bem, transferir-se durante quase toda a manhã para a nossa sede, onde sabia, aliás, que seria bem acolhido», escreve o fundador do *Expresso* Francisco Pinto Balsemão no livro *Era uma vez Jorge Sampaio*, (2022). «As notícias chegavam a conta-gotas, através dos nossos jornalistas que regressavam da rua ou iam tentando telefonar e também de outras fontes, algumas delas militares, que nos contactavam».

Na redação do *Expresso*, Sampaio encontra Jorge Galamba, com quem estivera preso na mesma cela em Caxias. Galamba fora ao Terreiro do Paço para ver o que estava a acontecer. À hora do almoço, Jorge e Maria José acabam por ir para casa. Maria José gostaria de ter ido para a rua, contaria a

José Pedro Castanheira. No primeiro volume da biografia de Sampaio, Maria José Ritta conta que foi com Jorge à charcutaria Brasil, na Rua Alexandre Herculano. Encheram o carro de Jorge com comida, seguindo depois de volta para casa, em Benfica. «É uma coisa de que hoje muito me arrependo: segui as instruções dos militares, achei que sabiam o que estavam a fazer», conta Sampaio a Castanheira. «Toda a gente foi para o Carmo – eu fui para casa!»

Após o triunfo do movimento | Na noite de 25 de abril, o destino do regime já parece claro. O governo foi mesmo deposto. A população de Lisboa transformara o golpe de estado em revolução e encheram as ruas, apesar dos apelos do Movimento das Forças Armadas, que pedira a toda a gente para evitar sair de casa. Nessa noite, Jorge e Maria José terão jantado com vários amigos em casa de Nuno Bragança e Maria Belo, na Rua da Escola Politécnica. O jantar já estava combinado e é nessa noite que se assiste na televisão ao comunicado da Junta de Salvação Nacional, presidida pelo general António de Spínola. O general fora o autor de *Portugal e o Futuro*, um livro de grande sucesso que acabara de ser publicado dois meses antes, onde se defendia que seria impossível vencer a guerra nas colónias por meios militares.

Na RTP, Spínola lerá a «Proclamação da Junta de Salvação Nacional», que começa assim: «Em obediência ao mandato que acaba de lhes ser confiado pelas Forças Armadas, após o triunfo do movimento em boa hora levado a cabo. Pela sobrevivência nacional e pelo bem-estar do povo português, a Junta de Salvação Nacional a que presido, constituída por imperativo de assegurar a ordem e de dirigir o País para a definição e consecução de verdadeiros objetivos nacionais, assume perante o mesmo o compromisso de:

– Garantir a sobrevivência da Nação, como pátria soberana no seu todo pluricontinental.

– Promover desde já, a consciencialização dos portugueses, permitindo plena expressão a todas as correntes de opinião, em ordem a acelerar a constituição das associações cívicas, que hão de polarizar tendências e facilitar a livre eleição por sufrágio direto, de uma Assembleia Nacional Constituinte e a conseqüente eleição do Presidente da República.

– Garantir a liberdade de expressão e pensamento.»

A «Proclamação» lida pelo general Spínola continua. Mas, destas palavras e das palavras que se seguem, seria impossível adivinhar o que aconteceria nos próximos dias, nas semanas seguintes e nos meses que duraria o PREC, ou seja o Período Revolucionário em Curso, até 25 de novembro de 1975.

Ao longo de todo o PREC, os dias históricos haviam de se suceder uns aos outros, muitas vezes com vários acontecimentos importantes no mesmo dia.

Os presos de Caxias | A 26 de abril de 1974, Sampaio é um dos advogados de presos políticos que se dirige à Prisão de Caxias. Cá fora, forma-se uma multidão de familiares e amigos dos presos, além de militantes do PCP e outros resistentes não comunistas, como a escritora Sophia de Mello Breyner.

Há também jornalistas a trabalhar para estações de rádio, para jornais e para revistas, agora numa nova realidade em que a censura oficial da ditadura já desapareceu. Cá fora, a RTP faz também uma reportagem. Nos arquivos da estação de televisão pública lá está Jorge Sampaio a fumar junto a João Bénard da Costa, enquanto vários militares vão explicando à multidão e aos jornalistas qual é o ponto da situação. É comunicado que nem todos os presos políticos poderão ser

libertados. Em Caxias, alguns dos 85 presos políticos estão ligados a ações armadas e a Junta de Salvação Nacional recusa libertá-los.

Jorge Sampaio é uma das pessoas autorizadas a entrar na prisão, por ser advogado de alguns dos presos. Lá está Conceição Moita, presa desde que ajudara a organizar, no final de 1972, a famosa vigília pela paz e contra a guerra colonial, na Capela do Rato.

Sampaio e outros advogados recusarão abandonar a cadeia sem que todos sejam libertados. Junto à prisão, mantém-se uma multidão de pessoas. Lá dentro, o grupo de prisioneiras políticas da ala feminina reúne, ficando decidido que só sairão quando saírem todas. O mesmo é depois decidido pelo grupo de prisioneiros.

Tudo aquilo que seja sair daqui | À meia-noite, Sampaio e os restantes advogados abandonam a prisão, sendo filmados à saída pela câmara da RTP. Os presos políticos começam a ser todos libertados da Prisão de Caxias. Cá fora ouvem-se palmas e estão caras conhecidas da resistência a acolher os presos que vão saindo. Entre a multidão, o escritor José Cardoso Pires sorri sem parar. No início da madrugada do dia 27 de abril há cravos ao peito, abraços, pessoas a sair da prisão com sacos na mão. Aos jornalistas, alguns presos falam sobre a alegria de estarem agora em liberdade. Há quem conte também das torturas e dos espancamentos.

A um dos presos que acaba de sair, a equipa da RTP pergunta o que sente. «Aquilo que eu sinto? Pois, é bom. É bom a gente sair daqui. Tudo aquilo que seja sair daqui é bom.» E como se chama, pergunta o repórter? «Chamo-me Luís Guerra, sou militante da LUAR, Liga de União de Ação Revolucionária.» Logo a seguir, é entrevistado o arquiteto

e católico progressista Nuno Teotónio Pereira, junto ao advogado Jorge Sampaio. «Acabou uma era de violência e de repressão no nosso país, que esmagou o nosso povo», diz Teotónio Pereira. «E agora tenho esperança que o povo se possa afirmar e tomar conta dos seus destinos.»

Seguir-se-á a libertação de presos políticos noutras prisões políticas do regime, como o Forte de Peniche ou as delegações da polícia política em Coimbra e no Porto. Nas colónias portuguesas, a 25 de abril de 1974 haveria mais de 4200 presos políticos em diferentes prisões e campos de concentração, que serão também libertados ao longo dos próximos meses.

Explosão de alegria coletiva | A 27 de abril, a primeira edição do *Expresso* sem censura é publicada com um pequeno depoimento de Jorge Sampaio. A 28 de abril, regressa do exílio Mário Soares, o advogado opositor e líder do Partido Socialista Português. O PS tinha sido fundado no exílio em 1973, a partir das bases da Ação Socialista Portuguesa. Jorge Sampaio fora convidado para entrar para o PS desde o momento da fundação do novo partido, mas recusara.

A 29 de abril, regressa do exílio o líder do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal. Já a 30 de abril, passaram cinco dias desde o fim da ditadura. Por sugestão feita por Soares ao general Spínola, a RTP emite depoimentos de várias figuras públicas da política, em vésperas do primeiro Dia do Trabalhador festejado em liberdade. Spínola estaria preocupado com a possibilidade de haver violência durante as celebrações do dia 1.º de Maio e Jorge Sampaio é uma das pessoas entrevistadas.

Será a primeira vez que fala na televisão. Sampaio é agora filmado sentado, de fato e gravata, de início num plano alargado onde se pode ver o nervosismo nas mãos do en-

trevistado. É apresentado como antigo dirigente estudantil e candidato pela CDE nas eleições legislativas em 1969. A entrevista resume-se a uma contextualização curta do jornalista Fernando Balsinha, seguida de um discurso de cinco minutos que começa assim: «Assiste-se a uma notável explosão de alegria coletiva que bem demonstra a forma como o povo português vinha vivendo há tantos anos a esta parte.»

Com reflexão e imaginação | O antigo líder estudantil defende o fim da guerra e «a necessidade absoluta do direito à independência» das colónias e fala sobre o futuro imediato. «Neste preciso momento, o 1.º de Maio deve constituir a arrancada para um completo desenvolvimento da inspiração coletiva, que passe desde a fábrica ao sindicato, desde o bairro onde vivemos até aos descansos coletivos, e que devem ser formas diferentes de assunção da nossa vida pessoal, através de toda a inserção do povo português no seu quotidiano. Está no nosso poder a possibilidade de reformular uma sociedade diferente, que passa pela realização das aspirações coletivas, livremente debatidas com apoio nas massas trabalhadoras. É delas, de facto, de quem depende a organização do novo Estado. É delas de quem depende a organização da produção, da titularidade ou posse dos meios de produção. Sem desfalecimentos, com reflexão e imaginação. Mas com a garantia de que a sociedade que acaba de ser derrotada, do ponto de vista formal na rua e pelas Forças Armadas, tem que ser efetivamente uma sociedade que desapareça. E que não possa ser recuperável através de outras formas, porventura com cores menos carregadas como até aqui.»

A propósito do futuro, Sampaio defende também a «construção do socialismo, que se quer um socialismo democrático, um socialismo aberto, um socialismo não-dogmático, debru-

ção sobre as realidades portuguesas. Temos uma oportunidade única de demonstrar que estamos aqui para ficar».

A 1 de maio de 1974, as ruas de Lisboa enchem-se de gente, na maior manifestação de sempre. Jorge Sampaio participa junto aos companheiros do grupo político sem nome que fundara em 1970 e que passa agora a chamar-se MES, Movimento de Esquerda Socialista. O grupo fora agora convidado para fazer parte do PS, mas recusa.

O 1.º de Maio é vivido em tom de festa, sem violência. O grupo do MES transporta um pano onde está escrito «Movimento de Esquerda Socialista (em construção)». Nos discursos oficiais do Dia do Trabalhador estava combinado que uma pessoa do MES falaria. Mas esse momento é boicotado por militantes do PCP e o discurso de António Santos Júnior acaba por não acontecer, sendo depois publicado na edição do *Expresso* de 4 de maio.

Um mês depois, dois membros do MES serão convidados pelo ministro dos Negócios Estrangeiros Mário Soares para ir em missão exploratória às Nações Unidas, em nome das novas autoridades portuguesas. Os dois emissários são Jorge Sampaio e João Cravinho, que se encontram em Nova Iorque com representantes de vários países, incluindo dos Estados Unidos e da União Soviética.

Foi um discurso de raiva | A construção do MES prolonga-se por vários meses, até que em dezembro de 1974 é feito um congresso de fundação do partido político MES. Durante esse congresso tempestuoso, Sampaio e outros militantes abandonam o MES, passando a ser conhecidos como ex-MES. Antes, Jorge Sampaio faz um discurso no I Congresso do MES na Aula Magna da Cidade Universitária, que virá a considerar o melhor discurso da própria vida, como

contaria ao seu biógrafo José Pedro Castanheira. «À minha frente tinha aquela gente perplexa, e eu com um arrebatamento de raiva gigantesco. Estava absolutamente furioso, no bom sentido do termo. Aquela malta, cheia de esquerdistas, a acusar-nos de não passarmos duns burgueses! Nós, que já andávamos nisto há uma data de anos! Não pode ser, há limites para tudo. Foi um discurso de raiva. De repúdio do esquerdismo sem nenhuma colagem à realidade e sem a preocupação de trabalhar com as instituições. No fundo, talvez fosse a sensação que tinha sido tempo perdido.»

Há primeiro silêncio e depois lágrimas e palmas, entre quem está a ouvir o discurso. Mas segue-se uma derrota interna e Sampaio abandona mesmo o MES, acompanhado por pessoas como Joaquim Mestre e João Cravinho.

Secretário de Estado | É já na qualidade de ex-MES que Sampaio entra para um dos governos provisórios que se seguiram ao 25 de Abril. Passa a ser secretário de Estado da Cooperação Externa a 26 de março de 1975, no IV Governo Provisório, liderado pelo primeiro-ministro Vasco Gonçalves. Sampaio trabalha no Ministério dos Negócios Estrangeiros, que tem como ministro o major Ernesto Melo Antunes.

Um mês depois da tomada de posse do IV Governo Provisório, acontecem em Portugal as primeiras eleições da democracia. São eleições para a Assembleia Constituinte e servirão para escolher os deputados e deputadas a quem caberá escrever a nova Constituição da República Portuguesa.

A participação dos eleitores é histórica, com 91% dos eleitores a exercerem o direito de voto. A avó Sarah Bensaúde anda pelos 96 anos em 1975, quando vota pela primeira vez. «Vestiu o melhor vestido e foi à assembleia de voto acompanhada pela empregada», conta agora Daniel Sampaio.

O partido mais votado é o PS, liderado por Mário Soares, com 37,87% dos votos. Segue-se em segundo lugar o Partido Popular Democrático, o PPD, liderado por Francisco Sá Carneiro com 26,39%. Em terceiro fica o PCP, liderado por Álvaro Cunhal, com 12,46% dos votos. Já o IV Governo Provisório durará até 8 de agosto de 1975, tendo parte dos meses de funções coincido com parte do chamado «Verão Quente» de 1975, marcado por vários episódios de violência, sobretudo contra sedes do PCP e de outros partidos de esquerda.

Dias antes do fim do IV Governo Provisório, Sampaio demite-se a 30 de julho do cargo de secretário de Estado da Cooperação Externa. Haveria de ser a sua única passagem por um governo.

«25 de Abril Sempre» | O PREC terminará com o 25 de Novembro de 1975. Dias antes, Sampaio fora um dos fundadores do grupo de reflexão Intervenção Socialista, mais conhecido como GIS.

O nascimento do GIS é agora explicado pelo advogado José Vera Jardim, amigo de Jorge desde o primeiro ano de Direito. «O MES acabou quando era para ser constituído e houve alguns que ficaram no MES. E houve outros que saíram e foram fundar outra coisa, o GIS. Eu era desse grupo de gente, mas do chamado Grupo do Flórida. Havia uma série de pessoas que se reunia no [Hotel] Flórida, ao almoço. Os chamados ex-MES, que constituíram depois o GIS. Eu nunca fui nada disso, porque defendia que se devia entrar no Partido Socialista. Defendia que a política se fazia em partidos, não era em grupos de reflexão. Embora achasse útil, nunca pertenci. Mas eram os meus amigos, com quem eu almoçava muitas vezes no [Hotel] Flórida. Enfim, constituí

essa máfia [de 62], que o acompanhou sempre. Isso é muito relevante, na história pessoal e política do Jorge Sampaio. Manteve um grupo e gente muito qualificada, à sua volta, pessoas que foram decisivas no apoio como presidente da Câmara e como Presidente da República.»

Em 1977, é na sede da Intervenção Socialista que PCP e PS se reúnem para debater a celebração do próximo aniversário do 25 de Abril. Durante uma reunião, procura-se uma palavra de ordem para esta dia histórico. Sampaio sugere «25 de Abril Sempre», um *slogan* que passará a estar colado a todas as celebrações do 25 de Abril, durante décadas.

Agora, está quase a acontecer uma grande mudança na vida política de Jorge Sampaio, com a entrada para um dos maiores partidos portugueses, já em 1978.

1978-1989

A JOGAR PELO PS

Começa agora o ano de 1978. No final de janeiro toma posse em Portugal um governo com composição mais do que surpreendente.

A realidade política mudara muito entre abril de 1974 e janeiro de 1978. Nas primeiras eleições presidenciais feitas em democracia, fora eleito em 1976 o general António Ramalho Eanes. Entre os militares, tratava-se de uma das figuras que estivera do lado dos vencedores, no 25 de Novembro de 1975. Nesse dia, encerrara-se o Período Revolucionário em Curso, o PREC. Ramalho Eanes ganhara depois as eleições presidenciais logo à primeira volta, conseguindo 61% dos votos, a seguir a uma campanha eleitoral muito tensa e com episódios de violência.

Duas décadas mais tarde, Sampaio contará que nessas eleições de junho de 1976 votou em Otelo Saraiva de Carvalho. Otelo não teria hipóteses de vencer, tendo em conta os apoios dados a Eanes pelos maiores partidos, mas simbolizava o 25 de Abril. Nessas presidenciais acabaria por ser a grande surpresa, conseguindo ficar em segundo lugar, com mais de 16% dos votos.

O socialismo na gaveta | Noutro campo da vida de Jorge, chegaria um dia muito importante menos de um ano depois

das eleições presidenciais de 1976. Em março de 1977 nasceu Vera, a primeira filha.

E o país? No início de 1978, Portugal ainda não entrara para a CEE, a Comunidade Económica Europeia, e no ano anterior a economia portuguesa precisara de uma intervenção do FMI, o Fundo Monetário Internacional.

O Partido Socialista continua no governo, com Mário Soares como primeiro-ministro do II Governo Constitucional. Desde o final de janeiro de 1978, o PS governa em coligação com o CDS. O Centro Democrático e Social é um partido de direita, democrata cristão, fundado em 1974, logo a seguir ao 25 de Abril, por pessoas como Diogo Freitas do Amaral e Adelino Amaro da Costa. Mário Soares defenderá a opção tomada, neste acordo de governo com o CDS, com uma frase que ficaria famosa: «Não se trata agora de meter o socialismo na gaveta, mas de salvar a democracia.»

A nova solução governativa conta com o apoio de uma maioria parlamentar, como exigira o Presidente Eanes. Mesmo assim, este governo haveria de durar menos de seis meses.

Deixe-me dormir | O contexto político dos últimos meses fora muito complicado, como escreverá a arquiteta e política Helena Roseta no *Diário de Notícias*, em 2023: «Portugal atravessava então um período conturbado, com centenas de milhares de pessoas regressadas das ex-colónias, mais de 100 mil soldados desmobilizados, inflação superior a 20% e contas públicas em colapso. Tinha havido o primeiro resgate do FMI em 1977 e austeridade era a palavra de ordem. Silva Lopes, governador do Banco de Portugal, chegava a acordar Soares a meio da noite por causa da bancarrota iminente no dia seguinte. Igual a si próprio, Soares respondia-lhe: "Por favor, senhor governador, deixe-me dormir. Caso contrá-

rio, amanhã não estarei em condições para encarar tão grave problema".»

Sem frango nem arroz nem a panela | Também em 1978, será lançado um álbum marcante do cantautor Sérgio Godinho, seis anos mais novo que Jorge Sampaio. O novo álbum intitula-se *Pano Cru* e transporta várias canções brilhantes como «O Galo É o Dono dos Ovos», «A Vida É Feita de Pequenos Nadas» ou «O Primeiro Dia». Também lá está a canção «Venho Aqui Falar», com versos como estes: «Eu hoje venho aqui falar / дума coisa que me anda a atormentar / quanto mais eu penso mais eu cismo / como é que gente tão socialista / desiste de fazer o socialismo / é querer fazer arroz de cabidela / sem frango nem arroz nem a panela.» Sampaio não desistira de fazer o socialismo, mas o tipo de socialismo que defende será muito diferente da que é agora cantado por este escritor de canções.

Uma negociação muito divertida | Neste contexto de reorganização do xadrez político, Sampaio entra agora para o Partido Socialista, num momento em que já se esgotara o papel de influência do grupo Intervenção Socialista.

O chamado GIS era muito mais influente do que o número de membros com que poderia contar, dirá Sampaio em entrevista a Ana Sousa Dias, em 2004. «Éramos para aí trinta, quarenta, cinquenta, não mais do que isso. E uma parte de nós entrou para o Partido Socialista com uma negociação muito divertida e muito interessante com o doutor Mário Soares. Foi com ele diretamente, foi um momento muito agradável e simpático. Lembro-me perfeitamente que a gente não pediu nada. Cada um preencheu a ficha. Foram assinadas por ele e pelo doutor [Salgado] Zenha, acho que no meu caso foi isso...

– E então o que é que vocês querem, não querem nada?

– Não, não queremos nada. Vamos para as secções [do PS].

Foi uma coisa que ele nunca percebeu muito bem. Mas as coisas evoluíram e houve até uma alteração estatutária simpática, que não era para mim, mas acabei por beneficiar e entrei para o Secretariado um ano depois. E depois tudo entrou para o Partido Socialista, mais tarde entraram aqueles que não tinham entrado antes. Tinha passado a época da especialização e era importante poder agir num contexto muito mais vasto como o do partido.»

Teria sido interessantíssimo | Mesmo antes de começar a jogar pelo PS, Sampaio fora convidado por Soares para entrar para o novo governo PS-CDS. O cargo seria o de ministro dos Assuntos Sociais, responsável pela área da Saúde. Jorge recusara, apesar de tanto o irmão Daniel como o pai Arnaldo o terem incentivado a aceitar este convite. «A recusa dos ex-IS [intervenção Socialista] em integrar o governo com o CDS na exata altura em que estão a entrar no PS "foi muito importante para nós"» – reconhece Sampaio. Anos mais tarde, vista a outra luz, «considereei a decisão uma estupidez», como contará a José Pedro Castanheira, no primeiro volume da biografia. «Teria sido interessantíssimo. Estou certo que conseguiria reunir três ou quatro pessoas de grande craveira que me permitiriam fazer um grande papel.»

Perante a recusa de Jorge Sampaio, o Ministério dos Assuntos Sociais haveria de ficar a cargo de António Arnaut, que ficaria recohecido como «o pai» do Serviço Nacional de Saúde.

Acidente ou atentado | Logo em 1978, Sampaio será eleito deputado nas listas do Partido Socialista. Além da nova atividade da Assembleia da República, continua a trabalhar

como advogado. Em julho de 1980 nasceria o segundo filho, André

No final de 1980, a sociedade portuguesa será abalada pela morte inesperada de Francisco Sá Carneiro, que fora em 1974 um dos fundadores do PPD. Além de primeiro-ministro, Sá Carneiro era o líder do agora PSD, Partido Social Democrata. Durante a campanha para as segundas presidenciais da democracia, o primeiro-ministro e líder do PSD entrara num pequeno avião com destino ao Porto, onde haveria nessa noite o comício de encerramento de campanha do candidato que apoiava, o general António Soares Carneiro. O voo terminaria junto ao aeroporto, em Camarate, com a morte de todas as sete pessoas que seguiam a bordo, entre elas Snu Abecassis, editora da Dom Quixote e companheira de Sá Carneiro, e o ministro da Defesa e fundador do CDS Adelino Amaro da Costa, uma das principais figuras do governo da Aliança Democrática. A AD ganhara as últimas legislativas com maioria absoluta e era uma coligação pré-eleitoral formada pelo PSD, pelo CDS e pelo PPM, o Partido Popular Monárquico, liderado pelo arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles. Durante décadas, este episódio deixará a dúvida sobre se terá sido acidente ou atentado.

Para já, naquele momento de crise, Sampaio irá ao velório do primeiro-ministro Sá Carneiro e do ministro Amaro da Costa, com uma delegação do PS. Para esta ocasião difícil, usa o sobretudo preto do pai. «Naquela altura, não tenho dúvida que foi um ato de coragem. Ninguém previa como iríamos ser recebidos, mas fui tratado impecavelmente», contará décadas depois a José Pedro Castanheira.

Conversações secretas | O pai de Vera e de André tornar-se-á líder parlamentar da bancada socialista em 1987.

Mas, para já, o primeiro-ministro Mário Soares assina em Lisboa o Tratado de adesão do país à CEE a 12 de junho de 1985. O economista Aníbal Cavaco Silva lidera o PSD e em novembro de 1985 tornar-se-á primeiro-ministro de Portugal, cargo que manterá até 1995, com duas maiorias absolutas pelo meio. Para o Partido Socialista, esta década de cavaquismo será uma longa travessia do deserto, num partido com vocação de poder.

Logo em 1986 acontece em Portugal uma eleição presidencial muito disputada. Apesar de Mário Soares ter partido para a campanha eleitoral com sondagens que lhe davam menos de 8% das intenções de voto, acabaria por conseguir ficar em segundo lugar na primeira volta, com uma pequena diferença para o terceiro. Soares venceria depois na segunda volta, em parte graças ao apoio de última hora dado pelo PCP de Álvaro Cunhal, depois de conversações secretas em que Jorge Sampaio participou.

Esta eleição para Presidência da República divide o eleito-rado a meio e acaba por ser mínima a margem de diferença entre Mário Soares e o candidato derrotado, o fundador do CDS Diogo Freitas do Amaral.

«**Temos aqui um grande f...**» | Jorge mantém a atividade profissional como advogado e desde 1985 que é patrono de um estagiário de advocacia, recém-licenciado em Direito. Chama-se António Costa e é sobrinho do amigo e sócio Jorge Santos. «Lembro-me bem das primeiras tarefas que atribuiu ao "puto Costa": preparar a contestação de duas ações movidas contra uma seguradora que representava no ramo dos incêndios. Um curioso caso de autocombustão de arroz e um conjunto de viaturas que arderam num parque de estacionamento público». Este relato foi escrito por Costa e está

no livro *Era uma vez Jorge Sampaio*. «Foi o início da aprendizagem do caminho das pedras. "Diz o mínimo. A ré não sabe, nem tem de saber, o autor é que tem de provar". "Os juízes não têm tempo a perder, temos de ir logo diretos ao que interessa e ser muito claros nas conclusões, é isso que leem". "Lembra-te, um advogado só pergunta quando conhece a resposta". Não esqueci. E é este patrono atento, paciente e exigente que antes de mais recorde, talvez por ser a memória mais pessoal e menos partilhada. Os blocos americanos de folhas amarelas, os maços de SG Gigante ou a mais clássica das suas interjeições: "Temos aqui um grande f...".»

O final do estágio de António Costa já será feito com o advogado José Vera Jardim como patrono, porque em 1987 Sampaio passa a liderar a bancada parlamentar do PS e começa a afastar-se da atividade profissional, escreve Costa. «Passava de manhã cedo pelo escritório, tratávamos do que havia a tratar e lá seguia para a Assembleia.»

A tempestade perfeita | Dentro do PS, desde 1978 que Sampaio já fora protagonista de vários momentos de oposição interna, com derrotas e vitórias pelo caminho. É com a eleição de um novo secretário-geral que Jorge Sampaio se aproxima mais do topo do partido. O novo secretário-geral é Vítor Constâncio, que se demitira do cargo de governador do Banco de Portugal para entrar nesta disputa dentro do PS.

Em 1987, Sampaio passa a ser líder parlamentar do PS, durante 16 meses. Mas logo em outubro de 1988, o secretário-geral do PS Vítor Constâncio demite-se, de surpresa. A vida de Jorge Sampaio terá uma grande mudança. Entrara para o PS dez anos antes, em 1978, mas talvez seja este o momento de chegar à liderança do partido. «O partido estava dividido internamente entre vários protagonistas: Sampaio, [An-

tónio] Guterres, [Jaime] Gama, João Soares», escreve Fernando Marques da Costa, o historiador e assessor político de Sampaio, no livro *Era uma vez Jorge Sampaio*. «A sucessão de Constâncio disputava-se no momento de maior adversidade: uma maioria absoluta e um partido falido. Sampaio não hesitou, outros resguardaram-se. Na comissão política nacional, muitos dos apoiantes de Guterres pressionaram a sua candidatura. Um, determinado, afrontava a tempestade perfeita. O outro aguardou o seu momento.»

Levar o PS ao poder | Antes das eleições internas, Jorge Sampaio participa num debate com Jaime Gama, na RTP, e contextualiza o que se passará neste debate televisivo: «dois camaradas do mesmo partido, dois amigos, duas pessoas que se consideram e que têm como principal objetivo levar o PS ao poder. O seu adversário político não é nenhum de nós. Tenho-o dito por todo o país de uma forma clara e inequívoca. O adversário político é o PSD e Cavaco Silva.»

Sampaio vencerá as eleições internas, recebendo quase 63% dos votos. Na primeira entrevista na RTP como secretário-geral do PS, será assim apresentado no programa «1.ª Página», pelo jornalista João Soares Ferreira, em janeiro de 1989: «Boa noite, Jorge Sampaio é o novo líder do PS. Não é novidade nenhuma, mas a verdade é que as novidades poderão aparecer em breve. Novidades em relação àquilo que quase todos esperavam da política de Sampaio à frente do partido. O 1.ª Página propõe-lhe hoje uma entrevista com o homem que deu razão ao prestigiado *Financial Times*, que há nove anos previa que Jorge Sampaio iria ser um dia secretário-geral do Partido Socialista.»

As novidades serão relativas na vida política portuguesa. Nas próximas eleições para o Parlamento Europeu, o PS li-

derado por Jorge Sampaio conseguirá aproximar-se do PSD liderado por Cavaco Silva, mas fica à mesma em segundo lugar. Já a seguir, virão as eleições autárquicas, no final de 1989. E uma das grandes dúvidas está ligada à capital do país. Quem será agora o candidato do Partido Socialista à Câmara Municipal de Lisboa?

1989-1995 POR LISBOA

O Muro de Berlim caíra um mês antes quando o secretário-geral do Partido Socialista foi a votos como candidato à presidência da Câmara Municipal de Lisboa.

A candidatura de Jorge Sampaio a Lisboa fora uma surpresa para o país, para o PS e até para a família mais próxima.

«O meu irmão era um estudioso», conta Daniel Sampaio. «Quando veio aqui a casa dizer que se ia candidatar à Câmara de Lisboa, fiquei muitíssimo preocupado. Nunca me perguntava o que havia de fazer. Ouvia a minha opinião, como ouvia a de muita gente. Eu já vivia aqui nesta casa [junto à Rua Artilharia 1, em Lisboa]. Vivíamos aqui lado a lado, ele vivia aqui adiante e veio cá. Havia aquela coisa de não haver candidato do Partido Socialista à Câmara de Lisboa, toda a gente recusava. Eu sabia que ele estava preocupado com isso. E depois vem aqui a casa dizer-me: "Vou candidatar-me à Câmara de Lisboa". Fiquei preocupadíssimo. E disse-lhe mesmo:

– Mas tu não percebes nada de gestão autárquica.

– Pois não, mas vou estudar e vou rodear-me de uma equipa competente.

Foi um presidente de câmara com uma visão do que era importante, sobretudo do planeamento. Porque não havia planeamento. Era muito anárquica, a gestão autárquica.»

Salvar Lisboa | Em Lisboa, em 1989, a falta de planeamento é assunto corrente, um ano depois da grande catástrofe que levava a redação do *Diário de Lisboa* a fazer duas edições do jornal no mesmo dia, com fotografias de ruínas fumegantes. Na segunda edição, esta é a manchete: «Adeus Chiado!» Já o subtítulo aponta para o futuro: «Combater a catástrofe, salvar Lisboa».

Parte da Baixa pombalina fora destruída no ano anterior, no grande incêndio do Chiado, enquanto uma parte da população da cidade estava de férias e as imagens iam sendo mostradas na RTP. Nesse dia de agosto de 1988, o líder parlamentar do PS Jorge Sampaio viera de Sintra até Lisboa, interrompendo as férias e mostrando-se a observar o combate às chamas.

Talvez pudesse ter havido medidas autárquicas capazes de evitar o grau de destruição atingido por este fogo, mas agora, apagado o incêndio, o mal está feito. E o centro histórico de Lisboa precisará de ser reconstruído.

Além do interesse histórico, cultural e arquitetónico, a principal cidade do país tem um peso simbólico muito importante na política nacional. Meses antes, o PS liderado por Vítor Constâncio não conseguira escolher e apresentar um candidato à Câmara de Lisboa, o que terá contribuído em parte para o fim da passagem de Constâncio pela liderança do partido.

«Fechei-me em casa 24 horas» | Meses depois do incêndio do Chiado, Jorge Sampaio é o secretário-geral do PS e cabe-lhe escolher um candidato forte a Lisboa. É preciso contar com o peso da maioria absoluta do PSD no governo e também com os números muito desencorajadores das últimas autárquicas em Lisboa, onde a direita reelegera o engenheiro

Nuno Krus Abecassis, seguindo-se o candidato do PCP Rui Godinho, com mais de 27% dos votos. Nessas eleições mais recentes, em Lisboa, o PS apresentara a economista Helena Torres Marques como candidata à presidência (terceiro lugar, com menos de 18% dos votos).

A eleição apresentava-se mesmo muito difícil, para quaisquer hipotéticos candidatos do partido, como haveria de contar Jorge Sampaio a Ana Sousa Dias, em 2004. «Fechei-me em casa, não havia candidatos. Era aquela célebre altura em que se diz que não há generais [no PS]. E eu candidato-me à Câmara de Lisboa de surpresa, digamos assim. Fechei-me em casa 24 horas e decidi que tinha de ser.»

Uma coligação histórica | Em Lisboa, o Presidente da Câmara Municipal era o mesmo desde 1980. Nuno Krus Abecassis, do CDS, fora eleito em coligação com o PSD. Mas desta vez o PSD iria apresentar como candidato o professor de Direito Marcelo Rebelo de Sousa, que segundo as sondagens iniciais parecia ter caminho aberto para uma eleição fácil. Estaria destinada a Marcelo e ao PSD a presidência da maior autarquia do país.

Para os adversários políticos a surpresa será grande, também pela forma como Jorge Sampaio conseguirá unir na mesma candidatura partidos de esquerda rivais, catorze anos após o fim do Período Revolucionário em Curso, o PREC. Para a candidatura a Lisboa, Sampaio haveria de criar a coligação pré-eleitoral «Por Lisboa», uma coligação histórica de esquerda onde caberiam o PS, o PCP, o MDP/CDE e Os Verdes. Para ser possível, estiveram envolvidos primeiro vários emissários. Depois, houve negociações secretas decisivas entre Jorge Sampaio e o líder do PCP Álvaro Cunhal, que levariam à saída da corrida do candidato que o PCP já

apresentara. Esse candidato era o engenheiro Rui Godinho, especialista em recursos hídricos e com anos de experiência como vereador da oposição, em Lisboa. Godinho chegara a ser aluno de Arnaldo Sampaio e acompanharia agora Jorge Sampaio na coligação «Por Lisboa», sendo eleito vice-presidente da Câmara de Lisboa.

Sampaio era um touro dos grandes | Por escolha do PCP e dos eleitores da cidade, a presidência da Assembleia Municipal caberá ao escritor José Saramago, que publicara cinco anos antes o romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Saramago participará em várias ações ao lado de Jorge Sampaio e de Rui Godinho, numa campanha sóbria em que Sampaio estará sempre um passo atrás da irreverência mostrada pelo principal opositor.

Pela direita, Marcelo Rebelo de Sousa candidata-se à frente de uma coligação do PSD com o CDS e o PPM. A candidatura surpreendente do secretário-geral do PS a Lisboa seria na altura transformada em metáfora por António Pinto Leite, amigo de Marcelo e companheiro de partido: Sampaio era um touro dos grandes, que calhara entrar para a arena.

Durante a campanha, Marcelo haveria de protagonizar vários momentos mediáticos, lembra agora o advogado Jorge Santos, amigo de Sampaio desde os tempos da Faculdade de Direito de Lisboa: «Foi quando o Marcelo foi tomar banho ao Tejo. Mas eles davam-se muito bem.»

«Até entrei na jaula de um leão» | Existe amizade e respeito entre os dois adversários, mas só um poderá ganhar. Sampaio tem a vantagem mediática de ser o líder do PS, com uma grande visibilidade política nascida nos tempos da crise académica de 1962. Menos conhecido pelo potencial eleito-rado, o candidato da coligação PSD/CDS/PPM esforçar-se-á

por se mostrar e por ser assunto nos jornais, nos noticiários de rádio e nos telejornais. Entre as iniciativas de campanha de Marcelo Rebelo de Sousa, além do tal banho nas águas poluídas do Rio Tejo, seriam incluídas provas variadas como a condução de um táxi lisboeta, uma noite com os funcionários da recolha do lixo, a limpeza da estátua do poeta António Ribeiro Chiado ou a oferta de flores a mulheres na rua, no Dia da Mãe. «Para obter notoriedade, tive de fazer trinta por uma linha. Até entrei na jaula de um leão, no circo», contaria Marcelo a José Pedro Castanheira, no segundo volume da biografia de Sampaio.

Apesar de todos os esforços mediáticos de Marcelo, a campanha ficaria marcada por um debate televisivo na RTP, dias antes da ida às urnas.

Com a ajuda de um calmante | Antes do debate, os dois candidatos trocaram cartas que foram sendo publicadas nos jornais. Chegado o dia marcado, Marcelo e Sampaio haveriam de participar nesse debate a três, com o candidato do PRD Hermínio Martinho, que alcançaria um resultado irrisório nas urnas. O Partido Renovador Democrático fora criado à volta da figura do ex-Presidente da República Ramalho Eanes, tinha conseguido eleger 45 deputados nas legislativas em 1985 e acabaria por não eleger qualquer deputado nas legislativas de 1991.

Para já, estamos em 1989. Jorge Sampaio fez uma preparação cuidada para este debate na RTP. Na véspera ficara recolhido em casa, a ouvir música clássica, e no próprio dia contará com a ajuda de um calmante.

No fim, era clara a muito maior dinâmica de Sampaio, perante um Marcelo sem garra, que mais tarde viria a contar que naquele dia estava muito engrupado. Nos jornais, seria

quase unânime a conclusão de qual dos dois principais candidatos saíra melhor daquele duelo. O próprio Marcelo diria à saída que talvez tivesse desiludido os seus eleitores.

«**Marcelo era o candidato do governo**» | Dias depois do famoso debate televisivo, em dezembro de 1989, Jorge Sampaio venceria em Lisboa, com maioria absoluta. O agora presidente da Câmara eleito trazia elogios para Marcelo no discurso da vitória, lido perante uma montanha de microfones, na conferência de imprensa da noite das eleições. «O meu adversário nesta contenda bateu-se com garra. E não é justo nem exato que a derrota lhe possa ser atribuída. Era impossível, apesar de todo o seu virtuosismo, esconder do povo de Lisboa a verdade essencial desta eleição: ele era o candidato do governo e eu o da Oposição. Foi isto e não ele próprio o que o perdeu.»

A vitória da coligação de esquerda em Lisboa fora apenas uma das derrotas do PSD, somando-se a muitas outras a nível nacional. Para o primeiro-ministro e líder do PSD Aníbal Cavaco Silva, esta seria uma estreia em matéria de derrotas eleitorais. De início Cavaco Silva evitou admitir que o PS ganhara, preferindo salientar na televisão que os ganhos autárquicos do PS a nível nacional teriam sido conseguidos à custa do Partido Comunista Português.

Uma sala cheia de processos | Sampaio haveria de elogiar a atitude posterior de Marcelo, em entrevista a Ana Sousa Dias, na RTP. «Foi oposição, durante esses anos. Sempre presente. Mas foi extremamente apoiante – ele e a sua equipa – daquilo que era essencial para a renovação da cidade enquanto método, enquanto objetivo, enquanto capacidade urbanística.» Na mesma entrevista de 2004, Ana Sousa Dias perguntaria a Sampaio se ficara assustado ao chegar à Câmara

ra de Lisboa e ao ver todos aqueles dossiês. «Confesso que fiquei. É inescusável, fez-se uma coisa que não se podia fazer, muito criticada na altura, que foi parar um conjunto de projetos. Foi dizer: "Isto, isto e isto... Pára tudo, que a gente vai reexaminar isto tudo". Era uma sala cheia de processos, que estiveram meses a ser reavaliados por várias equipas, tudo a protestar. Um inferno.»

À chegada aos gabinetes de presidente e de vice-presidente, tiveram a surpresa de encontrar tudo vazio, conta agora Rui Godinho. Não havia dinheiro e essa foi uma das primeiras prioridades a resolver, com Sampaio a ativar contactos importantes que tinha nas instituições comunitárias europeias.

Ia para o cadafalso | A nova realidade de presidente da Câmara de Lisboa seria agora acumulada com o cargo de secretário-geral do PS. Até que Sampaio interrompe o mandato em Lisboa como previsto, em agosto de 1991, para participar nas eleições legislativas como líder do PS.

Ao contrário do que acontecera nas últimas autárquicas, nestas legislativas o PSD de Cavaco Silva vencerá, com nova maioria absoluta. «Ainda houve uma sondagem que me dava à frente, mas não foi possível», contaria Sampaio a José Pedro Castanheira. «Com maioria absoluta e tantos fundos comunitários, Cavaco não era derrotável. Ele nem precisava de governar – bastava não sair de casa... O cavaquismo estava no auge e não houve tempo nem condições para forjar-lhe uma alternativa. Fiz um esforço denodado, mas desde o início que tive a noção que ia para o cadafalso.»

Isso era o poder | Após a derrota nas legislativas, Sampaio regressa à Câmara de Lisboa. E será derrotado dentro do PS pelo líder parlamentar António Guterres, que passa

agora a ser o secretário-geral. Mais tarde, Sampaio dirá em entrevista a Ana Sousa Dias que cometera um erro. «Quando ganhei – com a equipa e com a coligação que ganhou a Câmara de Lisboa – eu devia ter dito no Partido Socialista: "Meus senhores, acabou-se. Deixo de ser secretário-geral. Vou ser só Presidente da Câmara de Lisboa". A acumulação das duas coisas era demais. Não havia tempo para me dedicar mais ao Partido Socialista, numa altura de oposição, numa altura de maiorias absolutas, numa altura muito difícil. A câmara era aquilo por que eu seria julgado, porque isso era o poder.»

Não foi só papel | O trabalho de Sampaio como presidente da Câmara é agora elogiado pelo então vice-presidente Rui Godinho, de quem Jorge foi ficando cada vez mais amigo. Anos depois, assistirão juntos a um concerto inesquecível em Toronto, com outras pessoas da equipa da câmara. No palco está o cantautor Leonard Cohen, que tanto Jorge como Rui incluem entre as preferências musicais, a par da música clássica. Já o escritor José Saramago aguentará apenas um ano como presidente da Assembleia Municipal, dizendo nessa altura a Sampaio que não teria jeito nem paciência para aquela função.

Em Lisboa, muito mudará ao longo dos primeiros anos de mandato de Sampaio, que se candidatara à câmara apresentando cinquenta medidas de emergência. «Às vezes oiço dizer não se fez isto, não se fez aquilo», diria Sampaio a Ana Sousa Dias, em 2004. «As pessoas perderam um pouco a noção do que foram aqueles primeiros anos, de 1990 a 1993, em que tanta coisa foi reformulada. Não foi só papel. Porque há a mania de dizer "Só fez planos".... Não, não, foi uma estratégia para a cidade, foi agrupar as forças sociais e económicas no contexto de desenvolvimento da cidade. Fomos de algum

modo percursores de uma estratégia para as cidades. Isso aí é uma honra que eu tenho, de ter desenvolvido o Plano Estratégico. E depois tudo o mais que foi acontecendo.»

Nunca foi ministro | As medidas decididas pelo executivo de Sampaio seriam marcantes para a cidade de Lisboa, com destaque para um grande esforço de erradicação de barracas, a Lisboa Capital Europeia da Cultura (1994) ou as bases para o que viria a ser mais tarde a Expo'98. Pelo caminho, foi preciso trabalhar dentro da grande máquina administrativa e burocrática que era a autarquia da capital. «Tive o cuidado de ter bons consultores jurídicos», contaria a Ana Sousa Dias. «Apesar de ser advogado de profissão, tive jovens que eram então os primeiros especialistas em Direito Urbanístico e Direito Administrativo e isso foi uma grande âncora, porque aquilo é maior do que um Ministério. Às vezes dizem "Você nunca foi ministro...". Não fui. Que pena, porventura. Fui apenas um modesto secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.»

Não vamos presos? | Ao serviço da maior autarquia do país, Sampaio trabalharia com alguns dos melhores urbanistas, como Manuel Fernandes de Sá, e com outros especialistas em cada área, como contaria a Ana Sousa Dias. «Pessoas que obviamente são acima de qualquer suspeita, que é indispensável. E outros que já lá estavam. Por exemplo, o Departamento Financeiro da Câmara de Lisboa era à altura absolutamente notável, e vereadores de primeiro plano, quer da maioria quer da oposição. Pessoas com quem se podia discutir.»

Na autarquia, uma das prioridades de Sampaio seria a legalidade, como contaria o vice-presidente da Câmara Vasco Franco no livro *Era uma vez Jorge Sampaio*. «Quando ia a despacho com ele, na CML, normalmente para autorizar uma

despesa avultada que ultrapassava os limites da minha competência, era tudo visto com grande minúcia e era frequente recorrermos a um dos juristas que o assessoravam. Depois de ver tudo ao ínfimo pormenor, já com a caneta na mão, o Jorge olhava para mim, com um sorriso, e perguntava: "Tens a certeza que não vamos presos?" Eu garantia que sim, que tinha a certeza, e ele assinava, ciente de que era tudo legal e transparente.»

«**De repente começo a ver sondagens**» | Para Jorge Sampaio, a cidade devia afirmar-se como Lisboa Capital Atlântica da Europa. Uma das iniciativas importantes do primeiro mandato como presidente da Câmara seria o avanço do Plano Diretor Municipal, o primeiro PDM da cidade de Lisboa.

Já ao chegar o final do primeiro mandato, Sampaio irá a eleições, à frente de uma coligação de esquerda que se chama agora «Com Lisboa». A nova coligação é formada pelo PS com o PCP, o Partido Ecologista Os Verdes, o Partido Socialista Revolucionário (PSR) e a União Democrática Popular (UDP). Como principal adversário, Sampaio tem o engenheiro Macário Correia, do PSD, que fora secretário de Estado do Ambiente com Cavaco Silva.

Durante a campanha eleitoral, um dos trunfos apresentados por Macário Correia é a hipótese de o principal adversário vir a deixar a câmara antes do final do segundo mandato, para se candidatar à Presidência da República. Mas apesar desta e de outras críticas lançadas durante a campanha, a vitória de Jorge Sampaio será clara em Lisboa, com nova maioria absoluta.

Teria Macário Correia razão ao falar na Presidência da República? «As pessoas dizem que foi na eleição de 1993. Não, aí não havia o mais pequeno pensamento», haveria de contar Sampaio a Ana Sousa Dias. «Havia muitas pessoas a dizer,

você afinal vai-se candidatar ou não a Presidente? Vai continuar na câmara? Eu dizia sempre que não. Era verdade, essa possibilidade havia, mas não era uma coisa que eu pensasse que era possível. E tanto assim que demorou muito tempo até essa decisão, passaram dois anos. De repente começam a aparecer sondagens e eu começo a aparecer à frente. E as pessoas a dizerem-me: "Meu caro amigo, você tem de tomar uma decisão, porque as sondagens dizem..." Isto vai andando e começa a perceber-se que há um conjunto de possibilidades. E uma pessoa diz-se, afinal de contas porque não? É uma outra forma de prestação cívica, de prestação política, para quem fez o caminho que eu fiz. Pode ser que tenha possibilidades de ser entendido.»

O segundo também era parvo | Com a candidatura de Sampaio a Belém, a presidência da Câmara Municipal de Lisboa ficará entregue a João Soares, militante destacado do PS, eleito como número dois na coligação de esquerda de Sampaio e filho de Maria Barroso e de Mário Soares, o então Presidente da República.

Mas será que o perfil de Jorge Sampaio é o mais indicado para um candidato a Presidente da República? Daniel Sampaio identifica no irmão uma faceta diplomática muito acentuada e conta uma história passada décadas antes de Jorge se candidatar a Belém. «A certa altura, pensou que queria ser diplomata. O meu padrinho era o Miguel Mendes Alves, médico de Medicina Interna, professor da Faculdade de Medicina, muito amigo do meu pai. E o meu pai foi dizer-lhe:

– O Jorge está a pensar ir para Diplomacia.

– Diplomata? Ah, vou contar-te uma história, Arnaldo. Um pai tinha sete filhos. O primeiro era diplomata, o segundo também era parvo.

O meu padrinho era uma pessoa muito influente na família. Não tinha filhos e tinha vários afilhados, entre os quais eu, que transformava numa espécie de filhos. Ele era muito ouvido, o Jorge ouviu isso e teve algum impacto. Mas aquela faceta diplomática estava muito metida dentro dele. E a Presidência da República, de alguma forma, veio dar razão a essa ideia anterior.»

A caminho da Reitoria | Primeiro, a intenção de se candidatar à Presidência da República é comunicada por telefone a António Guterres. O líder do PS tem como objetivo vir a ser primeiro-ministro, caso consiga ganhar as eleições legislativas de daqui a menos de um ano. Guterres ainda não divulgara o apoio do PS para as próximas presidenciais. Mas, com esse telefonema de Sampaio, ficam afastadas outras hipóteses que o PS teria para Belém.

Dias depois, a 7 de fevereiro de 1995, a candidatura de Sampaio será anunciada ao país. Pouco antes, o candidato telefona ao vice-presidente Rui Godinho. Atende o telemóvel quase a chegar a uma inauguração. Jorge conta-lhe que está neste momento a caminho da Reitoria, com Maria José Ritta, para anunciar que será candidato a Belém. O sítio escolhido é a mesma Cidade Universitária onde tinham acontecido tantos dias históricos durante a crise académica de 1962.

Agora, quem será o principal adversário de Jorge Sampaio, nestas eleições que servirão para escolher o sucessor de Mário Soares em Belém?

1995-2021

PRESIDENTE SAMPAIO

Quem for votar hoje pode escolher Aníbal António Cavaco Silva ou, então, optar por Jorge Fernando Branco de Sampaio.

Agora que o nome completo de Jorge está impresso pela primeira vez num boletim de voto para as presidenciais, morreu há anos o pai Arnaldo Sampaio. Também Sarah Bensaúde já cá não está para assistir. A avó Sarah fora uma referência fundamental daquele rapazinho ruivo nascido em 1939, no primeiro mês da Segunda Guerra Mundial.

Desde esse dia de setembro, Portugal e o mundo têm mudado muito, talvez cada vez mais depressa. Os resultados da equipa do Sporting continuam a desiludir os adeptos do clube, apesar de a equipa principal jogar muitas vezes um futebol brilhante, neste início de 1996. No verão passado, o Sporting de Jorge Sampaio viu sair para Espanha uma das suas maiores estrelas. Chama-se Luís Figo e joga agora no Barcelona.

Em Portugal, as balizas do último campeonato sofreram com um avançado do Futebol Clube do Porto. Foi o melhor marcador e chama-se Domingos Paciência. Já a impaciência tem sido acumulada por sportinguistas atentos como Sampaio, porque o clube não consegue ser campeão nacional de futebol desde a época de 1981/1982. Pelo menos, conquistou

a última Taça de Portugal, numa final jogada contra o Marítimo. Nesse jogo, o Sporting tivera em campo alguns dos seus melhores jogadores de sempre, como Balakov. Ainda durante o aquecimento, o defesa do Sporting Vujacic seria mordido por um cão-polícia, em pleno Estádio Nacional.

Muito taco a taco | Vão longe os tempos em que os cães-polícia e os cassetetes da ditadura de Salazar andavam atrás de estudantes universitários interventivos como Jorge Sampaio. Vinte e um anos depois da queda da ditadura de Marcello Caetano, a democracia portuguesa já passou a fase de aquecimento e atingiu a maturidade. O Partido Socialista está há meses no governo, ainda em estado de graça. O Presidente da República Mário Soares prepara-se para passar o testemunho de Belém.

O candidato do PCP desistira dias antes das eleições, apelando agora ao voto em Sampaio. Jerónimo de Sousa identifica o socialista como um candidato do campo democrático, por oposição a um candidato do campo da direita.

Desde o início, a campanha eleitoral para estas presidenciais fora disputada pelos dois principais candidatos «muito taco a taco», recorda agora Daniel Sampaio. Até houve insinuações de alcoolismo, «uma coisa completamente fabricada», conta o irmão Daniel. «Ele sempre bebeu pouquíssimo. Bebia socialmente, mas em pequenas quantidades.»

Outra forma de atacar Sampaio foi através de relatos sobre uma suposta má conduta passada com a médica com quem fora casado. «A Karin [Schmidt Dias] veio para os jornais dizer: "Sou uma grande apoiante do Jorge, somos amigos". Isso foi uma coisa muito importante, na altura», conta Daniel Sampaio. Mas o que se passara nos últimos meses, antes desta ida às urnas?

Conquista do Paraíso | Entre o final de 1994 e o início de 1995, a popularidade do primeiro-ministro Aníbal Cavaco Silva degradara-se cada vez mais. Ao mesmo tempo, o líder da oposição António Guterres aparecia em comícios do PS ao som da banda sonora épica do filme *1492: Conquista do Paraíso*, criada pelo compositor grego Vangelis.

A 1 de outubro de 1995, o PS liderado por Guterres venceu mesmo as eleições legislativas, ficando muito próximo da maioria absoluta. Com esta vitória de Guterres, acabavam dez anos de cavaquismo no governo do país, embora o próprio Cavaco Silva tenha saído antes deste combate eleitoral. O ainda primeiro-ministro deixara estas eleições legislativas para o seu antigo braço-direito Fernando Nogueira, que em fevereiro fora eleito líder do PSD, numas eleições internas ganhas por margem mínima, José Manuel Durão Barroso ficara em segundo lugar.

O tabu presidencial | Depois de várias hesitações públicas, o tabu presidencial de Cavaco Silva será desfeito, dez dias depois da derrota do PSD nas legislativas. Na noite de 10 de outubro de 1995, apresenta-se no Hotel Meridien, em Lisboa. Antes de falar aos jornalistas, Cavaco Silva bebe um gole de água, mexe nas folhas de papel A4 que tem sobre a mesa e anuncia ter tomado a decisão de se candidatar à Presidência da República, depois de ter refletido e ponderado «sobre os desafios que no presente e no futuro se colocam a Portugal». Quinze dias depois, haveria de passar o testemunho do governo ao líder do PS. Durante a tomada de posse de Guterres, o primeiro-ministro cessante sentiu-se mal e precisou de ajuda, por estar a desfalecer.

Todos são necessários | Quase oito meses antes de Cavaco Silva ter quebrado o tabu sobre as presidenciais, já Jorge

anunciara que seria candidato a Belém. A 14 de janeiro de 1996, a vitória de Sampaio confirma-se nas urnas, com quase 54% dos votos, contra 46% de Cavaco.

Pouco depois das dez da noite, Jorge Sampaio mostra-se aos jornalistas e faz o discurso da vitória, começando por estas palavras de união: «As escolhas estão feitas, não há maiorias presidenciais. E entre os eleitores, não há derrotados. Serei o Presidente de todos os portugueses, todos são necessários para garantir o futuro de Portugal. Todos podem contar comigo.»

«**We did it!**» | Catorze anos depois dessa noite, em entrevista para o *Público*, Anabela Mota Ribeiro haveria de perguntar ao vencedor como é que a mãe vivera aquele momento da eleição de Jorge, como Presidente da República. «Com muita emoção. A minha mãe estava no Hotel Altis, oito horas, vem aquela sondagem à boca da urna e percebe-se que eu posso ter ganho. A primeira coisa que fiz foi ir junto à minha mãe, disse: «We did it!» [«Conseguimos!»] Foi o que saiu. Teve essa felicidade. À segunda eleição não assistiu. Morreu em 2000, estava eu em Timor.»

Naquele momento de vitória, Jorge falara com a mãe em inglês. Acontecera com a naturalidade de sempre. «Tinha um inglês espantoso, tinha uma pronúncia fabulosa», conta agora o amigo Jorge Santos, que começara a cruzar-se com aquele miúdo ruivo a partir dos exames da 3.^a classe. «Fazia-se entender melhor em inglês do que em português. Em português, tinha aqueles discursos muito torturados. Era o anti-Marcelo [Rebello de Sousa]. Em inglês, falava com uma clareza espantosa. Sem voltas nem voltinhas, direto aos assuntos.»

O Prémio Nobel da Paz | O assunto Timor-Leste está ligado a Jorge Sampaio desde a primeira campanha eleitoral para

Belém. Em novembro de 1995, em entrevista ao *Expresso*, o candidato dissera que gostaria de ser o primeiro Presidente português eleito a ir a Timor-Leste, «depois de concluído, e em paz, um processo de autodeterminação». O processo de autodeterminação e a independência de Timor-Leste haveriam mesmo de ser concluídos, mas não de forma pacífica.

Sampaio tomou posse no início de março de 1996. Em outubro o mundo recebeu uma notícia vinda de Oslo, que trazia novo fôlego à causa da autodeterminação do povo timorense, sob ocupação militar indonésia desde dezembro de 1975. A boa notícia vinda da Noruega era o anúncio dos vencedores do Prémio Nobel da Paz, agora atribuído ao porta-voz da resistência timorense José Ramos-Horta e ao Bispo de Díli, D. Carlos Ximenes Belo.

«Com a minha lata do costume» | O prémio será agora aproveitado da melhor forma a favor da libertação de Timor-Leste. Sampaio viajará até Oslo para assistir à cerimónia de entrega do Nobel da Paz. Na véspera do grande dia, a estadia da comitiva do Presidente Sampaio é no mesmo hotel onde estão Ramos-Horta e Ximenes Belo, que a seguir à entrega do prémio deverão participar num debate de uma hora, transmitido em direto de Oslo pelo canal de televisão norte-americano CNN.

No mesmo hotel está também o pivô da CNN, Jonathan Mann. «Vi-o sentado no *lobby* do hotel e decidi forçar a minha entrada no debate. Pensei: "não é tarde nem é cedo, é agora" – e fui falar-lhe com a minha lata do costume, porque nessas coisas avanço logo. Sugeriu-me que participasse e disse logo que sim», contaria Sampaio a José Pedro Castanheira.

Uma coisa do outro mundo | No debate, a Indonésia é representada por um trio onde se inclui o embaixador do

país nas Nações Unidas e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ali Alatas. Por Timor-Leste, fala o Bispo de Díli, Ramos-Horta e o Presidente de Portugal. Depois de uma primeira intervenção, Sampaio quer voltar a falar uma última vez, como contará a José Pedro Castanheira. «Senti que precisava de dizer mais qualquer coisa, via o tempo a escoar-se e disse, já não sei para quem: "Tenho de ter uma segunda intervenção. Trinta seconds". Os tipos da CNN, favoráveis à causa, aceitaram. A minha cabeça nunca andou tão depressa na vida. Eu tinha aquilo engatilhado e saiu na perfeição. Foi um momento altíssimo, inolvidável – não tenho dúvida que foi um dos momentos mais altos da minha vida política, uma coisa do outro mundo.»

«**Agarrei-me a ele a chorar**» | Em fevereiro de 2000, o Presidente Sampaio estava do outro lado do mundo quando a mãe morreu em Portugal, aos 91 anos. Jorge receberia a notícia pouco depois de desembarcar do avião militar Hércules C-130.

A comitiva presidencial portuguesa aterrara em Baucau para uma visita a Timor-Leste, meses depois do referendo histórico em que a população timorense votara a favor da independência. De início, a notícia da morte de Fernanda foi passada de forma discreta a Maria José Ritta, que contou a Jorge. «Quando o Bispo [de Baucau] Basílio me falou, de forma muito carinhosa, agarrei-me a ele a chorar, com milhares de pessoas cá fora à espera. Estávamos ambos muito comovidos e ficámos amigos».

Governo sem eleições | A disponibilidade para se comover em público foi uma das marcas distintivas do Presidente Sampaio, que viria a ser reeleito para um segundo mandato em 2001.

A decisão mais polémica de Jorge Sampaio foi tomada no segundo mandato, quando no verão de 2004 deu posse a um novo governo sem que tivesse havido novas eleições. Aconteceu no contexto da saída do governo do primeiro-ministro e líder do PSD José Manuel Durão Barroso, que foi presidir à Comissão Europeia.

O novo governo será liderado pelo número dois do PSD, Pedro Santana Lopes, e durará oito meses, terminando quando Sampaio decide dissolver a Assembleia da República e convocar eleições.

Um verdadeiro *gentleman* | Para descrever as qualidades de Jorge, o amigo José Vera Jardim começa por falar sobre o pai Arnaldo e sobre a mãe Fernanda: «Saber estar com os outros é uma grande qualidade, mesmo que os outros tenham uma opinião diversa. O Jorge tem qualidades que vieram da mãe e do pai. A mãe era superiormente inteligente, fui advogado dela e fazia-me perguntas em que eu pensava: "Sabe tanto de Direito como eu", porque estudava as coisas. Do pai veio esse sentido de saber estar com os outros. Eu direi que o Jorge era um verdadeiro *gentleman*. E na política ser *gentleman* será uma qualidade? Acho que sim. Hoje não sei se será. Acho que continua a ser importante. Essa é uma das grandes qualidades do Jorge. E depois, saber tomar as suas decisões. Esteja eu de acordo com elas ou não, não interessa. Decisões difíceis. O Presidente da República tem de as tomar. Por exemplo, não deixar ir tropas portuguesas para o Iraque. Foram Guardas Republicanos, o que é uma coisa diferente, para manter a ordem. A decisão do Santana Lopes também é uma decisão difícil. Boa ou má, não interessa. É tomada, mas tomada ouvindo as pessoas, sempre. Ouvindo muitas pessoas. Isso também é uma coisa da tal envolvência pessoal que ele

tem. O grupo que ele gosta de ouvir. E mesmo pessoas fora do grupo, que não sejam da sua intimidade política.»

Nós não temos estes encontros | A Presidência da República é sobretudo uma magistratura de influência e muitos dos gestos de cavalheirismo de Jorge Sampaio terão sido discretos, como a atitude que tomou em relação ao antigo antagonista político Aníbal Cavaco Silva, nos últimos dois anos do segundo mandato em Belém.

«Comecei a almoçar com Cavaco Silva em Belém», contaria a José Pedro Castanheira. «Fora meu adversário, mas tenho-o como uma pessoa de bem e tinha como certo que seria candidato, e muito forte. Disse-lhe: "Nós não temos estes encontros, mas se alguém perguntar dizemos que sim." Concordou.»

Após a vitória de Cavaco nas presidenciais de 2006, a transição de poderes é cuidadosa, quebrando com a tradição anterior em Belém, tanto na substituição de Ramalho Eanes por Mário Soares como na passagem de pasta de Soares para Sampaio.

As gémeas Andreia e Oriana | Ao cavalheirismo, o Presidente Sampaio juntaria muitas vezes uma dose de solidariedade inquieta, como quando em janeiro de 1998, quando viajou até ao concelho de Baião, onde conheceu na aldeia isolada de Mafómedes as gémeas Andreia e Oriana Belchior.

As duas meninas de 10 anos tinham tido bom aproveitamento escolar, mas estavam em vias de deixar de estudar. A família tinha dificuldades em pagar o transporte até à escola e porque as gémeas faziam falta no campo, onde ajudavam a família na agricultura. Sampaio sentou-se para uma reunião improvisada com as gémeas, a mãe, o pai, a presidente da Câmara Municipal de Baião e o ministro da Educação.

Começou a tentar perceber o que poderia ser feito. Perante as lágrimas iniciais da mãe das meninas, Sampaio terá feito este pedido: «A senhora não chore, porque eu não sou padre.»

A valorização da educação | Com a influência de Sampaio e sob pressão mediática, as autoridades irão coordenar-se para haver uma solução, logo a partir do dia seguinte. Andreia e Oriana Belchior continuariam a estudar. Já em Coimbra, uma estudou Radioterapia, a outra Direito. No final do segundo mandato em Belém, Sampaio haveria de almoçar com as duas estudantes universitárias em Coimbra, no Hotel Astória.

A ligação aos estudantes e a valorização da educação haveriam de ficar como marcas do antigo líder estudantil. Depois da passagem por Belém, uma das iniciativas mais emblemáticas de Sampaio foi a criação da Plataforma Global para Estudantes Sírios, que daria depois origem à Plataforma Global para o Ensino Superior nas Emergências.

Uma pessoa aberta ao mundo | Em entrevista publicada em junho de 2004 no *Público*, Sampaio faria uma síntese autobiográfica redonda, perante o desafio «diga-me quem é», posto em cima da mesa por Maria João Seixas. «Acho que essa é a pergunta mais difícil de todas, até porque somos um pouco nós e, ao mesmo tempo, somos também o reflexo que os outros têm de nós. Em qualquer caso, sempre se poderá dizer que sou um inconformista, inquieto, muito exigente. Às vezes as pessoas dizem "lá vai ele com aquela cara, parece que leva o país às costas", não é nada disso, sinto é que estou, sempre, um pouco em défice relativamente àquilo que deveria, porventura, poder fazer. O que dá uma grande exigência. Tenho tido a sorte e o privilégio de canalizar algumas

das minhas energias (que, confesso, têm sido muitas) para aquilo que hoje chamamos o serviço à comunidade e que outros chamarão de maneiras menos nobres. Isso tem ocupado grande parte da minha vida e já obscureceu a vida profissional, que foi intensa. Continuo tão inquieto como dantes, com pena de não poder dizer algumas coisas que, um dia mais tarde, provavelmente direi, mas hoje acho que não devo, ainda, fazê-lo. Para além deste ar austero e preocupado, que me é natural, tenho outro lado, mais divertido e mais desconhecido, que deixo para os meus amigos e para a dispersão dos meus gostos. Essa dispersão é avassaladora, porque adoro música – nada melhor para mim do que assistir ao ensaio de um concerto, não tanto já a execução no dia do espectáculo, mas o ensaio, com as nuances da aprendizagem.

Gosto de touradas – o que é muito criticado, não fiz nada que me levasse a gostar e até é um pouco contraditório com a minha personalidade.

Gosto imenso de futebol, de ver e de estudar futebol – porque, não sei.

Gosto imenso de pintura, de que não percebo o que gostaria, e é sempre com grande interesse e alegria que ouço o que os artistas plásticos me dizem das suas obras, preferencialmente fora das vernisages.

Procuro sempre estar aberto ao que se passa no meu tempo e ao que poderá acontecer no tempo que há-de seguir-se e não nego que tenho preocupações muito pesadas (apesar de ser pessoa de um optimismo permanente, de um optimismo que é até mais um assumir de que é preciso a vontade para transformar, para melhorar) e que tenho um grande sentido da injustiça que existe e dos enormes contrastes sociais que há em Portugal, de uma ponta à outra do país.

Sempre gostei de ser português e dos portugueses, mas hoje gosto ainda mais. Acho, quando falo com as pessoas, que há qualquer coisa dentro dos portugueses que, lentamente, consegue tomar expressão e sair cá para fora de um modo franco e lúcido que, antes, talvez eu não soubesse que assim era.

Confesso ainda que fui um europeu antes de tempo, tive a sorte de ter essa dimensão desde cedo, dimensão que os meus pais sempre me proporcionaram, fazendo de mim uma pessoa aberta ao mundo.»

Amou Portugal pela fragilidade | Quando o Presidente Sampaio morreu em setembro de 2021, Portugal e o mundo estavam a viver sob os efeitos da epidemia de Covid-19. Foi decretado luto nacional durante três dias. As cerimónias fúnebres tiveram a presença das principais figuras do Estado, com máscaras de proteção a tapar a boca e o nariz, como se tornara comum para evitar a propagação do vírus.

O atual Presidente da República era agora Marcelo Rebelo de Sousa, amigo de Sampaio e antigo oponente político. Além da família e de uma multidão que esteve em parte das cerimónias, também estiveram presentes António Ramalho Eanes e Aníbal Cavaco Silva.

Um dos discursos mais marcantes foi o de Marcelo Rebelo de Sousa, que descreveu Sampaio como um homem que «amou Portugal pela fragilidade e tantas vezes na fragilidade. Mais do que isso: fez dessa fragilidade sua, nossa, de todos nós, força sua, nossa, de todos nós. Nunca quis ser herói, mas foi em tantos e tantos dos seus lances de vida heroico. Daquele heroísmo discreto, mais lírico do que épico, mais doce do que impulsivo. Firme, mas doce. E também por isso o recordamos com doçura.»

Já a filha e o filho de Jorge Sampaio falaram sobre o pai com outra proximidade. No discurso lido a meias por Vera e André, houve palavras como estas: «Com ele aprendemos a ser curiosos e atentos ao que acontece. Guardamos as nossas conversas, as viagens que fizemos, as tardes partilhadas no silêncio de um livro, um filme, um concerto, ou um simples jogo de futebol.»

Um futuro que resista às regressões | Os livros sempre fizeram parte da vida do pai de Vera e André. Em abril de 2018, Jorge Sampaio escrevera um posfácio elogioso para o livro de memórias de Helena Pato *A Noite mais Longa de Todas as Noites – 1926 -1974*, concluindo com estas palavras: «Para mim, que atravessei o antes e o depois da democracia e da liberdade em Portugal e que tenho acompanhado com muito interesse o curso da construção europeia, é com grande preocupação que assisto à emergência de tendências autoritárias no próprio coração da Europa, à afirmação despudorada de populismos de toda a espécie e a assustadoras regressões no plano da defesa dos direitos humanos e das liberdades. Deste ponto de vista, a leitura desta *A Noite mais Longa de Todas as Noites* foi, para mim, como que a renovação da certeza de que se soubermos preservar a memória coletiva, saberemos moldar um futuro que resista às regressões, sempre possíveis, da História.»

Agradeço ao jornalista José Pedro Castanheira, autor dos dois volumes saborosos *Jorge Sampaio – uma Biografia*. E também a Ana Malta, Daniel Sampaio, Joana Fornelos, Joaquim Mestre, João Pombeiro, Jorge Santos, José Manuel Vilaça, José Vera Jardim, Luís Gouveia Monteiro, Pítum Keil Amaral, Rosa Ruela, Rosarinho Assis Pacheco e Rui Godinho.

FONTES PRINCIPAIS

A Noite mais Longa de Todas as Noites – 1926-1974 (2018), de Helena Pato, com posfácio de Jorge Sampaio.

Arquivos da RTP, da Antena 1, do *Diário de Lisboa*, do *Diário de Notícias*, do *Público*, do *Expresso*, do *The New York Times* e da Fundação Mário Soares e Maria Barroso.

Grandes Planos – Oposição Estudantil à Ditadura – 1956-1974 (2001), de Gabriela Lourenço, Jorge Costa e Paulo Pena.

Era uma Vez Jorge Sampaio – Histórias e Imagens (2022), coordenação de João Bonifácio Serra, Jorge Simões, José Gameiro, José Pedro Castanheira, com a colaboração de Paulo Petronilho.

Jorge Sampaio – uma Biografia, dois volumes (2012 e 2017), de José Pedro Castanheira.

O meu Livro de Política (2009), de Jorge Sampaio, com ilustrações de Tiago Albuquerque.

O Essencial sobre a PIDE (2023), de Irene Flunser Pimentel.

João Pacheco nasceu em 1981. Tem a sorte de ser pai de duas filhas e de dois filhos e de ter crescido com uma mãe professora e um pai jornalista, além de cinco irmãs e de uma avó adotiva que lhe contava histórias.

Tem trabalhado como jornalista desde 2005, sobretudo em imprensa, mas também em televisão e na rádio. Antes, gozou o privilégio de assistir a algumas aulas brilhantes em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses, na Universidade Nova de Lisboa, e também na L’Orientale, em Nápoles.

Escreve todas as semanas para a revista do *Expresso* e trabalha para outras publicações. Na coleção de retratos políticos da revista *SÁBADO*, escreveu primeiro o livro *Rejeito as Ditaduras*, uma biografia política de Francisco Sá Carneiro.



RETRATOS POLÍTICOS **BREVES BIOGRAFIAS DE POLÍTICOS PORTUGUESES I**

- 01. ANTÓNIO OLIVEIRA SALAZAR POR JOAQUIM VIEIRA**
- 02. MARCELLO CAETANO POR ANTÓNIO ARAÚJO**
- 03. ÁLVARO CUNHAL POR ADELINO CUNHA**
- 04. FRANCISCO SÁ CARNEIRO POR JOÃO PACHECO**

BREVES BIOGRAFIAS DE POLÍTICOS PORTUGUESES II

- 01. HUMBERTO DELGADO POR ANTÓNIO ARAÚJO**
- 02. ANTÓNIO DE SPÍNOLA POR BRUNO VIEIRA AMARAL**
- 03. DIOGO FREITAS DO AMARAL POR JOAQUIM VIEIRA**
- 04. ANTÓNIO RAMALHO EANES POR ISABEL TAVARES**



Leia o QR Code para
comprar online.

Para adquirir coleções anteriores ou alguns dos seus volumes, entre em contacto connosco através de pedidos@colecõesanteriores.pt ou 218 367 007.

Jorge Sampaio nasce a 18 de setembro de 1939. Cresce entre Sintra e Lisboa. Estuda num colégio inglês e em escolas públicas. Descobre a política e organiza uma greve académica que faz tremer a ditadura. É preso e fotografado na Prisão de Caxias. Como advogado, defende presos políticos. Funda grupos de resistência, escreve na imprensa, participa numa reunião secreta em Paris, é candidato a eleições pela oposição. Vive sob vigilância da PIDE. Depois do 25 de Abril, é cofundador do MES, secretário de Estado, deputado, líder parlamentar e secretário-geral do PS. Em 1989, candidata-se à Câmara de Lisboa e vence com uma coligação de esquerda. Nos dois mandatos na Presidência da República, torna-se uma voz central em causas como a da independência de Timor-Leste. Morre em setembro de 2021, elogiado por antigos adversários políticos. Era um *gentleman*.

João Pacheco

«A NOITE EM QUE DECIDIMOS FAZER A GREVE
ACADÉMICA, NUM QUADRO DITATORIAL
E REPRESSIVO, É INESQUECÍVEL. É UM SALTO NO
DESCONHECIDO. ACHEI QUE TINHA DE AJUDAR
A MUDAR ISTO. TORNOU-SE INSEPARÁVEL
DO SENTIDO DA MINHA VIDA.»

